



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO CULTURAL**

**FRANCISCO RENAN DIAS MARQUES**

**O QUE AS PERIFERIAS ENSINAM? PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E  
EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA COM A PERIFERIA DE SOBRAL**

**SOBRAL/CE**

**2022**

**FRANCISCO RENAN DIAS MARQUES**

**O QUE AS PERIFERIAS ENSINAM? PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E  
EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA COM A PERIFERIA DE SOBRAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Juventudes e questões contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas

**SOBRAL/CE**

**2022**

**FRANCISCO RENAN DIAS MARQUES**

**O QUE AS PERIFERIAS ENSINAM? PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E  
EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA COM A PERIFERIA DE SOBRAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Juventudes e questões contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA  
Orientador

---

Prof. Dr. Rodrigo Chaves de Mello  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA  
Examinador Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lisabete Coradini (UFRN)  
Examinadora Externa

**SOBRAL/CE**

**2022**

*Dedico este trabalho a todos os jovens que  
tiveram suas trajetórias de vida interrompidas  
dentro do cotidiano periférico.*

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos fazem parte de uma sinergia comum a quem construiu e fez parte deste trabalho, nos mais diferentes sentidos e afetos, quero agradecer e fazer dessa escrita um abraço acolhedor a todas e todos colaboraram significativamente para essa realização.

Agradeço a toda minha família, exclusivamente a minha mãe dona Menta, uma pessoa que não mediu esforços para me educar, e ao meu pai Jailmar (*in memoriam*).

As minhas avós dona Carmélia (Mãesenhora), dona Creuza. Aos avôs (*in memoriam*) Francisco Dias (Papai Chico) e José Marques (Vovô Déde).

Agradeço os afetos das minhas irmãs: Carla; Patrícia e Taís. Das sobrinhas: Ana Sophia; Ana Clara. Dos sobrinhos: Thomason; Loreno e Aquiles.

A minha companheira Raiana Souza por compreender os esforços solitários da pesquisa e da escrita das narrativas periféricas.

A todas as periferias, guetos e vielas que somam nessa caminhada uma resistência.

Ao meu bairro Terrenos Novos por me oportunizar essa educação para além dos muros.

A todas e todos militantes do Movimento Social FOME que acreditam na autonomia da periferia como força de empoderamento do gueto.

Aos Mc's das batalhas de rap, em especialmente aos que constroem a Batalha do T.N.

Agradeço imensamente a Universidade Estadual Vale do Acaraú e ao curso de Ciências Sociais, por oportunizarem essa conquista acadêmica nas ciências. Ao PROFSOCIO e a CAPES, pela oportunidade e contribuição significativa para minha formação acadêmica e profissional.

Agradeço ao Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, pelo aprendizado, pelas vivências e experimentos audiovisuais que só reforçam as potencialidades e rupturas possíveis para se pensar a formação acadêmica em sua pluralidade. A todas e todos

bolsistas que constroem com muito afeto e dedicação esse espaço tão importante para a nossa formação acadêmica.

Imensamente grato ao professor e orientador Dr. Nilson Almino de Freitas por sempre acreditar e persistir na proposta audiovisual deste trabalho. As orientações dessa pesquisa levarei para a vida.

Grato ao companheiro e irmão de luta Tiaguim Tavares, que contribui em cores e valores para a realização do filme “Tinta Neles”. Sua trajetória e seus traços no graffiti nos fizeram contextualizar as práticas educacionais não formais dentro das escolas.

“Antes de prosseguir no meu caminho.  
E lançar o meu olhar para frente  
Uma vez mais elevo, só, minhas mãos a Ti,  
Na direção de quem eu fujo.”  
(Friedrich Nietzsche)

## **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa foi apresentar uma proposta de construção de material didático para o ensino de sociologia. Partindo da produção audiovisual como ferramenta pedagógica, pensamos os caminhos educacionais dentro de uma perspectiva rizomática, parafraseando Deleuze e Guattari. Em sentidos múltiplos de se pensar o ensino de sociologia, nossa pesquisa buscou trabalhar de maneira compartilhada com agentes educacionais que constroem narrativas desejantes dentro do cotidiano da periferia urbana da cidade de Sobral/CE. A pesquisa compartilhada com o Movimento Social FOME, um coletivo de jovens moradores da periferia de Sobral, e a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, através do LABOME, Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas, possibilitou um pensar mais amplo e coletivo em relação aos objetivos que traçamos frente ao campo de atuação da produção audiovisual como proposta de material didático. Compreendendo as atividades artístico-culturais que o Movimento Social FOME realiza nos bairros periféricos como fenômenos educacionais não formais, reforçamos a potencialidade que essas expressões representam para as juventudes num sentido singular para pensarmos o que as periferias têm para ensinar? Assim, além das questões apresentadas, pensaremos em como os processos educativos demonstrados neste estudo poderiam ensinar e criar material didático para o ensino de sociologia. Focaremos no uso da produção audiovisual sob o ponto de vista de diversas mídias como proposta de material didático para o ensino de sociologia para alunos do ensino médio de escolas públicas. Os materiais estudados variaram entre: documentários, vídeos e *podcasts*. Esta perspectiva midiática reforça nosso desejo de abordar a dinâmica linguística que consideramos cada vez mais poderosa entre a rua e a juventude, e demonstra que o material aqui trabalhado é a ponte que conecta o cotidiano com a realidade escolar no ensino de sociologia. A testagem do material se deu por meio da colaboração de professoras de três escolas de diferentes municípios aqui da zona noroeste do Estado, a saber: Escola de Ensino Médio Elza Goersch, localizado no município de Forquilha, com a professora Auciele Santos. Escola de Ensino Médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior, localizada no distrito de Jordão, com a professora Inês Mara e a Escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino, situada em Aráquem, distrito do município de Coreáú, com a professora Luciara dos Santos. Todas as professoras que participaram desse experimento com os materiais didáticos aqui produzidos são alunas do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

**Palavras-chave:** Educação não formal. Ensino de sociologia. Audiovisual. Material didático.

**ABSTRACT**

The objective of this research was to present a proposal for the construction of didactic material for the teaching of sociology. Starting from audiovisual production as a pedagogical tool, we think about educational paths within a rhizomatic perspective, paraphrasing Deleuze and Guattari. In multiple senses of thinking about the teaching of sociology, our research sought to work in a shared way with educational agents who build desiring narratives within the daily life of the urban periphery of the city of Sobral/CE. The research shared with the FOME Social Movement, a collective of young people living on the outskirts of Sobral, and the Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, through LABOME, Laboratory of Daily Memories and Practices, enabled a broader and collective thinking in relation to the objective that we traced in front of the field of action of audiovisual production as a proposal for didactic material. Understanding the artistic-cultural activities that the FOME Social Movement carries out in peripheral neighborhoods as non-formal educational phenomena, we reinforce the potential that these expressions represent for youth in a singular sense to think about what the peripheries have to teach? Thus, in addition to the questions presented, we will think about how the educational processes demonstrated in this study could teach and create didactic material for the teaching of sociology. We will focus on the use of audiovisual production from the point of view of various media as a proposal for didactic material for the teaching of sociology for high school students from public schools. The materials studied ranged from: documentaries, video clips and podcasts. This media perspective reinforces our desire to address the linguistic dynamics that we consider increasingly powerful between the street and youth, and demonstrates that the material worked here is the bridge that connects everyday life with school reality in sociology teaching. The testing of the material took place through the collaboration of teachers from three schools in different municipalities here in the northwest of the state, namely: Escola de Ensino Médio Elza Goersch, located in the municipality of Forquilha, with teacher Auciele Santos. José Euclides Ferreira Gomes Júnior High School, located in the district of Jordão, with teacher Inês Mara and Maria Menezes Cristino High School, located in Aráquem, district of the municipality of Coreáú, with teacher Luciara dos Santos. All the teachers who participated in this experiment with the teaching materials produced here are students of the Professional Master's Degree in Sociology in a National Network (PROFSOCIO).

**Keywords:** Non-formal education. Teaching sociology. Audio-visual. Courseware.

## SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO09**
- 2. CAPÍTULO 01: MOVIMENTO SOCIAL FOME E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL15**
  - 2.1 Pensando educação não formal fora dos muros25**
  - 2.2 Territórios criativos: O que a escola pode aprender com a dinâmica territorial onde está inserida35**
- 3. CAPÍTULO 02: MATERIAL DIDÁTICO MUDIÁTICO APLICADO E ENSINO DE SOCIOLOGIA46**
- 4. CAPÍTULO 03: USO DO MATERIAL DIDÁTICO JUNTO ÀS ESCOLAS, ESTUDANTES E PROFESSORES61**
  - 4.1 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio Elza Goersch 73**
  - 4.2 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior 76**
  - 4.3 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino 81**
- 5. CAPÍTULO 04: A PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO COMO PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA87**
- 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS99**
- REFERÊNCIAS103**

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é voltada a uma das três linhas do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), como parte do eixo de pesquisa juventude e questões contemporâneas. Diante dos apontamentos que norteiam o eixo de juventude e questões contemporâneas, podemos traçar nossos objetivos como parte do caminho que trilhamos neste compartilhamento de saberes e desejos, trazendo os desafios de pensarmos o ensino de sociologia a partir de uma experiência afetiva e compartilhada.

Pontuamos que o objetivo desta pesquisa é produzir material pedagógico de forma compartilhada com o Movimento Social FOME<sup>1</sup>, coletivo de jovens da periferia da cidade de Sobral. Partimos do pressuposto que este experimento de educação não formal no seu viés artístico que o coletivo desenvolve nas ruas das periferias, pode ensinar aos professores e alunos da disciplina de sociologia no ensino médio a respeito de como educar para a cidadania plena, criando corresponsabilidades no processo ensino e aprendizagem, concebendo a educação como algo que vai além do que é aprendido na instituição de ensino formal.

Vale salientar que os materiais produzidos nesta pesquisa reforçam questões norteadoras para o ensino de sociologia nas disciplinas que os utilizam, ou seja, a escola exerce uma função laboratorial de experimentação para a inserção dos materiais, assim como, partimos do ambiente escolar para avaliarmos os resultados obtidos com essa pesquisa. Desse modo, os fenômenos educacionais não formais que se projetam fora da escola, acabaram entrando na escola como material pedagógico inserido na disciplina de sociologia. Nesse sentido, a escola teve um papel fundamental para fazermos o experimento com o material, pensando a educação nesse movimento vindo do exterior para o interior da escola (a comunidade, bairros e ruas onde a escola está inserida e onde está acontecendo as manifestações educacionais não formais, tem algo a ensinar para a escola).

As ruas da periferia são os campos por onde lançamos nossos desejos de pesquisar e aprender num movimento híbrido e inconstante das relações sociais que se apresentam no cotidiano periférico. As desconstruções do poder hierárquico nas decisões coletivas que o FOME traz para suas atividades é um exemplo recorrente e importante para pensarmos a contextualização dos fenômenos educativos presentes nessas ações artísticas e culturais. As manifestações educacionais que se apresentam no seio das ações praticadas pelo FOME, é,

---

<sup>1</sup> Destaco que mais a frente irei apresentar o Movimento Social FOME de forma mais detalhada.

desse modo, um agenciamento de potências, ou seja, os horizontes são múltiplos e as vontades e desejos são plurais.

Levando em consideração que os fazeres artísticos, culturais e educacionais desses sujeitos sociais não perpassam antes pela pretensão de pensar previamente uma pedagogia para o ensino e aprendizagem. Desse modo, é importante estabelecer essa distinção embutida no cerne da pesquisa que visa estudar e apresentar processos educacionais não escolares construtivos de ações pedagógicas geradores de conhecimentos locais.

Os caminhos que estamos traçando tem nos apresentado esse outro olhar ampliado sobre a conceituação do que é educação. Nessa perspectiva não iremos dar as respostas que convenham a qualquer adequação científica do campo da educação, mas iremos apresentar de modo prático e afetuoso as relações educacionais que se encontram numa pedagogia do cotidiano da periferia. Uma pedagogia construída no chão da periferia, uma pedagogia dos desejos, plural, horizontal no que se refere às decisões sobre sua dinâmica.

Partiremos dos lugares “fora da escola” para demonstrarmos as experiências educacionais que poderão contribuir de maneira incisiva para o pensamento educacional compartilhado com os ambientes escolares. Esse será o movimento de construção do pensamento que se cruza com os ambientes abertos, compreendido pelas experiências não formais que estão do outro lado do muro das instituições de ensino, e os ambientes fechados, que podemos denominar pelos processos educacionais escolares que agenciam os seus currículos com as necessidades de reprodução e adequação de um comportamento já pré-estabelecido pelas relações de poder que perpassam as ordens de forças dominantes do sistema de ensino oficial.

O proponente deste trabalho é morador do bairro Terrenos Novos, localizado na periferia urbana da cidade de Sobral. Em função do campo de pesquisa ser muito vinculado a uma experiência pessoal, peço licença, ao menos nesse momento, para falar na primeira pessoa do singular. Fui criado e educado dentro desse bairro que tenho tanto orgulho e apreço, e não poderia ser de outra forma que acabei construindo os laços afetivos pelo bairro que sempre me ensinou e ensina a como conviver numa coletividade que nos exige olhos sempre abertos e calma nas palavras.

Viver num bairro periférico que abriga parte da população empobrecida da cidade é sentir a pulsação das ruas, as contradições sociais que serve de grande aprendizado para estar vivo e produzindo as narrativas da diferença. Costumo pontuar que existe uma grande diferença

abissal nos sentidos epistemológicos que coloco nas respostas quando somos questionados se moramos na periferia.

Destaco aqui as duas principais respostas diante de tal pergunta que são: sim eu moro na periferia, ou, sim eu vivo na periferia.

Essas duas respostas nos transmitem uma série de questões que podemos levantar aqui em relação a esse viver e habitar num espaço onde os indivíduos fazem suas moradas e constroem suas histórias, pratiquem seus costumes culturais e compartilhem suas relações afetivas coletivamente.

Inicialmente, vou refletir sobre a primeira resposta que é morar na periferia. Não qualquer periferia, já que a classe média e os ricos também moram em bairros periféricos. É a periferia habitada pelos moradores com menos recursos financeiros, com casas conjugadas, pequenas, e poucos serviços públicos disponíveis. Esse morar me parece muito com os exemplos de pessoas que apenas moram, residem ou fazem suas moradas na periferia. Deve-se levar em consideração que toda rotina de trabalho e muitas outras razões diversas podem contribuir para o cansaço do corpo e da mente tornando assim, muito difícil uma vida que se dedique a experimentar fortemente o cotidiano da periferia e as necessidades urgentes como trabalho, família, educação entre outras coisas.

A dinâmica do cotidiano da periferia é muito volátil, sendo assim, a rapidez das transformações e das relações construídas nos processos históricos desses territórios são bem mais percebidas na afetação direta que o morador participante da vida cotidiana do bairro é capaz de trazer em suas narrativas.

O viver a periferia é concebido aqui nessa perspectiva de trabalho direto com o campo das transformações, onde se possa sentir o termômetro territorial em que a pesquisa foi realizada. Viver é explorar e deixar-se ser afetado como bem colocado por Favret-Saada (2005). Deixar-se afetar pela experiência de campo é a característica básica da vivência no trabalho etnográfico. O pesquisador não é aquele que registra objetivamente o "real" e explica suas leis. A atividade de pesquisa é mais humana do que isso. Há uma sinergia não planejada entre os diferentes agentes em ação no processo de pesquisa. A pesquisa, apesar de ser dirigida pelo pesquisador, é feita em companhia dos seus interlocutores no trabalho de campo, que dá ênfase a determinados aspectos, edita citações, direciona sua narrativa e monta o material a ser produzido. Esse material é resultado de um conflito de intenções e ações de diferentes sujeitos presentes na vivência de campo. Sou afetado por essa experiência com a diversidade periférica e, a partir dessa afecção, crio minha perspectiva e direciono a análise.

No meu caso, o ser pesquisador está em tensão com minha inserção no contexto pesquisado. As coisas se misturam: ser morador e ser pesquisador. Outro elemento importante, é ser militante ativo do FOME, coletivo que integra o grupo que produziu o material didático usado no experimento aqui analisado. Esses três elementos, em sinergia com as agências de meus interlocutores no processo de experimento aqui proposto, devem ser considerados nos resultados obtidos. Tem uma relação direta com a política e uma moral aplicada nas diferentes etapas do processo aqui realizado, resultante de experiências compartilhadas entre seres humanos, equipamentos, produtos, e processos múltiplos. Tudo se mistura, e o controle de tantos elementos, não é pleno, como poderemos ver a seguir.

Assim, o meu viver na periferia é transpassado pelo desejo de sempre estar atento a essas narrativas em disputas pelos lugares de produção dos conhecimentos que se originam na periferia, Nesse sentido eu parto do chão onde piso para empreender essa pesquisa sociológica sobre os processos educacionais que são vivenciados aqui na periferia. O material didático produzido, portanto, é um cruzamento de questões de imersão profunda no campo e práticas cinematográficas no sentido documental que vai contra o método expositivo que tende a tratar os sujeitos como objetos inertes e estáticos, como nos ilumina Gonçalves (2009). Há um reconhecimento na auto representação de si, por parte dos personagens do material em áudio e visual pautada no desejo pessoal em mistura com múltiplos desejos envolvidos em sinergia, produzindo curto-circuitos políticos e estéticos. Há uma desestabilização de verdades absolutas, criando-se fabulações de personagens. O material didático produzido, não é verdade, nem aparência. O que se produz é uma perda de centro, provocado pelo movimento em busca da emergência dos personagens. E o morador da periferia, em função da intensidade de sua vivência, potencialmente teria força, desejo e prática em criar o personagem que fala e cria uma performance pautada no desejo de mostrar o que é morar no bairro periférico.

Esse posicionamento aqui levantado não é de maneira alguma intencional para desqualificar ou retirar a posição de fala ou pesquisa de quem não vive na periferia. Ao contrário, a observação levantada diante do “morar e viver” é vinculada ao contexto desse experimento para se compreender de perto o dinamismo que ocorre na periferia, a partir da perspectiva aqui construída.

A importância dessa reflexão acerca das práticas cotidianas dos bairros é fundamental para localizarmos a pesquisa dentro dessa cartografia aqui traçada pelos caminhos percorridos pelos bairros Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara, que são bairros situados na periferia

da cidade de Sobral. Esses três bairros compõem o território de atuação do coletivo de jovens e moradores ao qual faço parte que é o Movimento Social FOME<sup>2</sup>.

Diante do pressuposto apresentado, esta pesquisa ficou dividida em quatro partes para uma melhor compreensão e associação com os conceitos aqui levantados. Na primeira parte, dividida em três tópicos, onde irei apresentar o Movimento Social FOME dentro do contexto de surgimento do coletivo, passando pelas ações sociais e culturais realizadas nos bairros periféricos de Sobral, e por fim, contextualizando as ações artísticas-culturais do coletivo com os processos educativos não formais. Ainda nessa primeira parte, os fenômenos educacionais que são realizados nas ruas das periferias urbanas são analisados e discutidos tendo como ponto de partida e referências, os agentes sociais que fazem parte do Movimento Social FOME. Desse modo, complementando as questões apresentadas, pensaremos como os processos educacionais que se apresentam dentro do território de atuação desta pesquisa podem ensinar e criar material didático para o ensino de sociologia.

Na segunda parte, iremos nos deter sobre o uso da produção audiovisual numa perspectiva de várias mídias diferentes como proposta de material didático para o ensino de sociologia entre estudantes do ensino médio das escolas públicas. Nesta segunda parte, apresentaremos os variados materiais multimídia que trabalhamos na criação da proposta de material didático compartilhado entre o Movimento Social FOME e as escolas envolvidas nesse experimento pedagógico. Os materiais que foram trabalhados transitam entre: documentários, vídeos e podcasts. Essa narrativa transmídia reforça nosso desejo de aproximação com a dinâmica linguística que hoje podemos perceber cada vez mais forte entre as ruas e as juventudes, e isso justifica que o material aqui proposto para ser trabalhado em sala de aula é essa ponte que conecta o cotidiano com as realidades curriculares no ensino de sociologia.

A terceira parte da pesquisa contemplará a testagem do material didático, ou seja, o uso do material em sala de aula. Analisaremos o percurso de elaboração do material didático aqui proposto juntamente com o Movimento Social FOME, e as negociações que se deram junto às professoras que participaram conosco nessa empreitada de pensar as ações não formais de uma

---

<sup>2</sup> Para compreender de perto algumas das ações do Movimento Social FOME, deixarei alguns canais de mídias sociais onde são compartilhados fotos e textos das práticas artísticas e culturais do coletivo.

Facebook: <https://www.facebook.com/MovimentoSocialFOME/>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

Instagram: <https://www.instagram.com/movimentosocialfome/>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

Blog: <https://frutosderesistencia.blogspot.com/>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

educação em diálogo direto com os processos de educação que são estabelecidos dentro da escola pública.

Ainda nessa terceira parte, optamos por subdividir em três tópicos a apresentação da intervenção de cada uma das três escolas que participaram dessa parte final da pesquisa. Assim, no primeiro tópico iremos analisar a intervenção do material na Escola de Ensino Médio Elza Goersch, localizado no município de Forquilha, distante de Sobral cerca de 18 Km, e que teve a professora Auciele Santos como colaboradora da intervenção pedagógico, o material que a professora optou em usar para sua aula entre os alunos do 2º ano do ensino médio, foi o filme “Tinta Neles”.

No segundo tópico iremos apresentar a intervenção na Escola de Ensino Médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior, localizada no distrito de Jordão, aqui mesmo em Sobral, distante da sede cerca de 16 Km, e contou com a colaboração da professora Inês Mara, que usou o filme documentário “Rap nas quebradas” como material didático trabalhado entre os alunos do 2º e 3º ano do ensino médio. No terceiro tópico apresentamos a intervenção com o uso do material didático entre alunos do 1º ano do ensino médio da Escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino, situada em Aráquem, distrito do município de Coreáú, distante de Sobral cerca de 70 km, tendo a frente a professora Luciara Santos, que usou o filme “Tinta Neles” como material didático em sua aula na disciplina de sociologia.

Na quarta e última parte desta pesquisa faremos uma análise do material didático aqui sugerido enquanto os desafios de adequação com os espaços escolares, com a literatura sociológica adotada pela política pública de educação, assim como, refletir os limites e potencialidades que alcançamos com nossa proposta. Desse modo, discutiremos a importância do uso da produção audiovisual transmídia no contexto de aprendizagem da sociologia no ensino médio.

Nesse contexto, pensar a produção de material didático para o ensino de sociologia é, antes de tudo, estar sempre atento para os desafios que serão colocados durante o percurso traçado na pesquisa. Nossas propostas aqui apresentadas levaram em consideração principalmente as potencialidades de jovens periféricos que constroem suas narrativas de vida dentro de um plano múltiplo de desejos e afetos.

Ter direito ao microfone, ter voz, ser e construir as referências necessárias para a periferia, são alguns dos atravessamentos que compartilhamos e aprendemos com os sujeitos, agentes, juventudes e potencialidades que protagonizaram esse trabalho junto com os caminhos

sociológicos que aqui pensamos com os processos educacionais não formais e o ensino de sociologia nas escolas pública.

## **2. CAPÍTULO 01: MOVIMENTO SOCIAL FOME E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

O Movimento Social FOME é um coletivo organizado por jovens que residem na periferia urbana da cidade de Sobral/CE, que surgiu em 2013 nas calçadas, nas ruas e nas associações comunitárias do bairro Terrenos Novos.

A proposta do FOME<sup>3</sup> é construir uma agenda de atividades artísticas e culturais como forma de ocupação do espaço público da periferia, tornando essas atividades uma maneira mais direta de chegarmos nas pessoas do bairro a fim de convidá-las para fazerem parte do coletivo, ou mesmo apoiar as ações que eram executadas. As reuniões iniciais do FOME foram nesse sentido, tomando um norte de planejamento de ações diretas dentro do bairro Terrenos Novos e Vila União, que eram os bairros onde tínhamos militantes e colaboradores, isso no início do ano de 2013, que foi o ano que se iniciou a organização do Movimento Social FOME.

O surgimento do Movimento Social FOME se deu com um grupo de teatro de rua que ensaiava durante a semana no período noturno ao lado da capela da igreja católica, hoje paróquia São Paulo Apóstolo, no bairro Terrenos Novos. Foram quase três anos acompanhando as movimentações de amigos, conhecidos e colegas que faziam parte do grupo de teatro denominado “Amigos da paixão”<sup>4</sup>. O grupo só produzia e encenava no período da quaresma cristã, passando assim, o restante do ano, sem organizar ou produzir qualquer outro trabalho teatral.

---

<sup>3</sup> Optei por usar FOME em referência ao Movimento Social FOME. Desse modo sintetizo a ideia do movimento social em uma palavra que representa simbolicamente a apresentação e ideia central do coletivo.

<sup>4</sup> Nesse episódio do FOMEcast, o *podcast* do Movimento Social FOME, batemos um papo com integrantes do grupo de teatro “Amigos da paixão”, na ocasião é possível compreender um pouco dos desafios da produção cultural dentro da periferia. Para ter acesso a esse episódio disponibilizo aqui o link: <https://open.spotify.com/episode/7yLwj3hSBpeefaWwwLAcyw?si=ba69e16f0c254918>

Foi a partir desses desejos de se pensar em algo mais estendido em relação às movimentações culturais e artísticas do bairro que começamos a pensar em nos organizar enquanto coletivo que pudesse produzir essas ocupações e movimentações no bairro.

Tomamos a iniciativa de nos organizar autonomamente fazendo um movimento de resistência aos modelos organizativos que até então conhecíamos no bairro que eram as associações comunitárias dos moradores. Fazíamos resistência, pois não concordávamos com a maneira autoritária, hierárquica e “politiqueira” que acompanhava a trajetória desses espaços. Desse modo, pensamos em nos organizar enquanto coletivo autônomo e independente. Foram dias, meses e muitas conversas travadas nas calçadas, ruas e esquinas do bairro até termos coletivamente a ideia de Movimento Social FOME. Uma FOME com todas as letras garrafais para chamar a atenção, para causar impactos nas leituras normativas, para sintetizar a inquietação da juventude periférica por sobreviver em meio a um cotidiano difícil e desigual.

Já são nove anos de lutas e resistência pelos territórios periféricos da cidade de Sobral/CE, e com essa pequena bagagem temporal aprendemos que diariamente nossa prática como agentes sociais ganham importâncias e contextos onde quer que seja nossa atuação dentro dos campos da cultura, arte, política e educação.

Assim, penso que são poucas as palavras para descrever essa FOME e sendo mais objetivo no que pede esse texto podemos seguir com os percursos mapeados para apresentar as partidas desta pesquisa. Fica aqui delimitado o espaço e tempo por onde se inicia essa empreitada sobre a pedagogia não formal de como viver a periferia implementada pelo FOME.

Fiz essa breve apresentação do FOME para adiante exemplificar com mais exatidão onde é nosso encontro com as experiências que o coletivo nos traz para pensarmos os processos educacionais não formais. Desse modo, fica compreendido que o caminho que se inicia com a experiência do Movimento Social FOME representa a afetação que o pesquisador tem com seu campo de pesquisa.

Recolocando minha<sup>5</sup> posição enquanto militante dentro do Movimento Social FOME encontrei nas ações do coletivo a oportunidade de pesquisar os processos educacionais que se apresentam nas práticas cotidianas da periferia. Com o olhar de um pesquisador que vivencia os fatos sociais de perto e dentro do campo de atuação da pesquisa, concentrei as atividades

---

<sup>5</sup> Peço aqui licença acadêmica para, mais uma vez, inserir a conjunção verbal em primeira pessoa a fim de introduzir minha iniciação enquanto membro do Movimento Social FOME atravessado pela pesquisa científica aqui produzida.

artísticas e culturais que são realizadas pelo FOME e com o FOME, a fim de traçarmos linhas de contextualização para se pensar os processos educacionais não escolares.

Diante do que foi exposto até o momento é importante destacar de modo objetivo as atividades que o Movimento Social FOME executa desde 2013 pelos bairros da periferia da cidade Sobral/CE, especificamente tendo o foco nos três bairros circunvizinhos que são: Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara.

Assim, podemos destacar que nossa caminhada dentro do FOME como educadores, artistas, produtores culturais, artesãos, moradores da periferia, estudantes secundaristas se objetivou numa estratégia de sobrevivência num cotidiano violento. Não dá para pular esse tema da violência quando falamos na organização do FOME, pois quando optamos por nos organizar de maneira autônoma, essa escolha foi um desvio na curva para não entrarmos nos números das estatísticas criminais. A violência aqui pode ser pensada nas suas estruturas micro e macro, desde as ações violentas praticadas no bojo das nossas relações interpessoais até mesmo nos planejamentos violentos de um Estado que promove o genocídio da população preta da periferia através de suas autoridades de poder.

Desse modo, podemos destacar que mesmo em meio ao cenário difícil e desafiador que vivenciamos nas periferias urbanas de nosso país, acreditamos na luta e na mobilização social que objetivem mudar um pouco dessa realidade para melhor, pensando no bem coletivo. Foi partindo desses desejos que começamos nossas primeiras atividades culturais dentro dos bairros de atuação do Movimento Social FOME.

Nossa primeira atividade na rua foi exatamente com a proposta de uma intervenção audiovisual com exposições de filmes e videoclipes de artistas locais. O Cine Comunitário foi uma atividade bem direta com a finalidade de explorar a reação das pessoas que até então não sabiam exatamente do que se tratava aquela intervenção audiovisual. De início pensamos na execução do Cine Comunitário como uma atividade que agregasse além dos filmes comerciais, uma discussão sobre a produção fílmica local. Já tínhamos alguns videoclipes de rappers locais e quando exibimos no telão de projeção, a reação de algumas pessoas era de um sentimento de pertencimento por reconhecer que jovens e moradores do próprio bairro estavam produzindo conteúdo artístico dentro de uma agenda positiva que luta pela desconstrução diária do estigma do bairro periférico como sendo um lugar onde só há violência.

O Cine Comunitário foi exibido pela primeira vez no dia doze de outubro de dois mil e treze, data em que se comemora o dia das crianças. Não poderia ter simbologia maior para iniciar a luta numa data que nos nutre de esperança na periferia. Fizemos uma articulação com

a gerente do posto de saúde do bairro Vila União para exibirmos na noite do dia doze, um filme voltado ao público infanto-juvenil, a fim de fazermos também uma comemoração ao dia das crianças. Na noite de exibição conseguimos executar o que estava planejado e já fizemos a conexão com outros moradores que chegaram para assistir e conhecer a ideia do Cine Comunitário. Desse modo as atividades do FOME foram ganhando sua organicidade de forma autônoma e horizontal.

De 2013 até 2017 o Cine Comunitário tinha como plano de execução um cronograma de exibição de filmes que era acordado entre o coletivo de acordo com as demandas dos moradores que nos procuravam, assim como a disponibilidade que tínhamos em nossas agendas para conciliar um tempo entre trabalho, estudo e militância. Desse modo, optamos pelos finais de semana como sendo os melhores dias em que tínhamos disponibilidade para irmos para as ruas, becos, terrenos baldios e praças do bairro a fim de realizarmos as exibições de filmes. Levando em consideração que os locais eram agendados semanalmente com os moradores, e assim, nossa organização e planejamento a partir dessa atividade já nutria em nós outras responsabilidades que surgiam espontaneamente em meio às ações do FOME.

Em 2018 o Cine Comunitário passa a ser chamado de Cine Mucambim em alusão ao açude histórico que fica localizado dentro do bairro Terrenos Novos, que para nós moradores do bairro, o Mucambinho tem um valor imaterial que se estende desde sua historicidade até mesmo o valor econômico e social que traz para famílias de pescadores que tiram nele a única renda para pôr em casa.

Paralelo ao Cine Comunitário, em 2013 outras atividades organizadas pelo FOME surgiram no mesmo ano, como é o caso do som na praça e das aulas de músicas. O som na praça foi uma atividade que nasceu com o propósito de levar para as praças e calçadas dos bairros Terrenos Novos e Vila União, ações voltadas à música e leitura. Desse modo, criamos ambientes onde fosse possível pensar nas produções artísticas locais tendo o protagonismo da juventude periférica como força impulsionadoras dessas ocupações.

As aulas de música que o Movimento Social FOME ofertou num período de um ano aproximadamente, que foi de 2013 a 2014, teve como objetivo inicial uma parceria firmada entre o FOME e a associação comunitária dos moradores do bairro Terrenos Novos “Benedito Tonho”, que usamos como espaço sede para as aulas, assim como para reuniões voltadas ao planejamento e execução das atividades que estavam sendo executados naquele período.

Foi com a realização desse projeto de iniciação à prática de instrumentos musicais que iniciamos uma pedagogia artística pautada numa horizontalidade das decisões advindas entre

alunos e professores<sup>6</sup> no processo de ensino e aprendizagem direcionadas a musicalização e os processos educacionais que eram ali gerados.

Nossa pedagogia era criada, planejada e decidida no calor da militância social, de onde se originavam certamente as bases para formar metodologias de ensino e didáticas da aprendizagem. Todo o percurso do FOME foi uma caminhada muito autônoma no que se refere a autogestão política de suas bases, e isso fez com que, a partir das ações que eram desenvolvidas pelo coletivo, nascesse também a necessidade de uma proposta pedagógica que acompanhasse todas aquelas ações que surgiam e já estavam nas ruas sendo desenvolvidas.

Para nós do FOME pensar e adotar uma pedagogia do cotidiano periférico estava certamente longe da pedagogia das instituições formais de ensino. Assim, o que mais se aproximou de nós foi a leitura e o entendimento da pedagogia libertária como resposta para nosso anseio metodológico de militância. Aos poucos fomos nos familiarizando e conhecendo a literatura libertária que partia de modelos autogestionários e muitos próximos com as práticas políticas anarquistas. Nossa aproximação se deu muito rapidamente, pois já fazíamos na prática uma boa parte da teoria que nos era revelada na literatura libertária.

...a pedagogia libertária é fruto do esforço de diferentes anarquistas para criar instituições e estratégias de ensino que permitam a realização da educação para a liberdade, através da liberdade...a pedagogia libertária nunca esteve restrita ao âmbito da escola ou das instituições de ensino. É necessário modificar a formação humana não apenas na escola formal, mas também na vida familiar e comunitária na medida em que estamos continuamente aprendendo e ensinando uns aos outros.”(AQUINO, 2013, p. 12 e 13).

Por se apresentar com o caráter mais direto no que se refere aos objetivos que se espera alcançar, as atividades sociais, artísticas e culturais produzidas pelo FOME eram assim, relacionadas a práticas de uma pedagogia libertária. Desse modo, procuramos afirmar nossas ações com os princípios e métodos libertários de uma pedagogia da invenção do cotidiano periférico.

É com base nas leituras e nas vivências de um fazer pedagógico que as práticas educacionais do FOME ganham essa organicidade visando assim um planejamento prévio de suas ações a partir de então. O planejamento prévio diz respeito exclusivamente à organização

---

<sup>6</sup> Fez-se essa menção a professores no contexto da escrita que hoje se apresenta nesta pesquisa para exemplificar de uma forma mais objetiva a relação comum existente nas instituições de ensino. Porém, na época, nós apenas usamos os termos como: instrutores, facilitadores e esporadicamente usávamos professores por entender que o signo trazia uma simbologia institucional hierárquica. Para o momento, nosso objetivo era, através das aulas de música, tentarmos desconstruir as narrativas de poder existente entre a relação do educador como sujeito ativo e detentor do conhecimento, e o educando como sujeito passivo da aprendizagem.

das ações com cuidados e corresponsabilidades dos militantes, assim como, dos próprios moradores e colaboradores que participavam da construção das ações que eram organizadas pelo FOME.

Atividades como Sopão Comunitário (2014) e Natal Comunitário (2014) eram organizadas com o apoio principalmente dos moradores do bairro que contavam com o apoio do FOME para realizar outras ações integradas como levar oficinas de graffiti, oficinas de artesanato, oficina de desenho, exibição de filmes com o cine comunitário e organização de mutirões de limpezas nas áreas adjacentes onde ocorriam o Sopão Comunitário e o Natal Comunitário.

Em 2015 organizamos a primeira edição do Sarau Força e Resistência na praça da juventude no bairro Vila União. Na época da realização do sarau a praça da juventude vinha passando por fortes atos de repressão policial com a juventude que frequentava o espaço. Nós já vínhamos fazendo algumas atividades dentro da praça a fim de estreitar algumas relações com jovens que a frequentavam e assim criar ações de ocupação daquele espaço.

Nossa ideia inicial era começar aos poucos essas ocupações para assim apresentarmos a proposta ampliada do sarau. Desse modo, iniciamos em 2014 atividades centradas como oficinas de graffiti, oficinas de artesanatos e organização de torneio de futsal na quadra da praça com jovens e crianças que já ocupavam o local, mesmo antes de ser entregue pela prefeitura municipal de Sobral, pois antes da praça da juventude, que agrega uma quadra esportiva coberta, anfiteatro, pista de caminhada, campo de futebol, vôlei e salas de reuniões, havia um campo de futebol amador que era um local onde se realizava campeonatos com times de futebol amador masculino e feminino.

O Sarau Força e Resistência surgiu, desse modo, como proposta de ocupação e de ato de indignação contra as investidas que a polícia vinha fazendo com a juventude que ocupava a praça, único espaço de lazer dentro do bairro Vila União onde agregava várias ferramentas de cunho esportivo. Na primeira edição do sarau, tivemos o apoio de moradores, simpatizantes de outros bairros e artísticas que, sabendo da nossa proposta, enquanto coletivo autônomo da periferia, quiseram contribuir sem receber alguma cachê, e foi o caso do grupo de rap de Fortaleza/CE “Apologia do Gueto” que, conhecendo nossas ações vieram participar da primeira edição do Sarau Força e Resistência. Para nós, aquela primeira edição do sarau nos revelou o quanto o trabalho coletivo pautado na horizontalidade das decisões mostrou que as ações do FOME estavam se espalhando e ganhando uma abrangência bem maior do que imaginamos naquele momento.

As pontes foram sendo feitas e trilhadas de acordo com a caminhada e o tempo de cada militante. Assim, as atividades organizadas pelo Movimento Social FOME partiram do início de 2013 com a proposta política e social de fazer a ocupação e movimentar o cotidiano no bairro, para a partir de 2015 pensar e executar uma produção de atividades artísticas e culturais que dialogasse diretamente com ações educativas não formais.

Vale salientar que dentro da programação de atividades como: Cine comunitário, Som na praça, Sopão comunitário, Natal comunitário, oficinas e cursos, e saraus, sempre reforçamos ações voltadas ao incentivo e propulsão da leitura, debates com temas que eram comuns a todas e todos, como os atos da polícia na periferia, ou mesmo os debates com artistas locais sobre os processos criativos e os desafios de fazer arte na periferia e fazer dela o seu ganha pão.

Acreditamos que é a partir dessas ferramentas de iniciação ao diálogo aberto com temas mais emergentes do cotidiano, que pudemos fazer esse caminho ser trilhado, pensando ações mais específicas voltadas à educação não formal, como no caso da criação da primeira biblioteca comunitária localizada na periferia sobralense. Nós, do Movimento Social FOME, conseguimos criar com base nos nossos sonhos e desejos pensados bem no início do coletivo.

A inquietação do FOME fez surgir várias ações e atividades que contribuíram para o crescimento do movimento, tanto de modo coletivo, quanto individual de seus militantes, compreendendo que as atividades artísticas do FOME partiam para uma organização maior no que se refere a uma programação mais estendida, e que trazia um número de artistas e educadores superior a programações que antes só os militantes do coletivo davam conta.

Depois do Sarau Força e Resistência começamos a produzir e organizar em 2016 o evento de formação, produção e desfile de mulheres cis, trans e travestis da periferia. O Miss Perifa é um evento de desfile auto organizado pelo núcleo feminista do Movimento Social FOME que se chama “Mulheres do Gueto que lutam sem medo”. O núcleo feminista do FOME organizou assim, a primeira edição do Miss Perifa desconstruindo toda a ideia de competição entre as mulheres que desfilam comumente nesse formato de evento. Os objetivos gerais do Miss Perifa é trazer para o ato do evento uma discussão mais direta sobre o feminismo negro, sobre como discutir e desconstruir na periferia o machismo que se apresenta como ato natural no cotidiano, e assim como também reafirmar a força das mulheres muito além da mercantilização da beleza estética que a indústria capitalista traz para o público feminino.

Cada ano conseguimos realizar e manter uma boa parte das atividades que iam nascendo de acordo com os fluxos da nossa militância. Para cada atividade e ação o aprendizado era constante, pois estávamos sendo os sujeitos daquelas transformações no cotidiano. Nossa fome

por querer mais e mais só aumenta proporcionalmente ao aumento de cada insatisfação e desigualdade que encontrávamos pelas ruas da periferia.

Em 2017 surge a Batalha do T.N, uma batalha de improvisação de rimas, onde Mc 's batalham no improviso de rimas e versos, num campeonato onde se tem ao final um campeão da edição. Essa definição é muito curta e não expressa aqui a imensidão dos sentidos do que é uma batalha de rima, pois o que se apresenta nas batalhas vai muito além do evento, ou seja, o que se deve observar nas batalhas de rimas são as sociabilidades que ela proporciona aos Mc's que estão a competir e ao público que observa e participa nas decisões como jurados.

A Batalha do T.N tem o apoio do Movimento Social FOME como suporte e produção de suas ações, podemos destacar que a Batalha do T.N hoje realiza um trabalho não só voltado ao gênero musical rap, mas também realiza uma ações educativas voltadas ao improviso com metodologias aplicadas a uma pedagogia própria do coletivo, como no caso específico das oficinas de rimas onde os Mc's da Batalha do T.N realizam um curso de como rimar e improvisar usando mecanismos pedagógicos que orientam os participantes na produção de versos e rimas.

Acredito que são experiências como essas desenvolvidas por cada atividade e ação do Movimento Social FOME que podem ser fortemente acrescidas no campo educacional formal, uma vez que partindo dessas experiências educacionais não formais da periferia é possível aprendermos e criarmos materiais didáticos para o ensino de ciências humanas no ensino médio.

Ainda falando de experiências localizadas na periferia sobralense, não podemos deixar de citar aqui a construção e realização da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, que é organizada e gerida pelo Movimento Social FOME. A biblioteca comunitária foi um sonho desde o início do coletivo, quando já tínhamos ações voltadas para o incentivo da leitura e práticas pedagógicas direcionadas às crianças, adolescentes e jovens.

O desejo de construir uma biblioteca na periferia já era algo pensado há tempos por nós do FOME. Já tínhamos a experiência com a Biblioteca Ambulante que nos proporcionou, na prática, os desafios de expandir e estimular a leitura em espaços mais diversos da periferia como: calçadas, becos, esquinas de ruas, praças, escadarias e batentes. Todos esses espaços foram essenciais para emprendermos nossos desejos em busca da construção de uma pedagogia libertária, pensada e exercida por nós, juntamente com as crianças, adolescentes e jovens.

Em maio de 2019 concretizamos o início do sonho de construirmos a primeira biblioteca comunitária de Sobral/CE localizada na periferia. Início de sonho porque aqui concretiza um

sonho que é de termos esse espaço físico do nosso acervo livresco, e, a partir desse espaço, buscamos ampliar agora nossos esforços a fim de manter e apoiar outras iniciativas de pontos de leituras que também são fortalecidas pela nossa biblioteca comunitária, como no caso das gelotecas, que são pontos de leituras onde ressignificados geladeiras velhas que antes iam para sucata, e agora com apoio da biblioteca comunitária e das artes dos grafiteiros que colaboram com o FOME, dão uma nova repaginada visual e literária as geladeiras que agora servem como ponto de leitura, troca de livros e incentivo à leitura.

O espaço que hoje abriga o acervo da Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes é um cômodo cedido da casa de minha avó, dona Carmélia, de oitenta e cinco anos. Depois de muitas negociações e insistências, conseguimos o apoio dela para estabelecermos nosso acervo e materiais pedagógicos que já não cabiam em nossas casas. Apesar do espaço ser bem pequeno, e assim, limitar algumas atividades com um número maior de participantes, nossa agenda de atividades é sempre ampla e ativa com um número de crianças que chega a se somar entre vinte e trinta crianças, que têm participado das atividades realizadas pela biblioteca comunitária.

Nossa ideia inicial de termos um espaço físico para abrigar nosso acervo literário era apenas de mantermos a rotatividade dos livros pelo bairro. Nossa ação seria direcionada aos empréstimos, doações e trocas de livros na biblioteca comunitária. Na primeira semana percebemos que não iria ser bem assim como planejamos, pois tiveram crianças que vieram conhecer o nosso espaço e acabaram ficando para ler, brincar e realizar alguma atividade pedagógica e lúdica, sendo que ainda não tínhamos planejamento algum sobre atividades pedagógicas para a biblioteca naquele momento.

A partir dessa necessidade e urgência de criarmos atividades e um plano pedagógico direcionado ao público infanto-juvenil é que outra etapa da biblioteca comunitária foi se estabelecendo como está até hoje, que é um espaço de educação formativo que visa uma pedagogia libertária construída a partir das crianças que frequentam o espaço. Assim, a partir desses desafios de produção e gestão de uma pedagogia do nosso cotidiano é que tomamos a Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes como um fenômeno mais próximo daquilo que acreditamos quando falamos e pesquisamos sobre aspectos educativos na periferia, que são exatamente os processos formativos, sociais e culturais que estão associados a uma educação não formal localizada no cotidiano da periferia.

As atividades executadas pela Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes estão ligadas diretamente com a prática que buscamos exercer com as teorias e vivências tanto do campo acadêmico, quanto de um membro do FOME. Acessar espaços como universidades e trazer essa

vivência para a construção do coletivo, assim como, potencializar as vivências das ruas, do cotidiano que já ensinam na prática as urgências que hoje temos para uma construção de uma educação que prepare os sujeitos, não para o mundo de mercado de trabalho, pensado exclusivamente em suas finalidades utilitaristas, mas para, a partir das relações trocadas no apogeu das atividades pedagógicas e lúdicas que a biblioteca comunitária realiza, aproximar os sujeitos de suas realidades levando em consideração o pensamento crítico e transformador da realidade.

O nome que homenageia a biblioteca comunitária é de um morador do bairro Terrenos Novos que temos uma admiração e respeito muito grande pela sua caminhada como liderança comunitária, no final das décadas de 80, 90 e anos 2000. Seu Adalberto Mendes fez parte do processo de ocupação e povoação do bairro Terrenos Novos desde as bases comunitárias da organização coletiva das frentes de lutas e resistências enfrentadas para garantir o direito por uma moradia digna às famílias que não tinham uma moradia.

Nós conhecermos essas histórias de lutas quando seu Adalberto esteve à frente como presidente da Associação Comunitária Benedito Tonho, primeira associação comunitária do bairro Terrenos Novos, quando foi também presidente da Associação dos Comunicadores Comunitários do bairro Terrenos Novos, associação essa que fundou a primeira rádio comunitária do bairro “Novo Tempo FM”, que ficou no ar do ano de 1998 a 2008. Seu Adalberto foi também presidente do conselho tutelar de Sobral, comunicador nas rádios comunitárias em Sobral, além de colunista do jornal “Correio da Semana”, onde escrevia para a coluna sobre a história dos bairros da cidade de Sobral/CE.

Achamos mais do que justa esta homenagem, em vida, a uma pessoa que trabalha diretamente com as ações comunitárias do bairro que hoje temos a honra e o amor de lutar a favor dessa construção de uma comunidade que seja reconhecida por suas potencialidades. Seu Adalberto Mendes guarda em sua casa um rico acervo histórico sobre a história de Sobral e principalmente sobre a história dos bairros da periferia, onde tem dedicado uma boa parte de seu tempo a realizar uma pesquisa solitária sobre a construção e fatos marcantes que ocorreram nessas espacialidades.

Compreendendo a relação das atividades e ações que o Movimento Social FOME vem realizando dentro da periferia desde 2013, é que traçamos nossas linhas de pesquisa sobre uma educação não formal fundamentada numa pedagogia do cotidiano. Assim, as relações sociais, políticas, artísticas e culturais que se dão nas ruas da periferia nos servem como fundamentos

importantes para pautarmos olhares plurais sobre os fenômenos educacionais que se concretizam fora dos ambientes institucionais de ensino do Estado.

## **2.1 Pensando educação não formal fora dos muros**

Os fenômenos educacionais que se estabelecem para além dos muros escolares têm sido um dos caminhos norteadores dessa pesquisa, que convida e constrói junto aos movimentos sociais, coletivos de juventudes, grupos artísticos e culturais, uma afirmação potente de uma pedagogia do cotidiano, pensada a partir das ruas, esquinas, calçadas e praças públicas da periferia urbana sobralense.

Dessa maneira, tomamos como foco nesta pesquisa os trabalhos que o Movimento Social FOME tem realizado dentro da periferia sobralense, enquanto coletivo de juventude, produtores culturais e educadores sociais, que partem do lugar comum, que é a periferia, para estabelecer uma ação educacional desprovida de qualquer diretriz de ensino pensada pelo Estado.

O Movimento Social FOME compreende os fenômenos educacionais como práticas políticas concretizadas numa pedagogia de reinvenção do cotidiano, ou seja, aprendemos aqui que o sujeito da educação não é a cidade em si, um conceito vago e multifacetado, mas as pessoas que nela vivem, cada uma com suas diferenças, tensões e relações, e portanto pedagogias complicadas e distintas. Nesse caso, valoriza-se o esforço de subjetivação do processo educativo, com jovens moradores da periferia atuando como agentes, atuando em coletivo que promove atividades artísticas e culturais no bairro onde vivem, como no caso do FOME, sem a pretensão de compreendê-los como moradores-modelo que representam a juventude da periferia, mas apenas um segmento dela. A ideia é mostrar que eles têm algo a ensinar e acrescentar aos materiais curriculares que discutem a cidade e as práticas sociais neste espaço, como os títulos dos materiais curriculares na disciplina de sociologia.

Desse modo, as experiências que se realizam nas ruas da periferia são exemplos muito importantes para pensarmos as mais diversas formas de concepção de uma educação não formal. A educação popular que se dá nas ruas está ligada diretamente ao desejo de transformação social do espaço onde os agentes educacionais se localizam. Basta pegarmos o FOME como exemplo para compreendermos, que suas ações artísticas e culturais impactam diretamente no cotidiano onde estão inseridos.

Segundo Pontual (2019, p. 161) “...a educação popular propõe uma metodologia transformadora que é válida não apenas para a escola, mas para outros espaços, institucionalizados ou não, que atuam na perspectiva de transformação da sociedade.”

Os processos educativos se dão não somente nas escolas ou ambientes de ensino institucionalizados. Sabemos que a educação está presente em vários espaços e com os mais variados métodos de aprendizagem. A educação popular nos mostra que sua efetivação enquanto tal, ultrapassa a finalidade utilitarista de mercado, uma vez que sua preocupação se estabelece na relação social das pessoas, com aquilo que elas pretendem almejar para o seu bem individual e coletivo.

Os ensinamentos que podemos tirar das experiências educacionais que se dão fora do ambiente escolar vão de encontro ou enriquecem a percepção ampla de pensar os fenômenos educacionais diretamente ligados aos objetos, métodos, didáticas e narrativas que efetuem com exatidão as variadas formas de acontecer um processo educativo formal, tornando assim, possível pensar a educação em sala de aula como um movimento contextualizado com as vivências de cada estudante em suas particularidades fora dos muros da escola.

Sobre o campo de atuação da educação não formal, Afonso (2001) reforça:

Nesse sentido, é importante salientar que o campo da educação não-escolar (informal e não-formal) sempre coexistiu com o campo da educação escolar, sendo mesmo possível imaginar sinergias pedagógicas muito produtivas e constatar experiências com intersecções e complementaridades várias. O exemplo mais evidente pode ser dado pela educação familiar que, inscrevendo-se genericamente no campo da educação informal, continua a ser pensada como educação decisiva para a construção dos percursos individuais de escolarização.

(AFONSO, 2001, p. 31. Grifos do autor)

É importante que possamos reforçar que a educação, como bem colocada no trecho acima, se estabelece em campos distintos da sala de aula, uma vez que o estudante e o educador transitam por ambientes onde naturalmente sofrem suas influências e carregam consigo essas experiências para o ambiente educativo. Desse modo, compreender os ambientes familiares, o território onde a escola e os estudantes habitam é de fundamental importância para se construir exemplos potentes de uma pedagogia que atravesse essas experiências para fundamentar uma educação democrática e horizontal.

Reforçando que a educação não formal se propõe a um desafio de estabelecer uma pedagogia que seja dinâmica, penso aqui que pode ajudar a pensar a pedagogia formal. Estabelecer essa relação direta com a pedagogia formal se faz necessário para entendermos os ditames da complexidade dessa epistemologia dos processos educacionais não formais.

Sobre espaços e maneiras de como é possível a transmissão de conhecimentos, Mauad (2019), nos traz um exemplo das escolas de samba aqui no Brasil, que são espaços onde se realizam processos de aprendizagem que carregam em suas dinâmicas narrativas festivas com uma roupagem pedagógica libertária. Assim, o samba enredo é uma verdadeira aula e transmissão de conhecimento para quem participa daquele momento de festa. Assim, o samba enredo é um exemplo dentre vários outros recursos pedagógicos que envolvem as várias atividades de uma escola de samba.

Desse modo, para Mauad;

Não é de hoje que o Carnaval aciona as disputas em torno da forma como o passado se torna narrativa a ser compartilhada, consolidando-se ao longo de sua própria história como uma arena de conflitos sobre quem e o quê, de fato, nos representa nos quadros de uma história nacional. O Brasil como comunidade imaginada se reconfigura a cada novo enredo carnavalesco – e o Carnaval vira um grande balão de ensaio de histórias públicas. Públicas porque produzidas e compartilhadas por uma *comunidade de sentido* que partilha referências simbólicas: as escolas de samba, espaços que carregam no seu nome o atributo do aprendizado. Na escola se aprende a sambar e a criar passados possíveis; pontos de fuga imaginativos e críticos, posicionados fora do âmbito da mera nostalgia. (MAUAD, 2019, p. 182. Grifos dos autores)

Assim, os processos educacionais que se realizam fora do ambiente escolar são fontes de narrativas potentes que trazem para o centro das mudanças, os agentes educacionais que dialogam com as mais diversas ferramentas pedagógicas. Como vimos no exemplo acima, as escolas de samba, os barracões onde se realizam os ensaios, festas e reuniões, são exemplos práticos dessas ferramentas pedagógicas não formais que agenciam diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

Nossa empreitada, nesse sentido, é de trazer elementos que colaborem para uma pesquisa de campo onde traga esses agentes sociais ligados a coletivos que participam dessa construção educacional em meio a vários contextos e métodos pedagógicos, que são percebidos nas ruas a partir da ação espontânea ou planejada de grupos, coletivos ou associações comunitárias de bairro, tendo o FOME como exemplo.

Partindo da perspectiva de uma educação não preocupada com os resultados avaliativos e quantitativos enquanto indicadores institucionais, a educação não formal se concretiza no entendimento singular e afetivo dos agentes que fazem parte de suas atividades educacionais.

A pedagogia que compreendemos como parte desse processo educativo não formal se apresenta imbricada diretamente nas relações individuais e coletivas das pessoas que são atravessadas e afetadas pelos processos educativos formais e não formais. Assim, “Eis a

pedagogia libertária, esse modo de ensinar que abdica dos delineamentos disciplinares, dos sistemas de controle e de submissão” (CIRQUEIRA, 2020, p. 3).

É com a pedagogia libertária que as práticas educacionais do Movimento Social FOME se fundamentam, partindo dos desafios de estabelecer um olhar plural e rizomático sobre a educação. Fazendo aqui uma breve distinção entre pedagogia popular compreendida nos sentidos de uma orientação mais próxima às ideologias do pensamento marxista, que trabalham numa orientação de uma educação mais direcionada às liberdades da classe proletária dentro de um campo de luta de classes. Na pedagogia libertária as orientações e os desejos por mais que se aproximem da popular, elas devem aqui ser compreendidas dentro dessa distinção que leva em consideração os movimentos múltiplos, autônomos e espontâneos, que as ruas, os coletivos, e as associações comunitárias de bairro realizam, sem a finalidade educativa em sua grande maioria das vezes, mas que acabam manifestando fortes exemplos de uma educação que se dá através das variadas práticas artísticas e culturais.

Essa pedagogia busca correlacionar as vivências e experiências desses sujeitos que fazem a educação, ou seja, os sujeitos que fazem essa educação são todos aqueles que participam do processo educativo. Educador e educando são potências que realizam um movimento sinérgico de ensinamento e aprendizagem num mesmo movimento.

Cada pessoa tem sua singularidade, importante para construir um projeto de educação de autoaprendizagem. Queremos, com isso, demonstrar que as trajetórias pessoais são parte fundamental para a concepção da pedagogia libertária, uma vez que o processo educativo que perpassa pelas ruas, esquinas e praças da periferias está condicionado à experiência interpessoal que cada indivíduo tem com seu cotidiano.

Desconsiderar as trajetórias das pessoas, assim como não ter um olhar plural sobre a realidade social em que se localiza esse espaço educacional, é correr o risco de reproduzir metodologias de ensino pautadas numa perspectiva reprodutivista de subjetividades moldadas para uma finalidade do discurso dominante.

Libâneo (1989) chama atenção para os três exemplos de pedagogias progressistas que são: a libertadora, a libertária e a crítico-social dos conteúdos. Na pedagogia libertadora o foco seria a transformação da realidade onde os alunos estão inseridos, ou seja, partindo de uma conscientização de realidades dos alunos a ideia de transformação da realidade seria desse modo a base dessa corrente pedagógica. A Libertária insere práticas democráticas de decisões de aprendizagem coletivas, para dissolver hierarquias e práticas rígidas de escolas rígidas. Por sua

vez, a crítica social utiliza a escola como instrumento de luta política por meio da dialética e do confronto de ideias.

Ainda reforçando algumas críticas que podem ser aplicadas não à escola, mas a uma corrente pedagógica liberal que está pautada na formação do empreendedor, no fortalecimento do individualismo e da meritocracia competitiva. Vale a pena pensarmos o questionamento que Guattari (1996) levanta acerca dos sistemas maquínicos de produção de subjetividades, onde as conexões de ideias hoje lançadas no mundo, partem de um processo mecânico e racional com a finalidade de definir um padrão normalizador de perceber o mundo.

Assim, para Guattari(1996):

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.  
(GUATTARI, 1996.p. 27)

Essa relação maquínica da produção de subjetividades pensada por Guattari (1996) acaba se conectando diretamente com as problemáticas que Foucault (1999) traz sobre o processo histórico e social da punição dos corpos e do seu adestramento para fins mantenedores de um comportamento dócil dentro das instituições capitalistas.

São esses processos de produção de subjetivação do indivíduo que nos servirá como conceito fundamental para pensarmos as didáticas hoje estabelecidas dentro das orientações liberais de um modelo de educação para o mercado. Mais que isso, a máquina capitalística de produção de ideias e padrões é algo fundamental para contrapormos os acontecimentos que hoje se dão fora das instituições de ensino, e que acabam furando esse bloqueio.

Os processos educacionais que se realizam nas ruas da periferia tendo os movimentos sociais como máquinas de guerra e não de Estado, são essenciais para exemplificar, na prática, a importância de aprendermos com as ruas uma pedagogia que dialogue diretamente com os anseios e urgências dos agentes que participam desse processo educativo não formal.

Tomando o conceito de deslocamento pensando por Sílvia Gallo(2007), podemos bem complementar essas adequações conceituais para trabalharmos em nossa pesquisa. Assim, para Sílvia Gallo;

Para essa produção de conceitos, penso ser de especial importância o movimento que gosto de chamar de deslocamento. Isto é, deslocar conceitos criados por e para um campo que não é o seu e, com isso, traduzir novos elementos no conceito, talvez retirar

alguns de seus componentes originais, tornando-os outro, ou, para dizer de outra maneira, criando um novo conceito.  
(GALLO, 2007, p. 288)

O deslocamento proposto por Sílvio Gallo vai diretamente ao encontro dos conceitos que os pensadores Deleuze e Guattari trabalham em suas pesquisas. O próprio deslocamento é uma atribuição ao conceito de desterritorialização que Deleuze e Guattari trabalham em suas escritas. A desterritorialização é assim uma maneira de podermos trabalharmos conceitos ou temas nos quais o movimento e a contextualização argumentativa possa ser recolocada e trabalhada com as adequações necessárias.

Desse modo, podemos afirmar que, partindo desse deslocamento, podemos dialogar com áreas que se interligam numa dinâmica que evidencia o caráter nômade da experiência aqui proposta, que dialoga com as práticas educacionais contidas na periferia, com a educação e com a produção de material didático para o ensino de sociologia. Assim, as conexões aqui pretendidas fazem parte desse desejo de comunicar áreas em função de sua pluralidade.

Conectar, construir junto, democratizar, horizontalizar ações e planejar coletivamente, são alguns dos imperativos que podemos destacar quando pensamos na escola e seus desafios diários para construir uma educação participativa. Sabemos dos entraves e dos trabalhos singulares de educadores que furam essa bolha institucional para pensar a escola em rede, e assim caminhar lado a lado com os sujeitos que promovem essa educação bem mais próxima das suas reais necessidades.

Manter práticas metodológicas de ensino e didáticas hierarquizadas em sala de aula que se distancie da participação e colaboração dos educandos, é exercer *modus operandi* que se aproximam das opressões exercidas por quem detém algum tipo de poder sobre outros sujeitos, que acabam por muitas vezes aceitando passivamente todas as imposições que lhes são atribuídas.

A reprodução dos conteúdos programáticos por meio de uma orientação liberal de ensino é parte de um agenciamento de discurso para a perpetuação disciplinar de corpos dóceis como alerta Foucault (1999), transvestidos de uma suposta liberdade individualista que ressalta mais a competição do que a colaboração. A simbologia existente nesses espaços de ensino institucionalizados com ambientes que reproduzem violência como o próprio sistema penitenciário, representa uma aproximação dos modos de como se operam a reprodução dos conteúdos e da disciplina.

Desse modo para Foucault (1999):

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor(...) “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – Pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos.”  
(FOUCAULT, 1999, p. 164. Grifos do autor)

Entretanto, concordando com Foucault, acrescento somente que, mesmo diante da disciplina, alguns corpos, à partir de seus desejos e potências, agenciam formas táticas de burlar esse força e poder disciplinador, da sua forma, o que gera conflitos e tensões que visam classificar determinadas condutas e ações como inconvenientes no ambiente escolar. Isso mostra que a disciplina tem seus limites e precisa ser repensada, envolvendo a participação ativa daqueles considerados institucionalmente como alvos da disciplina.

A relação disciplinar com as pedagogias liberais tradicionais nos servem como termômetro para mencionarmos a relação existente de como podemos pensar os caminhos desviantes para realizarmos ou apontarmos alternativas dentro do sistema educacional convencional, a partir das práticas que trazemos tendo as ruas da periferia, os movimentos sociais, coletivos de juventudes e os agentes sociais como protagonistas desse olhar “diferente” ao pensar educação e suas práticas dentro e fora de sala de aula.

Partindo desses desejos da construção compartilhada e coletiva é que pautamos as urgências em colocar a escola como ponto de fuga aos regimes engessados da aprendizagem. Desse modo, compreendemos que é dentro da perspectiva democrática e horizontal que podemos aqui destacar as ações compartilhadas com o Movimento Social FOME, possibilitando, dessa maneira, os rompimentos necessários na visão tradicional da educação a fim de que seja construída narrativas pedagógicas que se apresentem mais próximas do cotidiano dos estudantes e educadores.

A compreensão dos processos educativos não escolares requer um estudo e uma prática de campo compartilhada nas vivências e nos desafios de construir novos olhares que nos ajudem a perceber a pluralidade que podemos encontrar na convivência educacional que se localiza fora da escola. A pesquisa compartilhada traz para a fundamentação das nossas narrativas os desejos por pensar o campo de pesquisa como ambiente que sempre terá as potencialidades em ascensão. Desse modo, estabelecer uma relação de compartilhamento das ideias e de questionamentos é fortalecer vínculos e alteridades com quem também é sujeito necessário na pesquisa.

Podemos observar vários processos educativos que estão sendo executados e elaborados longe do ambiente escolar. A escola, nesse sentido, não é o principal lugar que detém ou fornece unicamente o conhecimento, como já dito aqui. A escola é esse espaço onde o Estado detém o poder sobre quase todas as funções educacionais. Podemos destacar que, mesmo com as imposições institucionalizadas que limitam o ambiente de ensino, não devemos generalizar e criar um juízo de valor que universalize a escola como sede da domesticação dos corpos. A escola é também o centro de grandes mudanças e protagonismos da diferença. Por isso que o trabalho que está sendo realizado aqui traz a escola como ambiente fundamental para justificar as ações educacionais não formais que se dão longe do ambiente escolar. Não dá pra isolar a escola e fazermos uma crítica e um trabalho de educação não escolar, sem trazer o ambiente escolar como ferramenta importante para os desvios e diferenças protagonizadas por agentes educacionais.

O corpo como um objeto domesticado e dócil é descrito por Foucault (1999) como um autômato que foi manipulado a fim de receber e reproduzir aquilo que lhes ordenam, ou seja, a rebeldia desse corpo dá lugar a uma máquina-corpo adestrada a apenas receber ordens sem questionar as finalidades de seu posicionamento humano naquele espaço e tempo.

Assim, para Foucault:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios.  
(FOUCAULT, 1999, p. 118)

Ao contrário do que podemos ver com os corpos domesticados, tomando a escola como espaço institucionalizado, a educação que se faz e se aprende nos espaços não escolares colocam como proposta de desconstrução a própria maneira de se pensar e fazer esse modelo de educação liberal tradicional para além das salas de aulas.

A educação não formal, particularmente esta, realizada por coletivos de jovens da periferia, a exemplo do FOME, está longe de manifestar o interesse pelo adestramento de seus pares. Quando isso ocorre em outros espaços educacionais não formais devemos rever com cuidado se essas práticas são mesmo de uma educação não formal. Podemos destacar que a crítica e o desejo por sempre recriar esses territórios de educação não formal é que torna o fazer educação uma prática constante na formação do educador.

Assim, podemos compreender que os processos educacionais não formais não se concretizam tendo o espaço escolar como necessário para a realização de suas práticas, ou seja,

os processos educacionais não formais se apresentam nas mais variadas formas de compartilhamento de conhecimento, histórica, memórias, vivência ou mesmo alguma prática artesanal ou artística que acabe trazendo, mesmo que não explicitamente, algum modo de fazer, ou mesmo alguma metodologia de ensino planejada.

Tendo em vista que os processos educacionais não escolares se constituem de expressões outras que não se limitam a dualidade do ensino e aprendizagem, ou seja, essas expressões outras constituem um aparato de atividades artísticas culturais que englobam manifestações educacionais que não estão preocupadas num primeiro momento em produzir ou reproduzir uma pedagogia do fazer que ali se manifeste.

Perceber nesses processos educacionais não escolares a potencialidade de uma educação que se preocupa e valoriza as pessoas dentro de suas individualidades, coletividades e singularidades, é tornar os processos educacionais não escolares mais próximos dessas pessoas que se rebelam ao sistema educacional institucionalizado, assim como os torna parte essencial de todo o processo educacional, reconhecendo assim suas potencialidades.

Sobre os processos educativos que ocorrem em espaços fora da escola, Gusmão acrescenta:

Contudo, processos educativos ocorrem em meio à vida vivida, como parte das relações humanas que não se restringem ao espaço da escola, como é suposto em sociedades como a nossa. E, nesse sentido, é que se pode pensar nas possibilidades de uma antropologia da educação ou das relações entre antropologia e educação.  
(GUSMÃO, 2015, p. 21)

Gusmão reforça que dentro dos processos educativos não escolares surge a necessidade de pensar uma antropologia da educação em sentidos múltiplos de metodologias. Essa necessidade de pensar a antropologia no campo da educação interfere de imediato nas mais variadas formas de se estabelecer as relações metodológicas do campo antropológico e da educação.

Estabelecer relações de métodos talvez não seja aqui nosso objetivo, mas podemos enxergar esse campo da educação como caminhos diversos, que ao longo da pesquisa esses caminhos se complementam com veredas de possibilidades para adentrarmos com nossas visões e narrativas sobre os processos educacionais que se apresentam em nossa sociedade. O material didático está situado nesse emaranhado.

Não dá pra falar sobre educação sem estabelecer essas consonâncias das vivências e a dissonâncias da vida compartilhada em desejos e trajetórias que se modificam a todo instante a

fim de se reorganizar os espaços de partilhas e aprendizados mútuos, ensinando e aprendendo e retomando a aprendizagem de ensinar e de produzir material didático.

Para Gusmão:

Nesse sentido, a educação é compreendida como partilha, comunicação e troca, pressuposto da aprendizagem e componente fundamental da cultura. Entende-se que não é possível tratar da educação sem falar em cultura e não se pode falar em cultura sem considerar a educação. Assim, colocar a dialogar a antropologia e seu método, o professor e sua prática no campo educacional implica, para um e para o outro, ter que reconhecer a heterogeneidade do social, com múltiplas e diversas experiências. Múltiplas e diversas culturas. Implica o assumir da teoria e da prática como elementos inseparáveis na construção do conhecimento, naquilo que é o método antropológico e a centralidade de sua maior ferramenta: a “cultura”.

(GUSMÃO, 2015, p. 22)

A preocupação estabelecida no sentido de pensar a antropologia, entendida aqui a partir do método da imersão e do aprendizado compartilhado com os interlocutores no trabalho de campo para produção de material didático, em espaços não escolares, nos leva a uma variada manifestação de processos educativos que nós, enquanto pesquisadores da área, arriscamos apontar que é possível sim, percebermos nessas ações, as aproximações possíveis que buscamos com a pesquisa compartilhada que aqui se apresenta.

O esforço estabelecido nesse sentido é que possamos perceber que a educação ultrapassa os mecanismos escolares, uma vez que nos referimos a educação como processos de trocas e conhecimentos compartilhados que não dependem do espaço escolar para se tornarem o que são, ou seja, a educação se agencia como uma forma simétrica com a antropologia, no sentido aqui exposto, para complementar conhecimento, aprendizagem e ensino muito além do currículo escolar.

A educação se localiza como um processo de agenciamentos culturais, políticos, religiosos, artísticos entre tantos outros que nos são presentes em nossas vidas. Desse modo, o campo de atuação da educação não se limita só e somente na escola como espaço onde acontecem as trocas de conhecimentos, e a reprodução de meios pelos quais se fazem essas transmissões e agenciamentos com os mais variados conhecimentos.

Desse modo, podemos pensar as pedagogias relacionadas a movimentos sociais, educação e produção de material didático para escola, numa dimensão contextualizada entre as práticas políticas dos sujeitos encontradas no seio dessa educação desprovida da escolaridade. O pensamento em rede é compreendido nesse trabalho como fundamental para que haja o protagonismo da educação. “Nesse sentido, cada um se educa permanentemente, seja nas aulas a distância, ou mesmo se relacionando com o namorado, pais, amigos e filhos... Para que haja

educação, basta alguém estar produzindo algo chamado pensamento...” ( RIBEIRO, 2007, p, 22)

Dentro dessa fundamentação teórica sobre os processos educacionais não formais e produção de material didático, que se localizam no "extra muro das escolas" como afirma Gohn (2009), podemos fazer essa leitura de acordo com a nossa experiência vivenciada aqui no Movimento Social FOME.

Desse modo, para Gohn;

As práticas da educação não-formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das Artes, Educação e Cultura. A música tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não-formal. (GOHN, 2009, p.31)

Queremos aqui apresentar as perspectivas educacionais que se estabelecem fora do ambiente escolar, e para isso é importante que possamos atravessar esse contexto conceitual da educação não formal a fim de relacionarmos as práticas com as teorias pensadas nesse sentido amplo de compreendermos o papel da escola num sentido que se pense e reinventem estratégias para fazer a “diferença” na educação escolar, ou o que se pode levar das práticas educacionais não formais e seus recursos utilizados para dentro de sala de aula. O território onde as escolas estão inseridas também cumprem essa função dual da educação que é o ensinar e o aprender correlacionados a dinâmica do cotidiano.

## **2.2 Territórios criativos: O que a escola pode aprender com a dinâmica territorial onde está inserida.**

Os territórios se constituem de falas, de potencialidades, de discursos e empoderamentos na periferia. Sousa (2019) transita entre a praça do F.B<sup>7</sup> (Praça Quirino Rodrigues) no centro da cidade de Sobral, onde jovens da periferia ocupam com poesia e com a arte de territorializar seus corpos e discursos. É na praça do F.B que acontece o SLAM da Quentura, um movimento, um coletivo, uma ação, um acontecimento de encontros de poetas oriundos das periferias e dos

---

<sup>7</sup> A praça do F.B é uma abreviação de Farias Brito, nome da escola privada que fica localizada em frente a praça.

centros. Vicente Sousa caminha para uma outra praça, essa agora mais distante do centro, fica localizada aqui no bairro Terrenos Novos, território de mais uma pesquisa que versa sobre essa juventude faminta e inquieta em seus desejos artísticos, políticos, educacionais e culturais. O autor comenta que:

Sem dúvida, mesmo quando os poetas que recitam no Slam saem de seus lugares de pertencimento, de seus bairros e territórios, para se apropriar mesmo que momentaneamente de outro espaço, no caso, a Praça Quirino Rodrigues, no Centro da cidade, ali eles territorializam aquele espaço, imprimem com suas presenças e ideias uma nova territorialização, dando-lhe outro sentido. A composição da cena é o instrumento básico para isso. O mesmo ocorre com o espaço da Praça Doutor Estevam, onde ocorre a Batalha do TN. Ali, mesmo sendo dentro do próprio bairro Terrenos Novos, onde parte dos MC's e Rappers mora, a referida praça passa a ter um significado ainda mais simbólico, pois naquele momento ela agrega não somente a presença física dos moradores, mas traduz, através da reunião de todos que ali se encontram, uma incursão ideológica, um afloramento de similaridades próprias daqueles que ali habitam, formam uma nova territorialidade. (SOUSA, 2019. p. 117)

A periferia é território de um universo complexo e plural. Complexo no sentido que não podemos encaixá-la num sentido único de suas narrativas, cabendo compreender a periferia como um território de produção, de lutas, de resistências, de um lugar que está sobrevivendo dentro das suas contradições históricas e sociais.

O corpo individual ou coletivo, a partir de suas agências no espaço, disputam um território que define que deve ser ocupado. Aí acontece a territorialização, que o esforço em ocupar esse território e a desterritorialização em função da tensão com os outros esforços, de outros agentes, que entram em disputa, dando movimento ao território e incluindo nesse movimento, o conflito.

É importante perceber na colocação de Sousa (2019), que o território ao mesmo tempo que está como lugar fixo de pertencimento, ele se reterritorializa para dar lugar a novos acontecimentos, ou seja, a dinâmica empreendida nos espaços onde são ocupados por jovens, como o evento de poesia falada Slam da Quentura, que se realiza na praça Quirino Rodrigues no centro da cidade, ou a Batalha do T.N, um evento de rima e improviso entre Mc's que se realiza na praça Doutor Estevam no bairro Terrenos Novos, são expoentes de uma resignificação dos espaços territorializados.

O que acontece no território enquanto força motriz da autonomia dos sujeitos é parte necessária no processo de desconstrução de estigmas e preconceitos relacionados à vulnerabilidade do espaço geográfico onde a periferia está localizada. As sociabilidades construídas no território periférico são assim subjugadas pelo olhar exterior como marcas que simbolizam a segregação e criminalização de quem mora na periferia. Na contramão dessa

desconstrução de narrativas julgadoras e criminalizadoras, nós que fazemos algum tipo de luta social, artística ou cultural, temos acionado esforços para criar esses “pontos de fugas”, para usar um termo deleuziano, no sentido do fazer da arte uma metodologia para não só discutir, mas mobilizar a comunidade e investir em agências transformadoras, produzindo resistência.

Pensamos essa relação político-social do território inserido dentro das suas vulnerabilidades como espaço que tem resistido diante um cenário desafiador para produzir fenômenos artístico-culturais que se somam a um aprendizado mútuo dentro de uma pedagogia da reinvenção do cotidiano, assim, correlacionar essas pedagogias libertárias encontradas nos fazeres do Movimento Social FOME e coletivos de juventudes nos permite traçar uma visualidade em plano aberto a partir da perspectiva criativa dos territórios.

Pontual (2019), reforça que:

A noção de território de exclusão, ou de vulnerabilidade, pode induzir a práticas de cunho assistencialista, que concebem as populações como sujeitos passivos. Já a noção de território desprovido de direitos nos ajuda a entender que as ações a serem desenvolvidas devem ser orientadas pela afirmação de direitos, ações em que os sujeitos são vistos em uma condição ativa e cujas práticas sejam desencadeantes de autonomia e emancipação.

(PONTUAL, 2019. p. 161)

É interessante percebermos que Pontual (2019) reforça essa noção do território dentro dos cenários de atuação potente dos sujeitos que protagonizam suas ações de afirmação do espaço onde moram. Dentro desse cenário é importante destacarmos como o autor critica a ideia de passividade dos sujeitos vulneráveis, o que acarreta em visões de que há necessidade de ações assistencialistas, colocando que existe uma prática social de sujeitos ativos no território, não passivos. Os que são desapropriados de direitos, não sucumbe à violação de seus direitos e acabam criando mecanismos para, ativamente, cobrar e garantir não só os seus como os do coletivo, tendo em vista que as práticas coletivistas nascem nesse sentido de fortalecer e somar forças nesse cenário, onde diante das vulnerabilidades e negação de direitos as pessoas ainda partem para essa luta social a fim de resolverem esses problemas que se apresentam no cotidiano em que se encontram.

A pracinha do bairro Terrenos Novos é cenário da ocupação artística de jovens Mc's, que desde 2017 realizam mensalmente uma batalha de rima, onde rappers, Mc's e simpatizantes das rimas improvisadas realizam os desafios, duelos e disputas num cenário aguerrido pelo calor dos improvisos e das rimas construídas ali mesmo sem ensaio ou algum tipo de planejamento associativo gramatical.

Sousa (2019), ressalta que:

A batalha de MC's se dá através da inscrição no momento do evento. Quem quiser batalhar, é só se inscrever. Formado um determinado número de pares, tem início a Batalha. A cena é conduzida por um locutor que anuncia os participantes, esclarece as normas da disputa, onde não é permitido falar palavrões, ofender o oponente com insultos que sejam de caráter homofóbico, machista, pornográfico e/ou com conotação pederasta, como costumam chamar. Caso isso não seja respeitado, aquele que feriu o regulamento acaba sendo eliminado.

Compõe a cena também dois jurados, geralmente outros MC's que entendem da forma como as rimas são conduzidas. São eles quem determinam se uma batalha termina ou continua, isso depende do desempenho

dos MC's. O público também vota através de manifestações com aplausos e no grito mesmo, evidenciando o vencedor de uma disputa. A cada disputa de duplas, um é eliminado, e assim sucessivamente até restarem somente dois MC's que disputam a final.

(SOUSA, 2019. p. 106)

Os impactos que as ações artísticas e culturais tem dentro do bairro são imensuráveis como sempre aponta Sousa (2019), uma vez que, as potencialidades e os sujeitos dessas ações carregam uma autonomia do fazer dentro dos processos horizontais de decisões, ou seja, a importância das construções coletivas por mais desafiadoras que sejam, elas nos ensinam que a prática dessa pedagogia corresponsabiliza os sujeitos que a tornam possível.

Desse modo, é parte fundamental para entendermos os processos coletivos educacionais que existem nas ruas e no próprio bairro, a busca para se compreender o que é o bairro vivenciado no cotidiano urbano da cidade.

Sobre a noção de pensar o que é o bairro, Certeau afirma que:

O bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais: com ele ficam postos à disposição dos seus usuários "lugares" na proximidade das quais estes se encontram necessariamente para atender a suas necessidades cotidianas. Mas o contato interpessoal que se efetua nesses encontros é, também ele, aleatório, não calculado previamente; define-se pelo acaso dos deslocamentos exigidos pelas necessidades da vida cotidiana: no elevador, na mercearia, no supermercado..

(CERTEAU, 2008, p. 46, grifos do autor)

Podemos destacar que, morar e fazer do bairro um espaço de militância política, cultural e educacional, tem se revelado uma experiência afetada pelos sentimentos de responsabilidade social com o meio onde nós fomos criados e educados, assim como, as devolutivas enquanto pesquisador, tendo em vista que as trajetórias se cruzam e a contribuição que se pode fazer nesse sentido é trazer para a ciência educacional, as experiências que correlacionam a vivência na periferia com as metodologias pedagógicas, ousando inclusive a pretensão de incluir em sala de aula a praticidade dos agenciamentos educacionais não formais a partir de material didático produzido por esses grupos, como importantes condutores de saberes científicos, seja através dos materiais pedagógicos propostos pela pesquisa, ou mesmo pela pesquisa teórica e de campo junto ao Movimento Social FOME.

É nesse sentido que podemos relacionar a pesquisa dos processos educacionais não formais com as práticas dos agentes sociais que estão inseridos no campo, ou seja, é com as práticas cotidianas desses agentes que se estabelecem as relações metodológicas da educação que se faz presente nas ruas, becos e vielas dos bairros periféricos.

Como moradores que participam dos processos históricos do bairro onde vivemos, pudemos presenciar desde cedo as relações político-sociais nas quais nos inserimos aqui na periferia. Uma delas é a formação dos grupos, movimentos e coletivos que surgem nas ruas, calçadas, igrejas e associações comunitárias a fim de mobilizar os seus pares a um propósito de início coletivo e socializante.

Os surgimentos das associações comunitárias, igrejas, rádios piratas, grupos artísticos, coletivos de juventude e gangues, nos faz perceber que a vivência dentro de um tipo de bairro, nas condições que vivemos, remete a processos não só individuais, mas também coletivos. As associações coletivas têm por objetivo unir, movimentar e desorganizar núcleos estáticos na sociedade e na convivência do bairro.

Para Michel de Certeau as relações coletivas que são produzidas no cotidiano dos bairros trazem consigo maneiras de conviver em grupo que *a priori* são introduzidas como regras convencionadas coletivamente sem que seja necessário ter uma marcação histórica ou documental para isso.

Assim, Michel de Certeau reforça que:

Por “coletividade de bairro” eu entendo o fato bruto, materialmente imprevisível, do encontro de pessoas que, sem serem absolutamente anônimas pelo fato da proximidade, não estão tampouco absolutamente integradas na rede das relações humanas preferências (do círculo de amizade, de laços familiares). O bairro impõe um *know-how da coexistência indecível e inevitável simultaneamente*: os vizinhos aí estão, cruzo com eles na escada do prédio, na minha rua; impossível evitá-los sempre; “é preciso conviver”, encontrar um equilíbrio entre a proximidade imposta pela configuração pública dos lugares, e a distância necessária para salvaguardar a sua privada.

(CERTEAU, 2008, p. 47, grifos do autor)

Chama-nos a atenção nessa passagem de Certeau, como o autor coloca as relações coletivas do bairro numa compreensão pragmática dos fatos sociais se darem na imprevisibilidade. Por mais que desejemos que a produção dessas relações passe pelo critério de planejamento, antes mesmo de se estabelecerem como tal, do mesmo modo, as forças dessas relações acabam se fundando nos movimentos acordados na convivência coletiva do bairro. O surgimento dessas associações coletivas dentro do bairro se dá antes de tudo pelas iniciativas

individuais de cada pessoa que, futuramente, alcançam o objetivo da coletivização das convivências.

Explorar essas relações coletivas que estão presentes no bairro é parte importante para esse trabalho que tem como base a produção de material didático com base na experiência vivenciada num bairro situado na periferia que abriga parte da população mais empobrecida da cidade. Desse modo, as práticas sociais, culturais, políticas e educacionais se entrecruzam para formar as justificativas de como podemos aprender com os processos educacionais não formais, onde os agentes educacionais desses processos são pessoas do cotidiano comum do bairro, ou seja, produzem processos pedagógico de como viver na periferia e que podem ser utilizados na educação formal, especialmente na disciplinas com conteúdo de sociologia do ensino médio.

Segundo Michel de Certeau;

A prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento. Toda submissão a esses códigos, bem como toda transgressão, constitui imediatamente objeto de comentário: existe uma norma, e ele é mesmo bastante pesada para realizar o jogo da exclusão social em face dos “excêntricos”, as pessoas que “não são/fazem como todos nós”. Inversamente, é ela a manifestação de um contrato que tem uma contrapartida positiva: possibilitar em um mesmo território a coexistência de parceiros, a priori “não ligada”. Um contrato, portanto, uma “coerção”, que obrigada cada um para que a vida do “coletivo público” – o bairro – seja possível para todos.  
(CERTEAU, 2008, p. 47, grifos do autor)

Contextualizando a reflexão que nos chega sobre o bairro e suas relações coletivas, podemos agora empreender a fuga para as delimitações territoriais que são apresentadas nesse texto. Assim como a reflexão de Certeau (2005) sobre a prática do bairro ser essa “convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários”.

Ainda falando sobre bairro e território, Sousa (2019) destaca que o bairro enquanto espaço e território deve ser compreendido muito além do espaço físico e geográfico. Os mapas nesse sentido são incapazes de capturar os sentidos e afetos que passam dentro do bairro. O bairro nesse sentido não se resume apenas nos limites espaciais e geográficos que são traçados nos mapas.

Segundo Sousa (2019):

O bairro, a periferia e o lugar não são somente formas espaciais e materiais geométricas, visíveis e mensuráveis, são representações também de subjetividades, circunstâncias pensadas e colocadas em prática, às vezes não mostradas pelos mapas mais técnicos, são desejos e potências, agências significativas que intervêm e inventam o território e o lugar, e disso, a poesia slam consegue dar conta. As narrativas registradas em entrevistas também são assim.  
(SOUSA, 2019.p. 104 e 105)

A tarefa da territorialização, nesse sentido, é deslocar o quanto pudermos os conceitos a fim de conectá-los a outros conceitos que justificam uma reterritorialização das ideias, dos temas e do próprio significante dos enunciados. Assim, trazendo pensadores como Deleuze Guattari para dialogar com a temática desta pesquisa, tomo o conceito de literatura menor desenvolvido no livro “Kafka por uma literatura menor” para conectar a escrita marginal dos Mc’s e poetas que fazem a cena da Batalha do T.N e também do Slam da Quentura, para fortalecer esses caminhos desviantes dentro da macroestrutura narrativa da poesia, da arte e da própria educação.

A literatura menor segundo Deleuze(2014) se caracteriza por três fatores fundamentais a saber: 1. A literatura menor não é aquela de uma língua menor, ao contrário é o que uma minoria faz em uma língua maior. 2. Tudo na literatura menor é político, ou seja, a escrita é manifesto, um grito e uma reivindicação. 3. Na literatura menor a escrita ultrapassa o desejo individual do autor para se realizar no campo coletivo do político. Sendo assim, a terceira característica é compreendida pelo desejo coletivo da escrita menor.

Para Deleuze(2014):

[...] Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização.[...]  
(DELEUZE, 2014.p. 35)

Continua o autor:

A segunda característica das literaturas menores é que tudo nelas é político. Nas “grandes” literaturas, ao contrário, o *caso individual* (familiar, conjugal, etc.) tende a juntar-se a outros casos não menos individuais, o meio social servindo de meio ambiente e de pano de fundo de maneira que nenhum desses casos edipianos é indispensável em particular, absolutamente necessário, mas que todos “fazem bloco” em espaço largo. A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política.[...]  
(DELEUZE, 2014.p. 36. Grifos do autor)

Para concluir Deleuze(2014) reforça a terceira característica da literatura menor:

A terceira característica é que tudo toma um valor coletivo. Com efeito, precisamente porque os talentos não abundam uma literatura menor, as condições de uma *enunciação individual* não são dadas, que seria a de um tal ou qual “mestre”, e poderia ser separada da *enunciação coletiva*.  
(DELEUZE, 2014.p. 37. Grifos do autor)

Nesse sentido, podemos pensar a ruptura da macroestrutura para trazermos as linhas de fugas deleuze-guattarianas tendo como deslocamento conceitual a noção de “literatura menor” para refletirmos as possibilidades desejantes de uma “educação menor” nesse sentido da

resistência interior dos espaços educacionais regidos pelas amarras institucionais de uma pedagogia liberal tradicional individualista voltada para o empreendedorismo.

Como podemos pensar uma “educação menor” levando em consideração a relação de trabalho colaborativo entre a comunidade e a escola? A relação do trabalho colaborativo entre comunidade e escola sempre carrega um peso de tensão em vista dos desafios existente nessa relação, levando em consideração que os agentes construtores desses espaço educacionais, devem necessariamente inserir nas suas atividades a participação ativa desses agentes exteriores na sala de aula que são: território onde a escola está inserida, associações comunitárias de bairro, coletivos de juventude, centro de saúde da família (CSF), centro de referência a assistência social (CRAS) entre outros sujeitos que fazem parte dessa dinâmica territorial onde a escola está inserida.

Pensar uma educação que faça resistência a esse modelo engessado da educação institucional, é necessariamente entender que essa resistência não pode ser confundida com o ato de oposição à educação formal inserida nas escolas, por exemplo. Os objetivos que cercam a educação não formal como desejo de uma “educação menor” é por linhas gerais fazer desse movimento de resistência uma pluralidade convidativa das experiências encontradas nas ruas da periferia a fim de serem compartilhadas dentro dos espaços educacionais formais.

Diante dessa educação maior (a educação captada pelo Estado), a educação menor (a que faz oposição ao Estado) é um constante ato de reinvenção do seu próprio campo de atuação, tornando desse modo um movimento nômade, ou seja, uma educação que aprende ao mesmo tempo que ensina e se permite as mutações pedagógicos do território. Esses atos criativos da educação menor é nesse sentido um ato de reinvenção do cotidiano.

Assim, para Gallo:

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas pública de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.

Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está nos âmbitos da micropolítica, na sala de aula, expressão nas ações cotidianas de cada um.

(GALLO, 2008. p. 64 e 65)

O que acontece no centro das dinâmicas do território com as ocupações artísticas e culturais tendo à frente eventos e acontecimentos como as batalhas de Mc's e Slams sendo protagonista no processo criativo das narrativas marginais<sup>8</sup>, é um convite para aprendermos com eles como essa linguagem e metodologia das ruas periféricas acabam se aproximando bem mais do que as que são repassadas nos ambientes de educação institucionalizados. Para isso, é importante destacarmos as proximidades construídas nesses espaços que produzem sociabilidades e dispositivos educacionais despreocupados com as obrigações institucionais. Assim, o que aproxima o rapper, o poeta, o público e as maneiras de se pensar uma educação mais inclusiva a partir das expressões artísticas e culturais da periferia é simbolicamente todo a construção social das maneiras de resistir às dificuldades do cotidiano na periferia, produzindo desse modo, uma arte que se engaje com as lutas travadas no coração da periferia.

Uma vez mais, Sousa (2019) nos auxilia a pensar como essas sociabilidades encontradas em espaços como Batalha de Mc's e Slam são tão importantes para compreendermos as ligações que transitam entre as juventudes que tem produzido essas máquinas de guerrilha no sentido deleuze-guattariano dentro do território comum a todos eles.

Desse modo, segundo Sousa (2019):

Visualmente, já se percebe que o público frequentador desses momentos tem determinadas similaridades. São grupos de pessoas que parecem se identificar com as mesmas causas, falam de coisas parecidas, comparecem em grupos, recitam versos que comparados com os de outros, têm muita similaridade nas palavras, pois traduzem desejos, denunciam injustiças, reivindicam direitos, exaltam sua negritude com menções a ícones de lutas que ficaram marcados na História do Brasil, principalmente Dandara e Zumbi dos Palmares, símbolos de resistência. Os dois movimentos falam a partir do marco geográfico da periferia. As estratégias para montagem da cena e da territorialização são diferentes. Apesar da diferença, alguns dos integrantes dos dois grupos coincidem, justamente porque há interesses comuns.

(Sousa, 2019. p. 107)

---

<sup>8</sup> Sousa (2019. p. 105) destaca a respeito da terminologia marginal dentro do contexto da escrita e da poesia o seguinte "O termo marginal parece transitar entre duas significações. Primeiro, pode dar a impressão de que o fato de ser um estilo de poesia feito por pessoas que moram nas periferias, que estão em situação de desigualdades, e possivelmente negras, além de ter forte participação feminina, sobretudo quando vistas enquanto coletivo ou movimento, esse modo de fazer poesia está atrelado às minorias, aqueles que estão às margens da sociedade, pois não desfrutam de seus direitos como deveriam.

A segunda impressão que denota desse termo, nessa circunstância específica, parece ser o fato de o formato slam não trazer as características do modelo literário mais tradicional, como já descrito anteriormente. Este parece se sobrepôr ao outro pelo fato de ser considerado talvez um estilo que trabalha as palavras de forma mais culta, o que agrega um público admirador mais formal, seletivo e de fortes vinculações acadêmicas. Mas isso são apenas reflexões sem embasamento que as justifiquem."

Vale ressaltar que a intenção das rodas de improvisos que as batalhas de MC's produzem não tem por objetivo pedagógico, debater temas norteadores dos livros didáticos das salas de aulas, mas que, através do próprio “acontecimento” (Zourabichvili, 2016) da batalha de improviso, é possível correlacionar com os grandes temas norteadores que são passados em sala de aula, tomando a escola como principal exemplos dessa relação das ruas da periferia e seu cotidiano, com o que os educadores em sala de aula ensinam para seus alunos.

O rap como gênero musical para essa juventude que tem construído a Batalha do T.N, tem sido um meio pelo qual eles trazem todas as associações pessoais e coletivas que estão passando em suas vidas, e tentam, através dos versos e das rimas, reorganizar as ideias em letras de músicas que denunciem o cotidiano difícil na periferia. As batalhas de rima, nesse sentido, cumprem uma função educadora muito importante quando dão oportunidade de falar para esses jovens para poderem se expressar, denunciando, através da música, as negligências que o poder público tem causado no seu território.

Dentro das narrativas construídas através do rap podemos compreender a importância educacional que o hip hop tem desenvolvido dentro das periferias brasileiras, a pedagogia adotada pelo hip hop é assim construída tendo como fundamento esse empoderamento dos sujeitos, ou seja, o microfone e a amplificação das vozes são os resultados eficientes de uma devolutiva concreta dos desejos e anseios dos sujeitos que constroem esses espaços de falas, de encontros, de festividades e de realizações.

Tomando a cultura hip hop como exemplo potente das transformações individuais e coletivas dos sujeitos que transitam nos espaços escolares e no cotidiano do bairro por onde acaba sendo o palco da realização do hip hop, acreditamos que em espaços educacionais institucionalizados ou não, é possível trabalhar e trazer como método de ensino a inclusão dessas narrativas de ruas em diálogos diretos com grandes temas norteadores do conhecimento científico.

A partir desse desejo por construir material didático para o ensino de sociologia, ou mesmo, abrindo esse leque de abrangência dos objetivos, e pensando nas ciências humanas como um todo, é que reafirmamos juntamente com Conceição (2014), o caráter educacional que o hip hop tem para ensinar e contribuir com o campo científico na construção de saberes fundamentados na experiência singular desses sujeitos.

Assim, para Conceição (2014):

Por o hip hop ser uma produção cultural híbrida (que lida com diferentes vertentes artísticas), acredito que ele pode ser trabalhado em diversas disciplinas escolares, não como uma solução para todos os problemas do mundo, mas como uma possibilidade

de abordar a pluralidade de pontos de vistas e de se tornar um lugar que privilegie a diversidade. Dessa maneira, não basta termos uma escola diversa no que tange aos estudantes, sem levar em conta essa diversidade nos conteúdos abordados, já que, como em um ringue, há batalhas de saberes e conhecimentos lutando por espaço e legitimação nesse contexto.

(Conceição, 2014. p. 151)

Trabalhar as artimanhas que o hip hop traz em sua pedagogia, é para nós um dos objetivos principais dos nossos desejos para partilhar em sala de aula os fenômenos educacionais que se apresentam nas ruas da periferia, tendo como exemplos as manifestações artístico-culturais representadas pelas linguagens<sup>9</sup> que o hip hop carrega em suas realizações.

O direito ao microfone e amplificação das vozes dos “excluídos” torna-se um desejo imensurável no ato político que a arte desses jovens tem produzido dentro da periferia. Podemos observar que é a partir desse envolvimento coletivo que as manifestações artístico-culturais passam a ter um papel mais político no sentido do empoderamento das falas pautadas na cobrança de direitos e de pensar o território como lugar de acontecimentos e realizações das lutas travadas no cotidiano.

### **3. CAPÍTULO 02: MATERIAL DIDÁTICO MUDIÁTICO APLICADO E ENSINO DE SOCIOLOGIA.**

Como perspectiva pedagógica para criação de material didático direcionado a disciplina de sociologia ou áreas afins, pensamos num contexto multiplataforma que pudesse acolher numa proposta, vários desejos dentro de uma narrativa plural das mídias que propomos trabalhar em sala de aula, junto às professoras do ensino médio das escolas públicas de Sobral/CE e de cidades circunvizinhas.

Ao lançarmos nosso olhar sobre a produção de material didático para o ensino de sociologia, devemos contemplar um horizonte produtivo e que se renova a cada instante na superação dos desafios diários encontrados no ensino das ciências humanas na base comum escolar. Podemos reforçar que, mesmo com um vasto material produzido sobre pesquisa e produção de ferramentas didáticas que reforcem o currículo escolar do ensino de sociologia, é

---

<sup>9</sup> Sobre as diversas linguagens artísticas que compõem o hip hop Conceição (2014. p.136) exemplifica que “Seus pilares são grafite, *breakdance*, *MC* (mestre de cerimônia) e *DJ* (disc-jockey), ou seja, artes-plásticas, dança, música e discotecagem, tendo como palco as ruas e outros espaços públicos, tais como parques e praças. Da mesclagem de Mcs com Djs, então, formou-se o rap.

necessário pontuar que não tem sido fácil disputar e criar trincheiras que impeçam o avanço de um modelo neoliberal sobre o ensino escolar.

Pensando nessas relações conflituosas que envolvem as estruturas governamentais do Estado para com as ferramentas didáticas para o ensino de ciências humanas, especificamente o ensino de sociologia, é que pensamos os desafios de não só produzir um material didático que flertasse com interesse comum da sala de aula, mas do que isso, organizamos nosso material didático tendo como base referencial o que os alunos e alunas das escolas públicas no período fora dos horários de estudos escolares compartilhavam e discutiam nas rodas de conversas entre amigos, nas esquinas, nos lazeres, enfim, tomamos como referência as atividades executadas pelo Movimento Social FOME dentro do cotidiano da periferia urbana da cidade de Sobral/CE.

A partir dessa imersão na produção dessas atividades artístico culturais que o FOME vem realizando desde 2013, que a gente traz para esse trabalho as possibilidades educacionais de se pensar ferramentas didáticas para o ensino de sociologia nas escolas públicas. Foi pensando nessas narrativas socioculturais das atividades nas ruas da periferia que podemos indagar de como as linguagens, as sociabilidades, a cultura que se propaga entre esses jovens que frequentam a escola pública é tão importante e transformadora para pensarmos num material didático que dialogasse diretamente com o cotidiano desses alunos.

Não obstante, é necessário estabelecermos aqui que não queremos abstrair dessa proposta um modelo, ou manual acabado e fechado, muito pelo contrário, quando pensamos nessa relação fluída do cotidiano devemos ter em mente que nosso material passará pelo crivo da temporalidade e assim, nosso objetivo é propor e criar linhas de fugas aos livros didáticos. Quando criamos nossa proposta de material didático nos aproximamos dos desejos e repulsas dos alunos, e isso torna nossa proposta como algo mais localizado dentro dos territórios que afetam e atravessam a vida de cada um desses estudantes.

Produzir essas ferramentas didáticas, filmes, videoclipes e *podcasts*, para o ensino de sociologia é levar em consideração a relação que o professor tem em sala de aula com seus alunos e território onde a escola está inserida, além é claro de toda relação que envolve a estrutura escolar e seus sujeitos. Para isso, nosso trabalho contou com a colaboração inicial de professoras que se dispuseram a dialogar e construir ideias que proporcionassem a nossa proposta aproximações com aquilo que estávamos trabalhando junto ao Movimento Social FOME, que era justamente essa relação da educação não formal nos processos formativos e artísticos do coletivo, como maneiras de se pensar o ensino de sociologia no ambiente escolar.

Para essa relação entre material didático produzido em atividade não escolar e ensino de sociologia, atravessamos um caminho histórico e social que colaborou para a concretização do nosso material didático que são as múltiplas linguagens em mídias sonoras, fílmicas e visuais, como vai ser detalhado mais à frente, que dentro do Movimento Social FOME e juntamente com a colaboração do Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas – LABOME, conseguimos fazer essa junção, fazer a multiplicação dessas linguagens para dentro da proposta didática do material que irá para dentro da sala de aula.

O trabalho desenvolvido com essas múltiplas linguagens colabora nesse sentido na construção da própria autonomia dos alunos que se identificam e acatam a proposta num jogo de associação e semelhança com aquilo que a professora vem discutindo em sala de aula. Essa correlação didática que os estudantes trazem com os materiais didáticos propostos e o próprio material didático formal que é repassado pela escola, nos aciona para uma perspectiva de sempre retornarmos a esses caminhos comuns entre educação não formal e as práticas educacionais escolarizadas.

Nesse sentido, a produção de metodologias dentro dos processos de educação não formal foi fundamental para produzirmos esses materiais que serão aqui apresentados de maneira mais ampla e detalhada. Desse modo, a contextualização não formal da educação concebida dentro Movimento Social FOME e outros coletivos, que fazem dessas atividades artísticas culturais um mecanismo de resistência e caminhos de fuga ao controle do Estado, coadunam para pensar aquilo que podem construir em comum na relação ensino e aprendizagem com os sujeitos que fazem parte dessa troca mútua de conhecimentos.

Nossa proposta de material didático teve como ideia fundamental a produção de curtas documentários para serem exibidos e debatidos em sala de aula de acordo com os temas norteadores que os professores estivessem trabalhando em suas aulas.

Nesse caminho da produção do material didático muitas ideias surgiram no sentido da ampliação do formato e alcance de uma linguagem de mídia mais ampla. Nesse sentido, percebemos que a produção audiovisual feita em colaboração com o LABOME e o FOME nos dava a possibilidade de trabalhar com mais de uma linguagem, além do audiovisual com os curtos documentários.

Foi nessa perspectiva ampliada de pensarmos as pluralidades dos campos de alcance do material didático entrelaçado com o cotidiano da juventude estudantil, que acabamos por decidir trabalhar o documentário num horizonte fílmico que trazia como proposta outros

formatos e gêneros narrativos que se adequassem às necessidades das discussões provocadas dentro de sala de aula.

Nesse sentido, temos trabalhado em um experimento audiovisual com narrativas que contêm muitas linguagens como componente fundamental de nossa proposta de material didático para aulas de sociologia, utilizando diferentes formatos midiáticos como ponto de partida.

O filme "Tinta neles"<sup>10</sup> foi produzido como consequência de um processo de filmagem que incluía linguagens transmidiáticas e um acervo documental em vídeo e áudio, que foi criado por meio de uma prática compartilhada. Este filme foi usado como material didático nas escolas secundárias próximas a Sobral e região circunvizinha. Reconhecendo a ideia fílmica baseada nas localizações transmídias. A proposta de construção desse material didático para aulas de sociologia tem como base uma abordagem multifacetada dos recursos pedagógicos construídos no contexto da educação não formal como parte importante do trabalho a ser feito em sala de aula.

Com base nessa orientação sobre a pesquisa compartilhada entre as ações do FOME e do LABOME, podemos acrescentar os caminhos que foram traçados e percorridos para se pensar essa proposta de criação do material didático para o ensino de sociologia, que trouxesse essa experiência das ruas da periferia urbana da cidade para um contexto que não se limitasse apenas ao cenário urbano, uma vez que a intervenção e testagem do material produzido alcançou outros territórios que num primeiro momento nos surpreendeu pela ponte construída no afeto envolvido no trabalho de pesquisa aqui apresentado.

Nesse sentido, como demonstrado anteriormente, o filme "Tinta Neles" foi o laboratório formativo que nos possibilitou pensarmos metodologias e práticas audiovisuais voltadas para uma contextualização sociológica dos fatos sociais que ocorriam no cotidiano dos personagens envolvidos nesse filme.

O filme "Tinta Neles" aborda o cotidiano do artista e morador do bairro Terrenos Novos, Tiaguim Tavares, que desenvolve um trabalho com o graffiti há cerca de nove anos, que é o mesmo tempo que entrou na militância junto ao Movimento Social FOME, que foi onde desenvolveu sua técnica para as artes visuais no graffiti.

---

<sup>10</sup> O filme pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEXjLvdKq5E> .

Com a perspectiva etnobiográfica, o curta documentário mistura técnicas multimídias que perpassam pelas fotografias, vídeos e áudios captados e editados a partir de um *podcast* que é produzido pelo Movimento Social FOME, no qual recebe o nome de FOMEcast.<sup>11</sup>

O FOMEcast nasceu no Movimento Social FOME durante a primeira onda de contaminação na pandemia do COVID 19. Como todas as atividades do FOME foram suspensas com a imediata publicação dos decretos de isolamento social, novas estratégias para se pensar a continuidade das ações no isolamento social começaram a surgir, entre elas, a ideia da criação de um *podcast* que trouxesse como campo de atuação, narrativas comuns do nosso cotidiano, mas que são muito importantes para serem debatidas e compartilhadas a partir da gravação desse *podcast*.

Com isso, nós do FOME planejamos e convidamos alguns companheiros de militância para fazermos essa mediação num *podcast* produzido autonomamente por nós do Movimento Social FOME. A prática dessa nova ferramenta de comunicação comunitária nos revelaria tempos depois, que diante das temáticas abordadas em cada novo episódio, novos ouvintes cultivavam essa estreita relação afetiva em acompanhar de perto o desenvolvimento e crescimento do FOMEcast.

Em junho de 2020 eu juntamente com a Fran Nascimento e Nathan Mesquita, gravamos o *trailer* de abertura para o FOMEcast. Nesse episódio de abertura fizemos uma apresentação mais breve e objetiva do que seria o FOMEcast, o *trailer* de abertura teve como tema “Nossa FOME não cabe nas telas”.

---

<sup>11</sup> Para acessar a todos os episódios do FOMEcast deixaria os links de acesso a seguir:

1. Spotify

<https://open.spotify.com/show/1AqEaqZD3uL4OWVnpyWxqN>

2. RadioPublic

<https://radiopublic.com/fomecast-6pZdzN>

3. Pocket Casts

<https://pca.st/pt82mpiz>

4. Encoberto

<https://overcast.fm/itunes1518050144/fomecast>

5. Apple Podcasts

<https://podcasts.apple.com/us/podcast/fomecast/id1518050144?uo=4>

6. Disjuntor

<https://www.breaker.audio/fomecast-1>

7. Âncora

<https://anchor.fm/fomecast>

O FOMEcast conta com onze episódios já disponibilizados nas principais plataformas de distribuição de *podcasts*, totalizando duas temporadas. Toda hospedagem das gravações do FOMEcast estão em sites e redes de compartilhamentos de áudio de forma gratuita para ouvir e baixar a qualquer momento.

É interessante percebermos que o formato de *podcast* que temos construído dentro do FOMEcast é mais localizado num gênero onde coloca os sujeitos da periferia como construtores dessa comunicação comunitária. Os convidados e convidadas nesse sentido, trazem para o estúdio de gravação suas memórias, histórias, afetos, desejos e angústias que se misturam num roteiro pré concebido numa conversa rápida de bastidores, onde fazemos um apanhado mais objetivo para explicar e compartilhar com os convidados uma proposta de roteiro para cada episódio específico.

O episódio 01, que inaugura o FOMEcast teve como tema norteador "Comunicação comunitária"<sup>12</sup>, que abordou as diferentes perspectivas dos trabalhos realizados no campo da comunicação comunitária na periferia. O último episódio gravado pelo FOMEcast teve como tema "Slam das Cumadi: Mulher, Cultura e Literatura marginal"<sup>13</sup>. Esse episódio inaugura a segunda temporada do FOMEcast, é o décimo primeiro episódio, e nele especificamente tive só uma fala inicial de apresentação e boas vindas para as convidadas. Todas as outras duas horas e dez minutos de bate papo foram conduzidas pela mediação de minha companheira e militante do Movimento Social FOME, Raiana Souza, que, juntamente com as meninas que produzem o

---

<sup>12</sup> Neste episódio iremos falar sobre as estratégias comunicativas que o Movimento Social FOME vem executando ao longo do anos de militância dentro da periferia sobralense. (...) Como principais temas a serem abordados nesse episódio iremos debater e conversar um pouco sobre as principais atividades no campo da comunicação comunitária que tanto o Movimento Social FOME vem construindo, como também as experiências que tivemos na periferia sobralense com as rádio comunitárias, rádios postes, jornais comunitários, blogs, páginas em redes sociais e também a produção existente dentro da comunicação visual com as manifestações dos graffitis, desenhos, pinturas e pichações. (...) Descrição do Episódio 01 do FOMEcast, disponível em: [https://www.listennotes.com/podcasts/fomecast/01-comunica%C3%A7%C3%A3o-comunit%C3%A1ria-YnIXA1yNb\\_8/](https://www.listennotes.com/podcasts/fomecast/01-comunica%C3%A7%C3%A3o-comunit%C3%A1ria-YnIXA1yNb_8/). Acesso em 23 de março de 2022.

<sup>13</sup> O episódio que inaugura nossa segunda temporada traz como tema norteador, as vivências das cumadi que produzem a coletiva Slam das Cumadi. Localizando a mulher como protagonista desses espaços de construção cultural, as cumadi que participaram desse bate papo nos trazem toda uma reflexão dos desafios enfrentados por elas na gestão cultural, assim como, o enfrentamento diário das desconstruções do machismo no cotidiano feminino da mulher preta periférica. (...) Nessa perspectiva, esse episódio busca através do diálogo construir novos horizontes afetivos nessa luta diária das mulheres que se colocam enquanto mães, produtoras, artistas, empreendedoras e jovens.(...). Texto retirado da descrição do 11º Episódio do FOMEcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4DfHw1SJwLq6ha0sATXzsw>. Acesso em 23 de março de 2022.

Slam das Cumadi<sup>14</sup>, conduziram esse episódio tão significativo para o FOMEcast, pois a partir dele podemos pensar os desafios enfrentados pelas mulheres dentro da produção e fomento da cultura, assim como, a relação intrínseca do cotidiano feminino para sobreviver aos desafios diários de ser mulher em nosso dia a dia.

Assim, no texto de apresentação do FOMEcast fica nítido o caráter de produção desse formato midiático como tecnologia de inovação dentro da comunicação comunitária produzida pelo FOME.

Desse modo, podemos observar que:

O FOMEcast é mais uma ferramenta de comunicação periférica voltada a produção de conteúdos libertários não violentos. A produção desses conteúdos leva em consideração a fluidez dos fazeres artísticos e culturais da juventude inserida nas periferias. Nossa proposta é construir e ocupar espaços de comunicação e informação, que reforce a autonomia e empoderamento da juventude. O FOMEcast é a pulsação de nossos desejos frente a FOME por dias melhores na periferia.

Podemos perceber então que o formato transmídia que propomos trabalhar na construção de material didático para o ensino de sociologia, atravessa um campo produtivo de formação de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Devemos pontuar que as ferramentas tecnológicas de comunicação dentro desse contexto pandêmico tiveram seu papel fundamental nas metodologias didáticas para uma educação inserida num campo agora com um cuidado redobrado para com o indivíduo e o coletivo.

Contextualizando conceitualmente o que seria um *podcast*, Lenharo(2016) reforça o caráter formativo e de entretenimento que o formato de mídia sonora se propõe a objetivar, quando busca seu lugar de atuação como plataforma de difusão de conteúdos para um público conectado nas redes.

Segundo Lenharo:

Em linhas gerais, o podcast é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para download gratuito por qualquer usuário da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais. (LENHARO, 2016. p. 311)

Continua a autora:

---

<sup>14</sup> “A Coletiva Slam das Cumadi atua na cidade de Sobral e região Norte do estado do Ceará desde 2018, de forma independente, colaborativa e sem fins lucrativos, tendo como principal atividade a disputa poética entre mulheres. Já contou com 10 edições presenciais ao longo desses anos com programações diversas como mostras poéticas, rodas de conversas, palco aberto e oficinas.” Informação coletada no perfil da coletiva Slam das Cumadi no mapa cultural de Sobral. Disponível em: <https://mapacultural.juazeiro.ce.gov.br/agente/49647/> . Acesso em 23 de março de 2022.

Uma vez que os podcasts têm variadas funções, como consequência, eles abarcam vários tipos de gêneros, assim como são responsáveis por sua circulação. O podcast seria, então, apenas um suporte, que contém os gêneros, ou uma mídia, que os veicula e difunde?

(LENHARO, 2016. p. 311)

Tomando a função educacional e informativa do *podcast* podemos destacar que o uso dessa mídia nos últimos anos tem crescido bastante dentro de cenário onde não só a juventude tem ouvido e compartilhado mais dessa experiência, mas uma faixa etária que bem diferenciada que tem buscado não só consumir esse formato de distribuição e hospedagem de áudio. Notamos que é crescente o número de novos *podcasts* surgidos com diferentes propostas e objetivos na criação de conteúdos para um público que está mais conectado, e por ventura, está explorando essas tecnologias da comunicação que hoje tem se popularizado tanto.

É tomando como base o formato de produção do *podcast* que conseguimos trazer para nossa pesquisa o exemplo experienciado no FOME com o FOMEcast. Foi a partir da gravação do episódio 01, que teve como tema norteador “Comunicação comunitária”, onde mediei a conversa juntamente com Frank Soares, morador do bairro Vila União, rapper, comunicador comunitário e militante do Movimento Social FOME. E teve também a presença do Tiaguim Tavares, que a partir das suas falas gravadas e disponibilizadas neste episódio do FOMEcast, pudemos fazer essa mistura das texturas linguísticas e experimentarmos o resultado que foi gerado com a produção do curta documentário “Tinta Neles”.

A experiência do FOME demonstra que mesmo os moradores da periferia, onde alguns de seus membros não estão conectados ao sistema educacional, podem ensinar algo à comunidade, inclusive à escola. Neste contexto, o filme "Tinta Neles" é ambientado.

Com base no filme “Tinta Neles” pudemos traçar nossa proposta de trabalhar a perspectiva transmidiática que coloca em experimento outras mídias e formatos comunicacionais que possam acionar por diferentes conexões um vasto campo temático, onde os professores sintam-se convidados para correlacionar seus planejamentos diários de acordo com o formato de mídia que mais lhe adequa para o momento, seja os curtas documentários, videoclipes, músicas, *podcasts* entre outras sugestões que o professor escolher melhor para sua aula.

A ideia de debater representações sociais de jovens baseadas na narrativa de Tiaguim, no filme “Tinta Neles” claramente não está em jogo aqui nesta pesquisa, nem no filme, em termos de definir um "meio geral" ou "forma de vida" no contexto da dinâmica social, incluindo. A pequena jornada descrita neste campo é pessoal, mas está absorva em movimentos, agências,

desejos e potencial coletivo. Apresenta tendências únicas em seu estilo de engajamento neste campo, apontando diferenças e movimentos tensos.

A narrativa fílmica nesse sentido, tem o afeto como potência que agencia as relações construídas na formação da trajetória deste sujeito que se apresenta como artista, e é, ao mesmo tempo, morador de um bairro inserido num contexto de vulnerabilidades sociais, que através da militância social acabou tendo acesso a alguns meios importantes para se fazer artista e, com base na arte, contextualizar o seu lugar de fala dentro dessas narrativas.

Os atravessamentos do “Tinta Neles” nos proporciona pensar as indagações que vão surgindo ao decorrer do filme, onde, a partir da etnobiografia de Tiaguim Tavares foi possível destacar as territorializações que o graffite acabou produzindo na trajetória não só do personagem, mas de outros sujeitos e do próprio FOME, que acaba tendo esse papel de agência, no sentido deleuzeano-guattariano de pensarmos as relações sociais que são construídas nesse sentido.

Fazer chegar a outros espaços e pessoas a ideia dessa produção audiovisual, representou para nós um desejo presente e realizável dentro dessa perspectiva educacional da produção de material didático para o ensino sociológico, levando em consideração as relações pedagógicas construídas no âmbito das experiências educacionais não formais.

Com base na apresentação do filme “Tinta Neles” como exemplo norteador para a produção de material didático dessa pesquisa, destaco e apresento a partir de agora, outras sugestões de filmes e videoclipes como possibilidades de se pensar o material didático para o ensino de sociologia numa leitura multimídia.

“Poesia e Resistência”<sup>15</sup> leva o nome do filme documentário que Sousa (2019) apresentou dentro da sua pesquisa na dissertação. O filme não foi algo a parte da pesquisa, mas entendo como sendo a pesquisa visual e fílmica que o diretor e pesquisador realizou durante os anos de caminhada pelos campos de imanência da escrita e da imagem.

Podemos destacar nesse sentido, que o filme produzido por Vicente de Paulo, traduz, numa linguagem visual, a expressão recorrente dos caminhos que ele como pesquisador traçou para aproximar com sua pesquisa escrita.

---

<sup>15</sup> O filme se encontra disponível no seguinte endereço:

[https://www.youtube.com/watch?v=bzWE36Ob5kw&list=PLrKSbcOn7CPuBqlalijhUCb\\_Ol4pBCUgc&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=bzWE36Ob5kw&list=PLrKSbcOn7CPuBqlalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=5).

Outro trabalho audiovisual que teve também essa narrativa das ruas e das artes foi o filme “Rap nas quebradas”<sup>16</sup> que teve a direção de Kélia Viana. O filme aborda o contexto histórico do rap na cidade de Sobral e traz para a cena os agentes construtores do estilo musical que ficou tão bem representado pela expressiva narração do cotidiano periférico em forma de versos.

É importante ressaltar que esses dois filmes foram produzidos pelo Laboratório das Memória e das Práticas Cotidianas – LABOME<sup>17</sup>. O LABOME representa uma célula promotora da multiplicação das narrativas visuais. A importância do LABOME para essa pesquisa é fundamental, pois o trabalho aqui pretendido com a linguagem audiovisual terá o apoio e a produção do LABOME que consta com um acervo de imagens muito significativo sobre os bairros periféricos da cidade de Sobral.

Nesses dois filmes tive participação diretamente na colaboração da produção dos trabalhos tanto na parte de imagens, mas concentrando o apoio principalmente na captação de áudio para os documentários produzidos.

Ainda dentro das produções audiovisuais que foram produzidas dentro do território que compreende os bairros Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara podemos destacar os curtas documentários dirigidos por jovens estudantes secundaristas da escola Jarbas Passarinho que fica localizada no bairro Terrenos Novos.

Os estudantes secundaristas participaram de um projeto de formação audiovisual que a prefeitura municipal de Sobral/CE, através da Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer (SECJEL) e Instituto ECOA com apoio da Unidade e Gerenciamento de Projetos e Prevenção a Violência (UGP-PV), realizaram no ano de 2018 com o objetivo de fomentar a produção audiovisual no território partindo da produção e direção de documentários com as temáticas norteadoras da juventude.

O projeto “Jovens comunicadores” possibilitou um curso teórico e prático acerca de mais ou menos quarenta jovens que residiam na periferia e estudavam no colégio de ensino médio Jarbas Passarinho, hoje 4º colégio civil militar.

---

<sup>16</sup> O filme documentário pode ser assistido pelo seguinte endereço:

[https://www.youtube.com/watch?v=yACvvyKb98o&list=PLrKSbcOn7CPuBqlalijhUCb\\_OI4pBCUgc&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=yACvvyKb98o&list=PLrKSbcOn7CPuBqlalijhUCb_OI4pBCUgc&index=3)

<sup>17</sup> Deixarei logo abaixo alguns canais de informação e acervo fílmico produzido pelo LABOME e que estão disponíveis nos canais de comunicação virtual.

Institucional LABOME: <http://www.uvanet.br/labome/>

Portfólio: <https://labomevisualidades.wixsite.com/visualidades/inicio>

Acervo fílmico: <https://vimeo.com/user21405266>

Acervo fílmico: [https://www.youtube.com/channel/UC\\_YrVlnMPTmRHY-jfpX5RjQ](https://www.youtube.com/channel/UC_YrVlnMPTmRHY-jfpX5RjQ)

O pesquisador Participou como monitor da parte prática do projeto “Jovens comunicadores” dando apoio na parte técnica com as equipes de produção e roteiro. A experiência com as ferramentas audiovisuais demonstram que a imagem e o som muitas vezes são bem mais objetivos e completos como ferramenta didática. Partindo da ferramenta audiovisual como metodologia didática podemos observar a partir dos filmes produzidos aqui na periferia que a identificação e as mensagens passadas nos filmes são compreendidas e debatidas de forma mais espontânea, tornando desse modo o audiovisual como porta de entrada para um aprofundamento das temáticas apresentadas no imaginário filmico.

Partindo das narrativas periféricas e tendo como pano de fundo o protagonismo juvenil, os jovens que participaram desse projeto “Jovens comunicadores” tiveram como trabalho final de curso produzir dois curtas documentários com a temática norteadora que era a juventude inserida na periferia. A turma se dividiu em duas equipes: a primeira dirigiu um documentário sobre a rotina dos estudantes do ensino médio do colégio Jarbas Passarinho, e a segunda equipe ficou na produção do documentário sobre a Batalha do T.N.

O documentário teve como título: Perspectivas e Desafios no Ensino Médio<sup>18</sup>. Nesse curta os diretores, que também eram estudantes da escola onde se passa o filme, tentam trazer para o roteiro do documentário os desafios encontrados pelos jovens que moram na periferia para manterem a vida escolar numa rotina que traz para a discussão o pensar sobre o futuro, além da perspectiva de emprego e realização pessoal.

Neste documentário é importante observar que o roteiro se passa dentro da escola e mesmo sendo dirigido por alunos da escola, houveram momentos de tensão entre professores e aluno, mostrando assim que a narrativa do filme não é linear e não pretende romantizar os problemas enfrentados no cerne dos desafios da juventude e educação na escola.

Destaco aqui a sinopse disponibilizada no canal onde o filme “Perspectivas e Desafios no Ensino Médio” se encontra para exibição:

Produzido por alunos secundaristas e moradores dos bairros Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara, de Sobral (CE), o filme “Perspectivas e desafios no Ensino Médio”, é resultado de um (1) mês de formação audiovisual, que envolveu prática e teoria aplicada ao cinema.

O filme reúne relatos de alunos e profissionais da educação da Escola Ministro Jarbas Passarinho, suas diferentes perspectivas do ensino público, sonhos e projetos.

A formação é uma realização da Prefeitura de Sobral, através da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer de Sobral (SECJEL) e Instituto ECOA, em parceria com a Secretaria dos Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social (SEDHAS), com o apoio da Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção de Violência (UGP).  
Direção e roteiro: Kaio Kelson Rodrigues e Milena Araújo

---

<sup>18</sup> Filme disponível no link : <https://www.youtube.com/watch?v=5zvAkWWZYVw> . Acesso em 13 de maio de 2021.

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5zvAkWWZYVw>. Acesso em 13 de maio de 2021)

O segundo curta documentário foi produzido também por estudantes do colégio Jarbas Passarinho e teve como título: Batalha do T.N: Rap é Compromisso<sup>19</sup>. Neste documentário os diretores tentaram captar um pouco das vivências dos Mc's que fazem a cena do rap aqui no bairro Terrenos Novos, partindo do espaço onde se realiza a batalha de rima. O documentário faz um percurso itinerário no processo de execução da atividade que se realiza dentro do bairro, passando é claro pelo processo criativo dos Mc's.

Segue a sinopse do curta documentário “Batalha do T.N – Rap é compromisso”:

Produzido por alunos secundaristas e moradores dos bairros Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara, o filme “Batalha do TN - Rap é compromisso”, é resultado de um (1) mês de formação audiovisual, que envolveu prática e teoria aplicada ao cinema. O trabalho faz um recorte da chegada da disputa de rap no território dos Terrenos Novos, em Sobral, sua evolução e coexistência com a juventude periférica do espaço.

A formação é uma realização da Prefeitura de Sobral, através da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer de Sobral (SECJEL) e Instituto ECOA, em parceria com a Secretaria dos Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social (SEDHAS), com o apoio da Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção de Violência (UGP).  
Direção e roteiro: Jackson Soares e Ivina Kelly Alves

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUm0tumIpZM&list=PLtrH9OhD792bzhyQOKN0qwb6GSbOGD5QS> . Acesso em 13 de maio de 2021)

Esses dois curtas documentários nos servem como norte para pensarmos a importância da autonomia dos jovens estudantes do ensino médio em produzir conteúdos sobre educação, e as possibilidades de uma pedagogia pensada num contexto plural das realizações do ensino e aprendizagem. Acredito que é partindo de experiências como essas, que já vêm sendo realizadas dentro do território que o FOME atua, que podemos concretizar com mais certeza de que as ruas da periferia têm muito a nos ensinar e a fazer essa construção didática de materiais para o ensino de ciências humanas nas escolas.

O intuito de apresentarmos trabalhos já realizados dentro da linguagem audiovisual é chegar o mais perto da linguagem que a juventude traz no seu cotidiano, ou seja, partindo de uma pedagogia do cotidiano pensada nas invenções e territorialidades das periferias, é que chegamos nos exemplos pragmáticos de uma educação não formal que vem dando certo e que

---

<sup>19</sup> Filme disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=iUm0tumIpZM&list=PLtrH9OhD792bzhyQOKN0qwb6GSbOGD5QS> . Acesso em 13 de maio de 2021.

está aí para ser reinventada e ocupada em seus sentidos múltiplos de aplicação didática para o ensino das ciências humanas.

Podemos citar ainda mais três narrativas audiovisuais que foram produzidas dentro do bairro Terrenos Novos, nas quais participei diretamente na produção que são: “Cypher Resistência”, “Sinopse do medo” e “Um recorte do bairro Terrenos Novos”. Estes dois primeiros são videoclipes que misturam um formato coletivo de produção musical entre os artistas envolvidos nas cenas filmadas. Estas produções audiovisuais mostram diferentes visões críticas da sociedade, do contexto histórico do bairro e os desafios de morar na periferia.

A Cypher Resistência<sup>20</sup> é um videoclipe que reuniu cerca de seis jovens, cinco homens e uma mulher no intuito de produzir uma música coletiva que denunciasses os descasos que acontecem na periferia, principalmente com a juventude. A composição dessa música se deu num processo coletivo, onde os seis jovens compartilharam suas poesias e letras dentro de uma temática norteadora que é a Resistência.

Desse modo, seguindo uma narrativa tendo como lugar de fala o cotidiano do jovem que mora na periferia é que surgiu Cypher Resistência. Essa cypher foi a primeira a ser gravada e produzida na cidade de Sobral/CE e contou com o apoio audiovisual do LABOME. Como bolsista de iniciação científica pude acompanhar o processo e dar esse apoio técnico junto aos Mc's. Lembrando que todos os jovens participantes dessa cypher fazem parte da construção da Batalha do T.N.

Compartilho aqui a sinopse da Cypher Resistência:

A cypher Resistência é a concretização de poesias periféricas no rap sobralense. A reunião dos 6 MC's resultou nessa música coletiva que se tornou a primeira cypher da cidade de Sobral. Participaram da Cypher Resistência: Restrito General, Leandro Mc, Wisley (Barnabé), Sabrina Sá, K Mc (Kaanderson) e Balbino Mc.  
Direção de Renan Dias. Imagens de Raiana Souza e Renan Dias.  
Apoio: Estúdio Subversivo, Lig Beats e Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - Labome.  
(Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=LfQFk0iHZz0> . Acesso em 14 de maio de 2021)

As produções audiovisuais nesse sentido, têm colaborado para entendermos um pouco de como essa linguagem visual tem afetado e passado a mensagem diretamente de modo didático. Nosso esforço, nesse sentido, é provocar uma pedagogia que leve em consideração os

---

<sup>20</sup> Web vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LfQFk0iHZz0> . Acesso em 13 de maio de 2021.

A cypher também está disponível na plataforma de streaming spotify: <https://open.spotify.com/artist/3ewKCC0lj09wsJNcbZyGo4?si=1FwgrEzvS4OqAjTm3Q1bBg> . Acesso em 13 de maio de 2021.

trabalhos que já foram produzidos pelo território, tornando assim, uma experiência compartilhada de trocas de saberes.

O outro videoclipe sugerido foi, “Sinopse do Medo”<sup>21</sup>, do grupo de rap “Disparo D’Versos”, grupo que tem como integrantes Leandro Mc e Restrito Mc, jovens moradores do bairro Terrenos Novos na cidade de Sobral. Esse videoclipe traduz em versos o cotidiano da maioria dos jovens residentes na periferia, que enfrentam o dia a dia desafiador tendo como pano de fundo o desejo por conquistar e melhorar sua realidade.

Sobre a descrição do videoclipe da música “Sinopse do Medo” podemos observar:

Sinopse do Medo é mais um trabalho do grupo de rap da periferia sobralense "Disparo D'Versos". Leandro Mc e Restrito Mc fazem a linha de frente do "Disparo D'Versos", que trazem nas suas letras engajadas uma crítica política e social ao cotidiano vivenciado na periferia. Sinopse do Medo traduz às lutas do cotidiano de quem vive a periferia em seus tempos difíceis e pesados, e que em meio ao caos sempre brotará Disparos D'Versos certos na esperança por dias melhores na periferia. Produção, Mixagem e Masterização: Renan Dias Coprodução: Calabouço produtora (Augusto José) Sampler: Reginaldo Rossi Gravado no Estúdio Subversivo Selo Subversivo Imagens: Acervo do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME - UVA Direção e montagem: Renan Dias Imagens feitas por: Dedita Ferreira, Joana Darc, Fran Nascimento, Ingrid Parente, Vicente Sousa, Renan Dias.

As trajetórias audiovisuais se misturam e as narrativas cotidianas são traduzidas em versos pelos rappers que partem do gênero musical *hip hop* internalizando em suas composições toda revolta semeada diante dos descasos vivenciados por eles e seus pares no território onde moram. Desse modo, a crítica social passa a ser uma máxima quase inquestionável por entre esses rappers que, assim como o grupo “Disparo D’Versos” tentam manter essa pauta da luta social em suas composições. Lembrando que nem todo rapper ou grupo de rap, ou funk tem esse compromisso político e social da militância e cobrança dos direitos legais de seus pares transformados em letra musical. A pluralidade de subgêneros dentro da cultura *hip hop* é vasta o bastante para percebermos o universo em constante expansão dentro dessa narrativa musical.

O documentário “Um recorte do bairro Terrenos Novos”<sup>22</sup> foi resultado de um trabalho desenvolvido pela Secretaria da Cultural, Esporte e Lazer – SECJEL, e Instituto ECOA, no ano de 2018 com o projeto Inventário Participativo, onde desenvolvemos esse trabalho de pesquisa dentro dos bairros Terrenos Novos e Vila União com o objetivo de inventariar o patrimônio cultural, material e imaterial dos referidos bairros.

<sup>21</sup> Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7LoAKXNW2no> . Acesso em 23 de março de 2022.

<sup>22</sup> Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjE3L9qhEMw> . Acesso em 14 de maio de 2021.

Com nossas andanças pelos campos de pesquisa, desenvolvemos algumas formações direcionadas às técnicas audiovisuais, juntamente com os bolsistas que participaram do curso. O intuito era passar o curso de audiovisual, juntamente com a contextualização histórica sobre o bairro e com a finalidade do conhecimento patrimonial e histórico construído pelos moradores.

O resultado desse percurso formativo foi um curta-metragem, documentário, onde apresentamos um recorte do cotidiano do bairro Terrenos Novos, a fim de construir um material que ficasse concretizado na memória e nas imagens do cotidiano do bairro.

Sobre o documentário “Um recorte do bairro Terrenos Novos”, diz a sinopse do filme:

O projeto Inventário Participativo, desde novembro de 2017 vinha mobilizando os jovens das comunidades dos bairros Terrenos Novos e Vila União para discutir questões como memórias, identidade, patrimônio cultural e também registrar os bens culturais, fazeres e expressões destas comunidades. O evento de encerramento contou com a presença da população local e recebeu as apresentações dos trabalhos e das pesquisas desenvolvidas pelos jovens do projeto, como exposições fotográficas e apresentações locais.

O Projeto Inventário Participativo foi realizado pela Prefeitura de Sobral por meio da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer (SECJEL) e Instituto ECOA Sobral. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjE3L9qhEMw> . Acesso em 14 de maio de 2021)

É interessante observar que todos esses documentários e clipes que apresentamos aqui foram produções que engajaram os jovens diretamente no processo criativo e formativo. Isso representa um sentimento de pertencimento coletivo e compartilhado entre equipe de produção e personagens, pela obra. Não é só o momento de formação teórica, são também os encontros de experiências compartilhadas no seio do processo de aprendizagem, diluindo diferenças entre quem fica atrás das câmeras e na frente. Existe uma ética do fazer o filme que prescinde a relação, pautada na resistência e valorização da periferia

Há nesse sentido uma troca mútua de conhecimentos entre a técnica repassada na teoria e na prática cotidiana, onde nós moradores do bairro acabamos construindo o roteiro de acordo com os desafios e contradições do cotidiano que acabamos tendo mais afinidade. O caminhar da produção audiovisual nesse sentido aqui apresentado levou em consideração uma pedagogia aplicada à construção e reinvenção do cotidiano periférico no sentido coletivo de ser realizado. Foi uma prática libertária, sem hierarquias e com poder de decisão compartilhada entre seus membros.

Não é tarefa fácil organizar e reorganizar tantos trabalhos maravilhosos já realizados com um tema tão abrangente que é educação e produção de materiais didáticos. Foi feito esse

esforço aqui de condensar o máximo esse aparato teórico e prático que a pesquisa vem realizando com as reflexões propostas pelo tema aqui abordado.

Pesquisar e tirar dessas experiências produtos que vão ser usados como material didático nas escolas para discutir as dinâmicas da periferia, tem sempre o risco das constantes mudanças relacionadas ao campo pelo qual escolhemos pesquisar.

#### **4. CAPÍTULO 03: USO DO MATERIAL DIDÁTICO JUNTO ÀS ESCOLAS, ESTUDANTES E PROFESSORES**

Fazer dessa escrita científica uma projeção múltipla num campo de disputa dentro da educação básica do ensino público, talvez essa possa ser a orientação basilar que atravessa a construção dessa pesquisa que envolve uma fundamentação teórica cuidadosa que se firma na intervenção e testagem do material pedagógico nas aulas de sociologia do ensino médio de escolas públicas do interior do Ceará.

Fundamentar a teoria pedagógica que leva em conta as singulares desenvolvidas por jovens e moradores da periferia na construção de uma proposta didática para o ensino de sociologia, agregou forças e potências capazes de tensionar esses desafios enraizados na

educação pública de contextualizar ensino e aprendizagem junto aos sujeitos que compõem a comunidade escolar.

Refletimos inicialmente sobre as conexões existentes entre o que denominamos como “lado de fora” da escola, e a própria instituição de ensino. Essa conceituação é importante para entendermos os desdobramentos dos objetivos que inferimos nessa pesquisa, onde as ruas, o bairro, os coletivos, as associações comunitárias, praças entre outros espaços que territorializam a localização do ambiente escolar, são apresentados como produtores também desse conhecimento científico, ou seja, as ações artísticas, culturais e políticas que acompanhamos junto do Movimento Social FOME foram essenciais para compreendermos as referências científicas que se dão nas ruas. Desse modo, todos os sujeitos envolvidos são ativos na construção do conhecimento, sejam eles de fora da escola ou de dentro. O que acontece é uma sinergia de agências e afetos entre todos que se relacionam no processo ensino e aprendizagem.

Podemos pensar que, não só a leitura e a escrita produzidas em sala de aula são suficientes para concretizar a realização da testagem do material didático aqui proposto como ferramenta pedagógica, relacionando assuntos pertinentes do currículo com os materiais audiovisuais disponíveis para os professores. Nesse sentido, gostaria de reforçar a colaboração que tivemos com esses atores sociais que constroem esse espaço de ensino que é a escola. Os atores sociais nas escolas, segundo Pereira (2016) tem seu papel singular para que os planejamentos dessa instituição sejam executados o mais próximo daquilo que foi pensado. Assim, para a intervenção de nosso material didático contamos com a colaboração direta e indireta de alguns desses atores sociais, que Pereira (2016) apresenta como sujeitos necessários para o funcionamento das instituições de ensino público.

Pereira (2016) nos apresenta uma lista enumerada em ordem alfabética, onde é destacada cada ator social dentro da escola, levando em consideração que como o autor mesmo frisa, nem todas as escolas apresentaram todos esses atores, desse modo, os atores sociais presentes na escola são:

- 1.alunos(as);
- 2.coordenador(a) pedagógico(a);
3. diretor(a);
4. família;
- 5.funcionários(a) da limpeza;
- 6.funcionários(a) da secretaria;
7. inspetores de alunos;
- 8.policiais da ronda escolar;
- 9.porteiros(a);
- 10.professores(a)

11.vice-diretor(a)  
(PEREIRA, 2016, p. 101 e 102)

Quando visualizamos esses atores compreendemos a importância dessa mediação desses sujeitos com os trabalhos a serem desenvolvidos de forma colaborativa dentro do espaço escolar. Sabemos das tensões internas no que tange ao cronograma de atividades sempre saturado que as escolas têm durante todo o ano letivo. Com isso, tivemos algumas escolhas e cuidados para inserirmos nesse meio. A nossa proposta foi apresentada como algo que não desse a entender que seria mais trabalho para as professoras contactadas por nós, nem mesmo poderíamos criar uma expectativa em que todas as professoras e professores convidados a fazerem parte desse experimento sociológico com o material didático, pudesse aceitar sem questionar e, desse modo, realizar a implementação em suas aulas. Muito pelo contrário, uma das nossas dificuldades foi encontrar professores que pudessem fazer essa implementação do material didático por conta das suas demandas acumuladas nesse processo atemporal que pegou todos nós de surpresa com o surto de casos de contágio com o novo coronavírus, nesse cenário de pandemia que hoje vivenciamos.

Nossas articulações se deram, num primeiro momento, com professores que participavam da primeira turma do PROFSOCIO – UVA, 2018, e com uma professora da turma de 2020. Ainda era final de 2019, e o cenário para a construção dessa intervenção estava montado pensando nas melhores possibilidades de implementação do material em sala de aula. Já tínhamos um horizonte levemente surgindo quando no início de 2020 fomos surpreendidos por uma realidade caótica e amedrontadora. Surgiram os primeiros casos de contágio pelo coronavírus aqui em Sobral. Foi questão de tempo para os decretos estaduais e municipais suspenderem todas as atividades educacionais, gerando assim, uma reorientação de métodos de ensino e autocuidado com os profissionais da educação e com os alunos e alunas.

Nesse sentido, buscamos nos rearticular com colegas que estavam nesse novo cenário de ensino remoto, o que não foi tarefa fácil devido aos processos internos que as escolas estavam passando para organizar os trabalhos do ano letivo que se iniciava no ano de 2020 e que teve suas atividades suspensas com a pandemia. Buscamos assim, articular junto às colegas mais próximas, por questões de afinidade e aproximação, pois aí teria uma conversa mais aberta para mediar um cronograma de intervenção que fosse flexível para não atrapalhar o planejamento das professoras que estariam participando dessa experiência.

É importante destacar que o material elaborado dentro dessa proposta é uma junção de múltiplas linguagens que traduzem realidades vividas por jovens da periferia urbana da cidade

em sua grande maioria aqui apresentada, mas que, mesmo diante desses recortes territoriais, entendemos que a produção artística deve ser compreendida nesse sentido como potências que atravessam esses recortes para se afirmarem no aprendizado de cada estudante que participaria dessa vivência.

Este trabalho audiovisual transmidiático, que trabalha com as junções dos diferentes formatos midiáticos como o áudio, vídeo, filme e *podcasts*, deve ser entendido a partir da constatação de que os resultados apresentados são, eles próprios, fruto de alguns movimentos, sinergias e outros sentimentos construídos a partir da troca de experiências com vários outros agentes, pesquisadores de diferentes épocas, desde as imagens utilizadas que provêm dos arquivos; outros interlocutores participam da criação da história; campo de pesquisa; instrumentos utilizados para gravar sons e imagens; dispositivos e programas utilizados para edição, tanto de *podcasts* como de filmes, entre muitos outros. Além disso, é uma expressão da forma específica como o artista engaja o movimento, a sinergia que evoca e os sentimentos que constrói com outros agentes.

O objetivo original ao produzir o *podcast* não era criar um filme baseado em áudio gravado. Assim como o áudio gravado passou por uma transição de sua finalidade original, para outra linguagem, o audiovisual. Outra sinergia, então outras afecções são criadas com essa mistura. O próprio som causou uma intervenção. Com a combinação de imagens, outras provocações são feitas. A narrativa do tempo e da ação cria outros significados, desse modo, misturamos as texturas que compõem essa pluralidade midiática para apresentar uma proposta ampla de narrativa construídas a partir das experiências de jovens moradores de bairros periféricos da cidade de Sobral.

Dito isto, podemos voltar ao cenário de articulação junto às professoras que iriam fazer parte desse trabalho e experienciar as nossas sugestões audiovisuais como ferramentas pedagógicas nas aulas de sociologia. Tivemos a colaboração de três professoras que foram essenciais para a testagem de nosso material, fizemos o convite para outras professoras da rede pública de ensino daqui mesmo de Sobral, que eram colegas do mesmo programa de pós-graduação aqui no PROFSOCIO – UVA, mas infelizmente, por várias circunstâncias não foi possível a realização desse experimento junto a essas professoras, que como destacamos acima, tiveram seus motivos totalmente interligados a problema mais internos a sua instituição de ensino.

Nossa pretensão de início era mediar essa conversa numa escola que acarreta uma importância muito grande para nós que moramos no bairro Terrenos Novos, que é a escola

Jarbas Passarinho. É importante lembrar que essa escola estava até final do ano de 2019 como regular dentro do campo de atuação da 6ª CREDE. No entanto, com o decreto de lei assinado pelo governador Camilo Santana (PT), no dia 10 de janeiro de 2020, o colégio Jarbas Passarinho passou a compor o quadro de colégios geridos pela polícia militar.<sup>23</sup> Além disso, as atividades do FOME são desenvolvidas em bairros ao redor da escola, o que favorece uma adesão da comunidade escolar a filmes feitos com moradores

O decreto de lei Nº 33.427, de 10 janeiro de 2020<sup>24</sup>, dispunha sobre a prerrogativa de criação do 4º colégio militar na cidade de Sobral. A escola Jarbas Passarinho foi a instituição pública de ensino escolhida para se adequar a esse “novo” modelo de gestão escolar. Muitas justificativas e tensionamentos foram levantados em torno dessa proposta militar de uma educação que vem como “salvadora”, ou, como apaziguadora diante dos problemas enfrentados pelo núcleo gestor, que acabaram, em sua grande maioria, concordando que esse “novo” modelo estrutural de gestão, o que tornaria os trabalhos do núcleo gestor e dos professores mais cômodos para serem executados numa perspectiva sem muitas tensões.

A escolha da escola Jarbas Passarinho para sediar o 4º colégio militar do Estado foi apresentado a comunidade escolar como solução dos problemas de baixo desempenho, evasão, violência, afastamento de professores ocorrido por problemas internos na sala de aula entre alunos, entre outros fatores pontuais que fugia do alcance da própria escola. O modelo civil-militar da então “nova” escola Jarbas Passarinho, ficaria com essa responsabilidade de melhorar esses índices “negativos” que já vinham se arrastando no ambiente escolar há bastante tempo.

A escolha da escola Jarbas Passarinho se deu nesse sentido como ponto estratégico para podermos executar nosso experimento e também podermos prolongar a proposta do material didático junto aos alunos, pois a ideia inicial era de filmarmos dentro de sala de aula as reações e os debates dos alunos junto a seus professores. Dessa forma, poderíamos incrementar nosso trabalho alargando o campo de atuação dessa pesquisa para pensarmos horizontes futuros com o audiovisual dentro de sala de aula. Infelizmente com o cenário de pandemia não foi possível executar essa ideia por ter havido essa interrupção do cronograma do ano letivo de 2020, quando depois se adotou o modelo remoto. Mas isso não atrapalhou a produção central do nosso

---

<sup>23</sup> Publicação da ordem que define o colégio Jarbas Passarinho como 4º colégio da polícia militar do Estado do Ceará. <https://www.pm.ce.gov.br/2020/01/20/maracanao-e-sobral-sediarao-novas-unidades-de-colegio-da-policia-militar/>

<sup>24</sup> Para ter acesso ao decreto na íntegra basta acessar o link: <https://www.adece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/98/2020/02/Decreto-n%C2%BA-33.429-de-10.01.2020.pdf> . Acesso em 26 de março de 2022.

trabalho que se intensificou na mediação junto às professoras que visualizamos como fortes colaboradoras para a execução desse trabalho.

Mesmo com esse novo modelo civil-militar da escola Jarbas Passarinho, tencionamos o diálogo para que fosse possível a realização da nossa intervenção pedagógica com o material didático na escola, pois como uma das alunas do PROFSOCIO-UVA, da turma de 2018, era professora de sociologia na escola, achamos interessante conversarmos e apresentarmos a proposta a fim de ser realizada lá.

Conversamos com a professora Ana Carmem, que é a professora de sociologia na escola Jarbas Passarinho e durante todo o ano de 2020 planejamos esse trabalho nesse primeiro momento de apresentação da proposta, observações e sugestões por parte dos professores acionados a participarem do momento de testagem em sala de aula. Decidimos durante o ano de 2020 preparar todos esses materiais de audiovisual, pois como sabemos além da escrita dessa dissertação teríamos também a produção técnica em audiovisual do filme documentário que norteou toda essa proposta didática que foi o filme “Tinta Neles”.

Desse modo, decidimos um cronograma de execução da pré-produção do filme que se daria com os registros audiovisuais já captados pelo LABOME, tendo em vista que, por se tratar de um cenário de pandemia desde 2020 que nós tomamos algumas decisões de cuidado para ir em campo, diminuindo assim significativamente o contato mais direto com o ambiente por onde nossos protagonistas frequentavam. Dito isso, como já tínhamos muitas imagens de anos anteriores a 2020, conseguimos fazer com que as narrativas que nosso personagem central, Tiaguim Tavares, gravada durante a gravação do FOMEcast fosse representada por imagens anteriormente colhidas, tornando assim um roteiro que se moldava de acordo com as memórias refletidas pelo artista.

Até metade do ano de 2021 foi executado todo o cronograma de produção do filme, para que, a partir do segundo semestre do ano corrente fosse sugerido aos professores trabalharem com ele em sala de aula, fechando assim esse ciclo com a pós-produção na testagem do material em sala de aula.

A partir do momento em que já tínhamos finalizado essa parte de edição do filme, e assim os últimos detalhes sugeridos, entramos em contato novamente com alguns professores para saber se era possível fazer essa intervenção do material didático nas aulas de sociologia. A primeira professora procurada foi a Ana Carmem por termos já tido outras conversas alinhadas nesse sentido de retornarmos quando o filme estivesse pronto. Tivemos alguns imprevistos em relação a demora dela nos retornar e acreditamos que fatores como o retorno

das aulas presenciais estivesse atrapalhando um pouco essa organização de tempo. Acabou que não aconteceu a intervenção na escola Jarbas Passarinho que era a escola que tínhamos pensado como espaço inicial dessa experimentação.

Diante dessa situação acabamos entendendo que o desafio dessa última etapa da pesquisa seria ainda maior, tendo em vista as mudanças que estavam acontecendo nas escolas com novas tecnologias para o ensino, cargas horárias sufocantes, trabalho redobrado com a proposta de ensino híbrido e com todo o medo que girava em torno do retorno das aulas presenciais nas instituições públicas de ensino.

Sabendo disso, buscamos dialogar e apresentar a proposta a professoras que estivessem mais próximas de nós, nesse sentido, tanto da pesquisa, quanto das relações afetivas, pois entendemos que assim seria menos tenso fazer essa inserção. Optamos então por convidar professoras que, mesmo inseridas em outros municípios ou distritos, próximo a cidade de Sobral, realizavam uma pesquisa dentro do PROFSOCIO-UVA, que se aproximava muito das questões pertinentes que levantávamos nessa pesquisa sobre os processos educacionais não formais e a produção de documentários como proposta de material didático para o ensino de sociologia.

De agosto de 2021 até início de janeiro deste ano foram realizadas as intervenções que confirmam assim nossa testagem do material aqui proposta nesta pesquisa. Durante esse período tivemos o cuidado e compreensão de sempre pensar esse cronograma de execução juntamente com o tempo disposto das professoras que nos ajudaram nessa empreitada, a fim de não tencionar essa cobrança e acabar interrompendo essa fase de testagem do material.

Conseguimos, com êxito, fazermos nossa intervenção junto a três professoras que nutrimos um carinho especial por dedicarem um pouco do seu tempo tão disputado em sala de aula, para inserirem nossa proposta como material didático nas suas aulas de sociologia com alunos do ensino médio.

Foram, ao todo, três escolas públicas da rede de ensino estadual que conseguiram fazer esse trabalho com os materiais audiovisuais nas aulas de sociologia. O mais interessante e desafiador é que essas três escolas se localizam em áreas fora da cidade de Sobral, o que nos chama a atenção para destacarmos a importância dessa pesquisa ao alçar um voo que desterritorializa, trazendo Deleuze e Guattari para reforçar esse conceito, e a dimensão plural desses materiais didáticos que ampliam e convidam outros públicos a refletirem problemas não só do seu cotidiano, mas problemas centrais na formação humana de cada indivíduo inserido nas relações interpessoais de nossa sociedade.

As escolas que participaram desse experimento pedagógico com o uso de filmes como recursos didático nas aulas de sociologia foram: Escola de Ensino Médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior, localizada no distrito de Jordão, aqui mesmo em Sobral, distante da sede cerca de 16 Km, e contou com a colaboração da professora Inês Mara. A segunda escola que participou da nossa testagem do material didático foi a Escola de Ensino Médio Elza Goersch, localizado no município de Forquilha, distante de Sobral cerca de 18 Km, e que teve a professora Auciele Santos como colaboradora da intervenção pedagógico com o uso do material sugerido, e a terceira escola convidada para essa construção e pesquisa compartilhada foi a Escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino, situada em Aráquem, distrito do município de Coreáú, distante de Sobral cerca de 70 km, tendo a frente a professora Luciara Santos.

Depois de apresentar as escolas que participaram dessa testagem dos materiais, acho importante destacar aqui de como se deu essa aproximação com as professoras e as razões que nos levaram a escolher essas escolas. Primeiro como definimos anteriormente a aproximação com as professoras se deu antes tudo por afinidades afetivas dentro do curso de pós-graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PRFSOCIO, pois facilitaria as negociações prévias para a construção dessa proposta de pesquisa compartilhada. Desse modo, pensamos que através das colegas do curso algumas etapas poderiam ser resolvidas no campo da inserção territorial com a escola, usamos essa estratégia como método para o campo de pesquisa, nos orientando pela observação, diálogo e negociações com as colegas professoras.

O segundo ponto a ser destacado é a escolha das escolas para o uso do material didático que propomos como ferramenta pedagógica que complementaria as metodologias no ensino de sociologia. Como notamos que havia alguns desafios a serem superados com professores que atuavam na sede de Sobral, optamos por não arriscar o prolongamento do prazo para testagem do material, pois temíamos em não termos tempo suficiente para análise comparada com a literatura sugerida na dissertação. Assim, foram surgindo agenciamentos que contribuíram para que essas escolas que participaram desse processo de testagem do material proposto se tornassem singulares dentro dessa pesquisa.

Dito isso, destaco algumas ações de intervenção artística e educacional que foram realizadas nas escolas Elza Goersch e José Euclides, que tiveram a participação diretamente construída com nós do Movimento Social FOME e com os Mc's da Batalha do T.N, reafirmando antecipadamente, a relação mais diretas dos agentes sociais com a escola.

Essa relação deve ser compreendida numa leitura onde se perceba a dimensão horizontal das construções pedagógicas para o ensino de sociologia. Como bem colocamos em nossa

pesquisa, os processos educacionais que se estabelecem em diferentes espaços, que não seja propriamente a escola, devem ser entendidos como expressões e produções de conhecimentos potencialmente capazes de referenciar a produção pedagógica norteadora dentro das salas de aula.

Podemos destacar as duas vivências que tivemos nessas escolas e que se configuraram como intercâmbio nessa relação intersetorial entre esses espaços educacionais e os agentes sociais que participam dessa construção ampla da educação dentro das instituições de ensino. A mediação desse intercâmbio educacional, concretiza nossa perspectiva de pensar os fazeres educacionais em linhas de fuga que provoquem na comunidade escolar um certo impacto possível para agenciar novas tecnologias de ensino.

Em novembro de 2019, nós do Movimento Social FOME e os Mc's da Batalha do T.N, recebemos um convite das professoras Auciele Santos e Inês Mara para participarmos de um momento de construção da semana em alusão a consciência negra. Nossas falas e participações foram alinhadas dentro da programação escolar onde contou com uma mediação dos estudantes de graduação em ciências sociais que participam do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, na escola Elza Goersch, em Forquilha, junto aos Mc's da Batalha do T.N. Já na escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior, em Jordão, o convite foi feito diretamente pela professora Inês Mara. O alinhamento que tivemos era que nós enquanto pesquisadores dentro da grande área de sociologia, conseguia trazer as experiências da militância social para debater e refletir temas centrais dentro da semana da consciência negra para estudantes do ensino médio.

As nossas participações se deram nesse sentido em dois eixos a saber: As práticas das batalhas de rimas como formas de resistência e criatividade com as juventudes, isso pensado a partir de um tema norteador que foi a semana da consciência negra, e a segunda proposta como já definido acima que foi a minha experiência enquanto militante social do FOME, pensar estratégias didáticas para refletir junto aos estudantes temas norteadores que atravessam a construção da semana da consciência negra em nossa sociedade.

A intervenção dos Mc's da Batalha do T.N junto com os bolsistas do PIBID do subprojeto de ciências sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, demonstrou uma articulação bem mais próxima com o diálogo que os alunos do ensino médio acabam se apropriando com a linguagem das ruas, do cotidiano que está presente nos dias de cada um. Com isso, vale a pena lembrar que intervenções, ou propostas de material didático para o ensino de sociologia devem ser pensadas juntamente com essa realidade onde os alunos estão inseridos. Para isso é de suma importância que, tanto a escola, quanto os agentes sociais que fazem esse

espaço de ensino, tenham uma aproximação que não objetive só a finalidade do cumprimento da agenda curricular, mas que insira em seus planejamentos ações onde esses sujeitos possam se apropriar cada vez desse espaço.

Os Mc's que foram participar desse momento junto aos professores e alunos da escola Elza Goersch carregam consigo uma bagagem de vivências e experiências dentro e fora das escolas. Basta olharmos para os eventos de batalhas de rimas e destacarmos que a presença de jovens estudantes secundaristas tem sido a característica fundamental para trazermos esses jovens protagonistas como sujeitos de referência na construção de ferramentas e tecnologias pedagógicas para a educação.

Da intervenção que os Mc's realizaram na escola Elza Goersch<sup>25</sup>, destacamos o momento inicial de apresentação de cada Mc e suas funções junto a organização não só da Batalha do T.N, mas também a organização de outras batalhas, num segundo momento foi realizado um bate papo mais direto com os estudantes dentro da temática central sugerida pelos professores. Os Mc's direcionaram suas falas tanto pessoais como coletiva a respeito da importância social de momentos como aqueles na vida deles, pois muitos ainda frequentam o ensino médio e naquele momento com o convite vindo de outra escola sentiram-se importantes e reconhecidos pelo que fazem. Esse sentimento parece ser o que mais predomina de imediato quando experienciamos ações assim, quando alunos e ex-alunos retornam ao ambiente escolar como potenciais educadores, configurando um deslocamento de funções nessa relação professor e estudante.

Ainda sobre o momento de intervenção com os Mc's, destacamos que diante dessa vivência foi criada uma relação mais estreita com estudantes da escola junto aos Mc's, no sentido de se aproximar e trocar algumas ideias pertinentes à própria cena *hip hop* na cidade de Forquilha. Na ocasião da apresentação da batalha de rima no pátio da escola<sup>26</sup> alguns estudantes que já nutriam um desejo por rimar e cantar rap acabaram chegando junto com os Mc's da Batalha do T.N para saberem como iniciar o processo de construção de uma batalha de rima na escola e futuramente irem pras praças dos seus bairros.

---

<sup>25</sup> Compartilho aqui o link de acesso ao vídeo postado no perfil da rede social do subprojeto de Ciências Sociais, onde os Mc's da Batalha do T.N fazem esse primeiro momento de apresentação e diálogo junto a comunidade escolar na semana da consciência negra em 2019. <https://www.instagram.com/p/B5G5uCYAkWG/>

<sup>26</sup> Nessa publicação é possível observar a inserção dos Mc's junto aos estudantes. A arena construída pela batalha de rima reforça assim, a empolgação dos sujeitos frente a um momento importantíssimo para se pensar o empoderamento dessas vozes juvenis no ambiente escolar. É possível acessar a essas fotos através do seguinte link: <https://www.instagram.com/p/B5G6AV1AJ9N/>

Este momento, junto a escola Elza Goersch enriqueceu nosso pensamento a respeito das várias funções que uma batalha de rima pode contribuir e interferir na vida de muitos jovens estudantes ou não, para que assim, o entendimento sobre o ensino atravessasse a perspectiva de ser apenas pensado unicamente no ambiente escolar.

Os caminhos metodológicos para facilitar uma melhor assimilação com os conteúdos trabalhados em sala de aula, partem nesse sentido, de uma busca intensa para coordenar uma aproximação das transformações sociais do cotidianos com as narrativas de ensino inseridas no ambiente escolar.

Pensamos a problematização da aprendizagem como um complexo de agenciamentos que leva em consideração os fenômenos educacionais que se apresentam não só no ambiente de ensino formal, mas, como o exemplo da intervenção da Batalha do T.N nos mostra, esse processo de aprendizagem leva sempre em consideração o não engessamento das potencialidades existentes nesses exemplos educativos não formais.

Sobre a importância desses sujeitos que constroem a cultura *hip hop* perspectiva educacional, Conceição (2014) reforça que:

A inclusão do *hip hop* e de todos os seus elementos no currículo escolar - tanto de instituições públicas quanto privadas - pode dar visibilidade e destaque a discursos que geralmente não são levados em conta na escola, já que muitas vezes, o currículo é pautado por listas de conteúdos que, não raro, estão completamente desarticulados com a realidade dos alunos, com as suas necessidades de vida e de aprendizagem, que não despertam a sede e a vontade de aprender e que dão espaço somente para saberes dominantes, inviabilizando que outros conhecimentos, estéticas e expressões tenham seu lugar na agenda curricular.

(CONCEIÇÃO, 2014, p. 152)

Com isso podemos destacar o papel singular que a cultura *hip hop* exerce em função das estratégias metodológicas para a educação. Notamos que exemplos como esse da intervenção de Mc's num momento específico da escola, só reforça a necessidade de pensar um currículo que possa incluir essas narrativas educacionais que se fazem nas ruas da periferia, num programa mais presente das escolas.

Seguindo a exposição experienciada nas escolas, trago para discussão a vivência que tive na escola de ensino médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior<sup>27</sup>, no distrito de Jordão,

---

<sup>27</sup> O cartaz com a programação da semana da consciência negra pode ser acessado através do link a seguir: <https://www.facebook.com/Escola-Jos%C3%A9-Euclides-Jord%C3%A3o-2116054938679660/photos/2529782910640192>. Acesso em 29 de março de 2022.

Os estudantes da escola também registraram esse momento na confecção do jornal escolar editados por eles e disponibilizados nas redes sociais da escola. Disponibilizo aqui o link de acesso para essa publicação.

distante cerca de 16 km da sede. O convite foi feito pela colega e professora Inês Mara, que ministra as aulas de sociologia no ensino médio na referida escola, para que eu participasse em dois momentos dentro da programação da semana da consciência negra.

Num primeiro momento nossa participação seria uma fala junto aos estudantes do ensino médio com um tema norteador que versaria sobre a problematização de como pensar a semana da consciência para além da data comemorativa. O desafio era levar alguns pontos centrais nessa temática e envolver os alunos na discussão que partiria da minha vivência enquanto educador social dentro do Movimento Social FOME, trazendo essas experiências junto ao cotidiano da periferia.

Fizemos uma aula aberta no pátio da escola com apresentações de músicas, videoclipes e documentários que contextualizavam a programação temática daquela semana na escola. Foi importante trazer esses instrumentos didáticos para contextualizar o momento, pois pudemos perceber que houve uma adesão maior para começarmos a falar sobre o assunto que iria mediar aquele momento. Essa característica do uso de materiais didáticos como o filme, música ou videoclipes nos impulsiona a percebermos que as aulas expositivas são ótimos recursos didáticos que, junto ao recurso do audiovisual, ganham horizontes ainda mais potentes para alcançar variadas percepções e modos de aprendizagem.

O filme, dependendo de como é usado em sala de aula, pode ajudar a transformar o projeto de conhecimento individual de um aluno, suscitando novos desejos e anseios, em direção à discussão, a partir de comparações, produção de novos projetos de conhecimento. Também oferece meios para que os alunos imaginem conteúdos produzidos em livros didáticos, contextualizados em suas experiências cotidianas. Com isso dito, o filme é um exemplo de significado construtivo.

O momento de conversa na escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior foi muito produtivo. Pudemos discorrer não só sobre o tema definido para a aula, mas, com a ajuda dos recursos didáticos, conseguimos explorar outros caminhos que foram sendo desbravados durante as exposições. Um desses caminhos que foi bastante trazido para a discussão foi justamente a construção social de determinados conceitos que passam para a sociedade como concepções de verdade *a priori*, ou seja, como pensar o racismo na contemporaneidade e a função da escola enquanto espaço de criação e desconstrução de determinados problemas sociais.

Nesses dois momentos onde estivemos presentes tanto na escola Elza Goersch, como na escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior, a construção das narrativas sociológicas foram atravessadas por esse afeto que nos impulsiona a compreender a escola numa perspectiva de agenciamentos potentes na construção de uma educação mais próxima aos anseios das juventudes que participam da vida escolar dessas instituições.

Desse modo, apresentado brevemente essas intervenções pontuais nas escolas, destacarei logo a seguir a experiência da testagem dos materiais propostos aqui nas três escolas anteriormente citadas. Essa intervenção, experimento didático nas aulas de sociologia levou em consideração as territorialidades que a proposta audiovisual se propunha a abarcar, assim como, de acordo com os temas norteadores de cada professora, a inserção desses materiais iria se dar com a necessidade e contextualização com o tema definido.

Para isso, disponibilizamos para cada professora um link<sup>28</sup> onde estaria hospedado em plataforma online todos os materiais sugeridos como propostas para serem trabalhadas em suas aulas. Visando o acesso mais direto às plataformas de hospedagem digital, a organização do nosso material está disponível de maneira que, dependendo do conteúdo trabalhado em sala de aula, a professora possa encontrar um material para lhe referenciar com a proposta passadas em sala de aula.

#### **4.1 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio Elza Goersch.**

A intervenção na escola Elza Goersch como já dito anteriormente, teve a contribuição magistral da professora Auciele Sousa, que colaborou significativamente para que essa intervenção com o material didático fosse um momento muito importante para confirmarmos a nossa perspectiva de uma educação capaz de pensar os seus horizontes plurais dentro de um campo associado às experiências não formais de educação.

Sendo assim, a professora Auciele Sousa teve como material didático escolhido o filme “Tinta Neles”. A professora escolheu a proposta audiovisual como mecanismo estratégico, tanto para debater questões imbricadas que são levantadas no filme, quanto o mais importante a ser observado nesse exemplo. A professora trouxe o filme para problematizar questões pertinentes ao cotidiano daqueles estudantes.

---

<sup>28</sup> Para acessar na íntegra todos os materiais didáticos sugeridos nessa pesquisa basta acessar: <https://linktr.ee/renandiasprofsociouva>

As várias leituras que os estudantes refletem sobre o filme são o resultado do impacto, da contextualização, das assimilações com outras realidades. A pulverização imagética que a produção audiovisual cria com a narrativa fílmica, demonstra que o contexto sociológico onde os estudantes estão inseridos devem não se limitar a uma leitura apenas expositiva das salas de aula. Com isso, trabalhar com filmes em sala de aula pode sensibilizar muitas estratégias para ensinar sociologia no ensino básico da educação formal.

Comparado com o texto, o filme tem uma série de peculiaridades. A imagem não pode ser lida da direita para a esquerda e de cima para baixo, por isso não é decodificada de forma linear, o que permite um número infinito de interpretações. Isso dá à imagem o poder de estimular, de diferentes formas, o público que a visualiza, incentivando o debate. Promove a desconstrução do saber, da ação individual e do saber fixo, justamente porque permite uma grande variedade de leituras.

O filme “Tinta Neles” foi trabalhado pela professora Auciele Sousa com os alunos do 2º ano letivo do ensino médio. A intervenção aconteceu em dezembro de 2021 e as aulas já estavam adotando modelos híbridos de ensino depois da retomada das aulas presenciais. Com o modelo híbrido, nem todos os alunos acabavam indo todos os dias para escola. Por meio de uma escala, metade da turma participou presencialmente das aulas no interior da escola, enquanto a outra metade acompanhou de forma online a exposição das aulas.

Assim, pedimos à professora Auciele Sousa, a possibilidade de disponibilização da gravação da aula para que pudéssemos analisar o material da intervenção junto às abordagens sociológicas levantadas pela professora, e o mais importante, ouvir as percepções dos alunos diante do material trabalhado em sala de aula. A partir da gravação da aula pudemos destacar alguns pontos importantes para refletirmos essa implantação do material didático nas aulas de sociologia.<sup>29</sup>

Depois da exibição do filme a professora inicia o diálogo abordando a temática central tratada no filme que é a trajetória do Tiaguim Tavares enquanto morador de periferia urbana e que através do graffiti tenta acessar outras perspectivas de entender a sociedade através da arte. Auciele Santos faz uma abordagem mais inicial nesse sentido de aproximar o contexto do personagem fílmico com a realidade desses estudantes que estão inseridos em outra cidade, causando assim, um breve impacto e construção de novos saberes.

---

<sup>29</sup> A gravação da aula com a intervenção do filme “Tinta Neles” pode ser acompanhada pelo link: <https://drive.google.com/file/d/1XTmX-cJ6dp-0oSQWDNxwr-Nh0oDqUkEc/view>. Acesso em 29 de março de 2022.

Em um determinado momento da aula podemos notar que a professora retoma um assunto que atravessa a narrativa do Tiaguim Tavares quando ele reforça o caráter de resistência que o graffiti traz para ser aceito dentro da sociedade. Esse tema levantado por Tiaguim Tavares no filme é reforçado por Auciele Sousa que contextualiza com os desafios de implementar o graffiti na realidade periférica e acrescenta uma outra provocação quando inclui nesse ínterim a inserção do graffiti dentro da própria escola.

Auciele Sousa relata em sala de aula que:

Hoje tem escolas que contrata, aqui mesmo na escola, se vocês verem as salas de aulas aqui, essas duas salas aqui. Elas estão grafitadas. Então às vezes a escola chama essas pessoas para fazerem esse movimento, às vezes a própria escola organiza esse movimento de arte, justamente para incentivar os jovens a fazer esse tipo de arte.

(AUCIELE SANTOS, 2021)

Ainda dentro dessa mesma discussão levantada, um tema é abordado a respeito da diferenciação que há sobre o pixo e o graffiti, usando das referências que o filme apresenta em função das falas de Tiaguim Tavares. A professora exemplifica o desdobramento conceitual dessas diferenças existentes em relação a essas duas manifestações visuais, e convida os estudantes a pensarem da discussão abordada o que eles compreendem a respeito dessa diferenciação, se há mesmo alguma diferença técnica no modo criativo e político entre as duas expressões visuais. Enfim, podemos perceber que, a partir dessa discussão, os estudantes despertam um maior interesse em participar da exposição da aula.

A professora então indaga “Tem o pixo e tem o graffiti, qual é a diferença? Às vezes nem a gente sabe qual é a diferença”. Um dos alunos no fundo da sala pergunta “Ei professora qual é a diferença”. A professora responde que não sabe e contextualiza com o filme sua fala demonstrando as diferenças existentes entre o pixo e o graffiti, e pede para os alunos pesquisarem sistematicamente quais as principais diferenças entre graffiti e pixo. Os estudantes com o auxílio de seus *smartphones* fazem uma busca rápida na internet a fim de responderem essa pergunta levantada em sala de aula.

Os alunos encontram uma resposta mais generalizada sobre o problema levantado e repassam para a professora que lê em voz alta para toda à turma.

Pixação é o ato de escrever (inaudível) sobre muros, fachadas de edificações (inaudível) usando tinta *spray* aerosol dificilmente removível (...)

(AUCIELE SOUSA, 2021)

Após essa intervenção de pesquisa em que os estudantes participam diretamente da aula interferindo na discussão, a professora retorna a contextualização com o filme e comenta “Ele

até comentou da dificuldade que é conseguir a tinta, porquê gente?” Um aluno responde “Porque é caro professora”.

A professora continua sua exposição e complementa a resposta do aluno “Por quê é cara? porque muita das vezes pinta esse tipo de arte pessoas carentes e até falou da fome, muitas vezes deixa de comer, não tem o que comer (...)”

Auciele retoma a discussão sobre a diferença entre pixo e graffiti e volta a ler o trecho da pesquisa que o aluno fez para encontrar a resposta levantada por ela. Assim, continua Auciele Sousa:

Graffiti está relacionado diretamente a uma arte, enquanto a pichação advém da escrita, né, então a gente vê letras, nomes, palavras, então isso é a pichação. O graffiti já é algo bem mais né, é o desenho, é a arte, é o rosto né, então, muitas vezes, por isso que ele fala que o graffiti já é hoje até mais profissionalizado.

(AUCIELE SOUSA, 2021)

Em meio a problematização levantada sobre o graffiti e o pixo, um aluno pontua a relação do pixo que ele vê nas ruas do seu bairro, mas relacionado a grupos de facções criminosas. É interesse observarmos essa pontuação do aluno, pois, diante dessa colocação, conseguimos perceber essa correlação de afetos que o filme acaba transmitindo, ou seja, a contextualização do filme para com o território onde o aluno está inserido é a real demonstração de aproximação do material didático com o cotidiano desses agentes sociais que constroem a escola.

Assim, avaliamos como positiva essa intervenção com o material didático na disciplina de sociologia da Escola de Ensino Médio Elza Goersch. Conseguimos demonstrar que o material didático usado no caso o filme “Tinta Neles” foi muito bem contextualizado com o ambiente escolar, assim como, a inserção da temática dentro da realidade dos estudantes do 2º ano do ensino médio.

A contextualização da professora Auciele Sousa foi fundamental para acrescentar ao material usado em sala de aula, a orientação para o uso dos outros materiais que produzimos como sugestões. Desse modo, podemos observar que, por mais que seja desafiador fazer toda essa articulação pessoal e profissional com os professores e núcleo gestor das escolas, essas aulas acompanhadas desses materiais audiovisuais nos fazem repensar muitas estratégias de ensino para a nossa realidade. Uma delas, que podemos refletir aqui, é a própria disputa pelo tempo tão corrido nas aulas de sociologia e que devem ficar ainda mais, depois das reformas e revisão dos planejamentos do currículo da proposta do novo ensino médio. Um outro desafio que podemos superar diante dessa primeira intervenção é a falta, às vezes, de recursos e

equipamentos multimídia para serem utilizados em sala de aula. Muitas vezes é sabido que isso tem desestimulado a utilização desses materiais didáticos em sala de aula pela falta ou disputa dos poucos equipamentos que ainda restam nas escolas.

Feito essas breves observações podemos conciliar essa primeira intervenção do nosso material didático como uma experiência muito enriquecedora para nossa pesquisa que buscou fazer essa conexão das manifestações educacionais não formais com a escola. Aprendemos muito com essa construção pedagógica compartilhada na escola Elza Goersch, e reforçamos aqui nossos agradecimentos a professora Auciele Santos que tem feito da sala de aula e do ensino de sociologia trincheiras para reafirmar a importância dessa ciência na construção social do ser humano.

#### **4.2 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio José Euclides Ferreira Gomes Júnior.**

O uso do nosso material didático junto a escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior, diferente da escola Elza Goersch, não foi possível que a professora gravasse a aula para que pudessemos assim, analisar pontualmente como fizemos com a testagem anterior. Nessa escola fizemos diferente, apesar de não ter havido a gravação da intervenção, construímos com a professora uma proposta que foi passar o material disponível como sugestão para ser trabalho nas aulas de sociologia, e dessa forma os estudantes iriam criar um texto onde pudessem desenvolver argumentações contextualizando com as temáticas abordadas pela professora junto ao material didático usado.

Desse modo, com a colaboração da professora Inês Mara foi possível realizar a intervenção em sala de aula com os materiais didáticos sugeridos. Assim, a professora optou por passar em suas aulas um filme que estivesse alinhado ao currículo que estava sendo executado naquele período na escola. Importante reforçar aqui que a intervenção se deu no mês de dezembro de 2021 e como nas escolas estaduais já havia adotado o modelo híbrido com 50% da ocupação dos estudantes, a rotina escolar especificamente dessa escola, acabou interferindo diretamente na execução do nosso cronograma pensado para a testagem do material.

Por muitas vezes a testagem desse material foi sendo adiada por conta da demanda de atividades que eram executadas no fim de ano letivo da escola. Como houveram essa várias mudanças no calendário letivo, muitos exames avaliativos internos e externos à escola, sobrecarregaram a rotina de trabalho dos professores. Com isso, tivemos alguns problemas pontuais na execução da intervenção que acabou atrasando toda a análise dos dados colhidos.

Entendemos esse fluxo escolar e não queremos aqui ditar alguma regra condenatória a esse respeito. Muito pelo contrário, a nossa inserção no ambiente escolar deve passar por esse crivo de entender esses processos estruturais que demandam uma cobrança muito direta aos professores, causando um desencontro em atividades planejadas anteriormente a fim de dar conta das obrigações que chegam de cima pra baixo.

Mesmo diante das correrias que a escola passava naquele momento, a professora Inês Mara conseguiu com êxito e garra fazer a intervenção do material sugerido por nós em suas aulas de sociologia. A professora alinhou que estava trabalhando com os alunos do 2º e 3º ano do ensino médio questões referente ao empoderamento feminino dentro da sociedade. Nos repassou que a abordagem central dessas aulas estaria sendo focada nos desafios de ser mulher diante as desigualdades de sociais, e que queria trazer o filme como suporte que fundamentasse a leitura escrita com a visual, tornando desse modo, uma aula que convidaria os alunos a refletirem os problemas levantados a partir das suas realidades.

Talvez pensar no lugar de fala e no contexto social do aluno, falar de diferentes experiências, possa ajudar nesse processo, sem necessariamente criar um conflito de saberes ou deslocamento didático linear. Reconhecer os alunos como portadores do conhecimento parece ser uma proposta pedagógica interessante. Nesse caso, a transformação didática seria a transformação do conhecimento compartilhado, diluindo ainda mais a hierarquia existente entre professores e alunos e democratizando, não apenas o acesso à escola ou universidade, mas também o processo de produção de conhecimento, criando um aprendizado mútuo.

Nesse sentido, podemos reforçar o que Moraes (2010) pontua sobre a importância da participação dos estudantes nas intervenções diretas em sala de aula. Para isso, como ele mesmo reforça, é preciso que não só o recurso expositivo seja explorado, mas que, agregado a outros recursos didáticos, a aula expositiva ainda se constitui como fundamental na formação crítica dos estudantes.

Segundo o autor:

Convidar os estudantes do Ensino Médio a pensar de modo diferente sobre situações sociais conhecidas, desconfiar que explicações já consagradas podem não ser as mais coerentes, instigar a curiosidade para saber mais sobre questões tidas como inquestionáveis, são provocações que acontecem durante as aulas expositivas.(...)Caracterizar a aula expositiva como um recurso ultrapassado é pensá-la isoladamente, separada das possibilidades de associações a uma série de outras atividades que despertam o interesse dos estudantes. Imaginar que ela acontece exclusivamente entre as quatro paredes da sala de aula é excluir diferentes espaços da escola e da comunidade da possibilidade de se trabalhar o conhecimento escolarizado ao restringi-lo à institucionalização da sala de aula.

(MORAES, 2010, p. 56)

É com base nessa pontuação acima que o material didático para o ensino de sociologia foi elaborado tomando por temas gerais questões pertinentes ao cotidiano dos estudantes, levando sempre em consideração as narrativas exploradas em sala de aula de acordo com os assuntos norteadores do livro didático adotado pelo professor.

Destacando as especificidades da intervenção do nosso material didático na escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior, reforçamos o compromisso que a professora Inês Mara teve com a gente em atender nosso pedido para essa participação como colaboradora fundamental na realização deste trabalho.

Dito isso, o trabalho junto a professora Inês Mara se caracterizou primeiramente pelo número de turmas alcançadas com a intervenção que no caso foram três turmas do ensino médio, sendo duas turmas do 3º ano e uma turma do 2º ano do ensino médio. A dinâmica escolhida como estratégia para trabalhar com o material didático deu-se através da aula expositiva que antecipou o tema norteador da aula, ou seja, como os alunos já vinham tendo aulas que eram orientadas ao tema abordado no filme, a professora assim, trabalhou nessas três turmas o mesmo filme que pôde nortear os problemas centrais levantados pela professora.

Assim, a partir da escolha do documentário “Rap nas quebradas” que teve direção de Kélia Viana, a professora direcionou sua aula a fim elaborar um diálogo mais participativo e produtivo, complementando as questões pertinentes do *hip hop* como forças importantes para a construção de uma narrativa educacional que atravessa a perspectiva audiovisual para comunicar e interferir na produção de conhecimentos individuais e coletivos.

O *hip hop* carrega em suas narrativas, metodologias singulares para se trabalhar as questões sociais que nos cercam, através da música, da escrita, da poesia, da arte visual do graffiti, das misturas sonoras que o *dj* traz para a produção musical, juntamente com as coreografias do *breaking dancing*. Podemos articular dispositivos educacionais que, somados ao currículo escolar, reforçam uma pedagogia enraizada nas reinvenções do próprio cotidiano, ou seja, uma pedagogia que contextualize as dinâmicas do cotidiano com as urgências do currículo escolar.

Assim, para Almeida (2007), o papel do *hip hop* dentro da sociedade tem características muito potentes no desdobramento de assuntos pertinentes ao interesse público. Assuntos esses que se deslocam para diversas áreas a fim de contribuir num exemplo de construção dinâmica

e plural, trazendo os sujeitos protagonistas desta cultura como sujeitos ativos dessa transformação.

Segundo Almeida (2007):

Não há como negar hoje o papel revitalizador que tem a cultura *hip-hop* na música, nas artes, na educação, na política e em vários campos da vida social, como máquinas de usinas de energia sígnicas e subjetivas, com capacidade de negociar com as forças da política, da mídia e do capital, e tomar parte na sociedade brasileira, em interface com os signos estéticos, políticos, econômicos e de consumo. O procedimento geral dessas usinas culturais, das quais a textualidade impressa é um meio entre outros, parece configurar a busca de novos lugares e modos de escrita, de novas relações entre escrita e formas sígnicas, entre escrita e vitalidade social: não estariam de algum modo reinventando novas formas de textualização que experimentam superfícies e procedimentos (assim como a escrita eletrônica), ao mesmo tempo que esculpem uma nova presença no mundo e na comunidade?

(ALMEIDA, 2007, p. 179)

Com isso, podemos abordar de maneira mais objetiva as especificações da intervenção com o material didático escolhido pela professora Inês Mara na escola José Euclides Ferreira Gomes Júnior. O material didático, como já apresentado anteriormente, foi o filme documentário “Rap nas quebradas”, filme que trata sobre a trajetória de rappers dentro da história da cultura *hip hop* sobralense. No filme é possível observar que além das trajetórias individuais que irão sendo montadas de acordo com o roteiro, algumas questões-chaves se sobressaem diante das demais para serem captadas para a aula de sociologia.

A aula que agregou esse material estava inserida dentro da discussão de pensar a importância do gênero musical rap na sociedade, e os desafios da inserção e aceitação da mulher dentro da cultura *hip hop*, quais os desafios e perspectivas que os alunos apontavam como pertinentes para aquela discussão.

Como já dito, a professora não usou do recurso de gravação da aula, mas sugeriu junto às três turmas que fosse construído um texto logo após as exibições e debates em sala de aula do filme sugerido. Como houveram bastantes desencontros na execução da exibição por conta da agenda da escola nos preparativos para provas, ENEM e vestibulares, os alunos acabaram levando para casa os trabalhos e depois devolvendo à professora, que me encaminhou para leitura dos textos produzidos.

Foram produzidos cerca de 49 textos entre as três turmas do ensino médio sendo: doze textos do 2º ano (C), 21 textos do 3º ano (A) e 16 textos do 3º ano (B). A produção textual dos estudantes revelou um alinhamento muito próximo da reflexão que gera um movimento comparativo com as realidades vividas dos personagens com as dos próprios estudantes.

Sendo assim, destacarei alguns depoimentos retirados dos textos confeccionados a partir da intervenção do material didático. A professora colocou como tema principal a ser debatido no texto e contextualizado com o filme sugerido, a seguinte colocação: "A questão de gênero e a presença da mulher na arte do rap".

Começarei a compartilhar os pensamentos dos alunos do 2º ano ( C ), e, seguindo a ordem, passarei para as respectivas turmas citadas. Importante destacar que optei por escolher um texto de cada turma para compartilhar aqui.

Dessa maneira, para a aluna Maria Edinaria Sousa Camilo (2021):

O vídeo faz uma discussão de como é construída a identidade feminina em um movimento juvenil como o rap. Trata também da discussão entre sexo e gênero. Pretende-se neste vídeo fazer uma análise de como isso influencia no reconhecimento de jovens mulheres em cultura juvenil como o rap. Ainda temos muito preconceito em relação a isso, as pessoas acham que rap é coisa de homem, mas não. Rap é cultura, rap é para todos os tipos de sexo e gênero. A participação da mulher no rap é muito importante para o feminismo e para o machismo. Lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no rap. Isso deveria causar tanta discussão como é causado.

De acordo com o aluno do 3º ano (A), Mayan da Silva Oliveira (2021), em se tratando da produção audiovisual apresentada, ele reforça que:

O vídeo apresentado mostra pessoas de uma determinada comunidade que expressam sua realidade onde moram a partir do rap, em suas letras além de falar sobre o mundo do crime, das drogas, eles têm um pensamento de um futuro melhor, e relatam isso nas músicas na qual são gravadas, é de certa forma uma maneira de se comunicar com os moradores de uma forma diferente. Só que nesse contexto o rap é considerado como um ritmo apenas de homens, e as mulheres que cantavam sofriam preconceitos e questionamentos, sendo que elas só queriam representar o local onde viviam, assim como os homens.

Ainda de acordo com a aluna do 3º ano (B), Taiane da Luz Barbosa (2021):

Rap é um estilo musical que procura principalmente contar a realidade das pessoas através da música, os próprios escritores das letras contam suas vivências ou de pessoas próximas. O documentário "Rap nas quebradas" tem como princípio mostrar o talento dos moradores que moram nas favelas de Sobral, pessoas que vivem no meio da violência dentro de diversos outros problemas. Eles expressam através do rap suas manifestações sobre os acontecimentos negativos que afetam diretamente a vida da população. Um dos principais objetivos é mostrar que a mulher também pode fazer rap, não é porque a mulher está ali que ela pode ser considerada "sapatão", as pessoas tem que entender que independente do gênero dela, ela está ali para mostrar a sua arte como todos os outros.

Diante dessa exposição dos relatos dos estudantes que participaram da intervenção pedagógica com o filme "Rap nas quebradas", reforço que dentro das produções textuais apresentadas por esses estudantes é importante compreendermos o valor singular que cada uma delas traz para esse momento de reflexão. Por mais que, em sua maioria, versam num sentido

mais objetivo da especificação de gênero e do rap, notamos que o vídeo causou um despertar para um agenciamento de aprendizagens que só se dá devido ao choque de realidades e ao compartilhamento de novas experiências.

Ratificamos nossos sinceros agradecimentos a toda comunidade escolar José Euclides Ferreira Gomes Júnior, que contribuiu significativamente para que esse trabalho desse certo, juntamente com o esforço incontestável da professora Inês Mara que nos oportunizou esse momento tão importante para nossa pesquisa.

#### **4.3 Testagem do material didático na Escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino.**

A testagem do nosso material didático na escola Maria Menezes Cristino contou com a colaboração da professora Luciara dos Santos, que mediou a intervenção com os alunos do 1º ano do ensino médio na disciplina de sociologia. A escola de Ensino Médio Maria Menezes Cristino está localizada no distrito de Araquém, em Coreaú. Sendo um pouco mais distante da cidade de Sobral, onde os documentários e os materiais sugeridos foram produzidos, a intervenção nesta escola se caracterizou pelo fato de que, como percebemos na gravação, a interação dos alunos com o material proposto foi bem mais intensa, cheia de interrupções para falas e dúvidas, contextualização com a localidade onde moram, problematização da arte do graffiti dentro do ambiente escolar.

O nosso desafio, ao propor inicialmente a ideia desses materiais, era fazermos as intervenções em escolas mais localizadas próximo ao território onde foram gravados a maioria dos materiais, por acharmos tanto mais cômodo no sentido do deslocamento e execução com os cronogramas planejados. No entanto, muito dos nossos convites que estendemos a professores da rede de ensino não foram atendidos, ou quando foram atendidos, por uma série de fatores pessoais e internos da escola, esses professores acabaram não dando essa devolutiva, nem que poderia fazer a intervenção em suas aulas. Assim, como também não retornaram para nos comunicar que não poderiam, isso fez com que a gente rearticulasse nosso diálogo com outras professoras a fim de construir essa etapa da pesquisa.

As escolas e professoras aqui apresentadas acabaram participando dessa etapa da intervenção com esse desafio de interligar os conteúdos programáticos do currículo com a contextualização territorial entre diferentes cidades. Sociabilidades e comportamentos novos são apresentados a alunos numa perspectiva dinâmica de pensar as transformações da sociedade nos tempos atuais. Foi muito importante para nós percebermos que, mesmo trazendo no filme

uma ideia de realidade vivida na periferia, isso não foi empecilho algum para acender o debate sobre o direito à cidade, a afirmação de direitos, pensar a arte em conexão com as juventudes.

Desse modo, pensar a proposta audiovisual como ferramenta pedagógica para o ensino de sociologia é perceber a abrangência que o filme pode alcançar, não há limites territoriais para um aluno que, ao assistir o filme proposto pela professora em sala de aula, de imediato tente uma associação com o seu cotidiano, desperte nele a curiosidade para conhecer aquele ambiente que o filme apresenta ao espectador. Nesse sentido, entendemos que a narrativa fílmica provoca esses afetos a fim de construir outras narrativas interpessoais a partir de temas que possam ser associados de acordo com o currículo e o livro didático adotado em sala de aula.

A professora Luciara dos Santos, que também é mestranda no PROFSOCIO, faz sua pesquisa no uso da tecnologia em sala de aula, e escolheu como material para ser trabalhado em sua aula de sociologia o filme “Tinta Neles”. O filme foi apresentado a estudantes do 1º ano do ensino médio e a aula aconteceu de forma remota. Assim, a professora conseguiu gravar toda a aula e compartilhar conosco a gravação da intervenção, para que assim, pudéssemos realizar nossas devidas observações relacionadas à aula.<sup>30</sup>

A seguir, podemos observar na íntegra, boa parte das conversas, colocações e interações que foram realizadas na aula de sociologia. Após o término da exibição do documentário “Tinta Neles” o aluno Thiago Souza comenta “Ei Luciara esse documentário aí é de Sobral? A professora Luciara dos Santos responde:

Isso é de Sobral. É de vários lugares de Sobral, vocês viram ali no começo é Terrenos Novos, que é uma periferia de Sobral, que fica lá no bairro do Junco, inclusive é o lugar onde o CCH, que é o centro da humanas fica localizado. Pra vocês terem uma ideia de como Sobral, ele não é só aquele centro que a gente chega, desce da topic e vai fazer as nossas compras, ele é muito mais plural do que a gente pensa.

(LUCIARA DOS SANTOS, 2021)

Chamando os alunos para participarem do momento do debate, após a exibição do filme, a professora indaga aos alunos “E aí o que é que vocês acharam? Vocês têm fome de quê? O que vocês acharam do vídeo”? O aluno Iarley responde ao questionamento: “Massa o vídeo, eu queria só aprender a fazer igual a eles”. Outro aluno, Thiago Souza também contribui com a fala dizendo que: “Eu achei o vídeo muito bom, eu acho que esse pessoal que fizeram o documentário eles têm fome de respeito”.

Logo em seguida a professora Luciara dos Santos continua suas contribuições junto a intervenção feita com o documentário e reforça as pluralidades de se pensar a cidade, pensar o

---

<sup>30</sup> Para ter acesso a gravação da aula disponibilizarei o seguinte link de acesso: <https://drive.google.com/drive/u/3/my-drive> . Acesso em 30 de março de 2021.

urbano, pensar a zona rural e o intercâmbio que o filme se propõe a realizar em suas produções imagéticas do cotidiano do artista Tiaguim Tavares, que fazendo o uso da técnica do graffiti, acaba transitando por vários caminhos onde se busca uma aproximação com temas norteadores como o que pensamos nas aulas de sociologia.

Assim, para Luciara dos Santos:

É interessante porque é bem diferente né, é uma visão de cidade que vai ter essa pluralidade, e a gente aqui no Coreau não tem isso. Vocês no Araquém no distrito de vocês não tem isso, não tem esse movimento, essa mobilização, inclusive tem um momento que ele fala né, o cara que tá falando ele diz, “A gente faz os corres nos muros, aí a galera vai lá e limpa né, pinta de volta e diz que não permitiu”.

(LUCIARA DOS SANTOS, 2021)

A aluna Sofia Amâncio também complementa a fala da professora e destaca:

Ele fala muito que é o graffiti né, eu acho que ele faz é o graffiti, ele falou duas coisas, eu acho que ele falou graffiti. O graffiti que ele faz, ele fala muito que ele influencia outras pessoas a fazer né, ele falou que tem crianças que muito antes dela pegar num livro ela já tem influência de ver drogas, arma, violência perto dela. E a criança vendo ele graffitando já vai tendo outra do que é o mundo né.

(SOFIA AMÂNCIO, 2021)

Pegando a deixa da aluna, a professora reforça que:

Inclusive o que você fala Sophia, dialoga inclusive com uma cena que ele tá pintando os membros da turma do Chaves, e a escola tá acabando ali né, a creche parece, e tinha acabado de terminar a aula e as crianças estão passando e observando, inclusive dois menininhos param e ficam observando enquanto ele tá pintando alguns personagens do Chaves, essa inspiração.

(LUCIARA DOS SANTOS, 2021)

Em seguida podemos observar que a aluna Sofia Amâncio continua o diálogo com a professora, demonstrando assim, uma participação ativa com o conteúdo programado em sala de aula. Esse momento traduz perfeitamente, que essa interação reforça nossos objetivos aqui planejados frente a produção audiovisual como material pedagógico para as aulas de sociologia. Sendo importante destacar a participação, interferência, levantamento de questões, dúvidas e sugestões, todas pensadas pelos estudantes que com o reforço da professora acabam contextualizando o material didático proposto com o plano curricular da escola.

Voltando às falas dos alunos, Sofia Amâncio retoma o que a professora Luciara tinha levantado a respeito dos desafios de se fazer graffiti e o papel social que a arte tem junto à juventude. Sofia Amâncio reforça que:

E pode perceber aí que ele diz que ele fala muito que não tem apoio, mas a gente percebe que não tem apoio de pessoas mais velhas, que pode até prestar atenção que os jovens andam acompanhando ele e olham e acham bonito né, pelas imagens que a gente vê no vídeo ele é muito apoiado pelos jovens porque hoje em dia os jovens estão com a mente mais aberta do que as pessoas que foram criadas antigamente.

(SOFIA AMÂNCIO, 2021)

Sofia Amâncio levanta a discussão que podemos entender dentro de uma questão geracional onde o graffiti passa a ser bem mais aceito e apoiado pelos jovens de hoje ao contrário as gerações anteriores que, para ela, não tinham “a cabeça mais aberta para esses assuntos”, ou seja, mesmo que as colocações sejam genéricas, e sabemos que a complexidade da afirmação do graffiti nos dias atuais ainda é uma luta e disputa constante pelos artistas, a interferência dessa aluna aponta para uma questão fundamental representada no filme que é o atravessamento da arte entre as gerações. Por mais que a proposta central das falas do Tiaguim Tavares não pautasse esse questionamento, com essas observações da Sofia Amâncio vale a pena pensar essa reflexão que ela trouxe contextualizando problemas sociológicos diretamente com as narrativas audiovisuais do filme.

Dando continuidade as falas sobre o filme, a professora Luciara dos Santos comenta: “E também senso de comunidade né, você percebe o senso de comunidade, quando ele fala que tava pintando a caixa d'água, esqueci o nome da distribuidora de água de lá”. Sofia Amâncio complementa “comunidade do morro né não”? Luciara dos Santos responde:

Não, comunidade do morro é o que eles graffitam né, mas é um terreno da distribuidora de água que a gente aqui tem outra distribuidora de água, é diferente né, e aquilo era propriedade privada e ele fala, “não, aqui é a comunidade e a galera tá lá toda junta no sol quente como ele fala, com sono, com fome e a galera ainda tá lá”, porque é o senso de comunidade.

(LUCIARA DOS SANTOS, 2021)

Em outro momento a professora chama atenção para uma outra abordagem presente no documentário, que é em relação ao pixo e o graffiti, quais as diferenças existentes entre essas duas expressões visuais. Podemos notar que essa problemática também se repete na intervenção que a professora Auciele Santos fez na escola Elza Goersch junto aos alunos do 2º ano do ensino médio.

Luciara dos Santos comenta:

A Sofia Amâncio tava falando que eles tinham falado dois termos que ele tinha falado, o graffiti e o pixo né, a pichação, que a pichação ela ainda é criminalizada, pelo menos ainda é hoje, né, então, ela já é bem diferente do graffiti que ele tem mais reproduzido, bem mais aceito que o pixo.

(LUCIARA DOS SANTOS, 2021)

Sofia Amâncio complementa a fala da professora e diz

Mas hoje em dia com a modernidade eles estão aceitando mais o graffiti mesmo, porque a gente pode prestar atenção em cidades grandes os prédios ele não são mais pintados normais, eles são feitos graffitis, tem uns elevadores, eu não sei a cidade, mas tem elevadores que eles são todos de vidro e ao redor é todo graffiti.

(SOFIA AMÂNCIO, 2021)

A professora continua o diálogo com os alunos e, sempre contextualizando conceitos centrais em sociologia com relação ao documentário, e pergunta a um outro o que ele achou do documentário apresentado. O aluno Iarley responde: "Show de bola, eu queria que a escola fizesse isso daí né, mandar nós pixar o muro todo da escola, ia ser show". A professora complementa: "Já pode fazer um plano aí com a galera". A partir desse momento podemos notar que essa discussão já despertou novas ideias e planos para se pensar a escola dentro da intervenção do graffiti protagonizado pelos alunos. Por mais que notamos que ainda há uma confusão conceitual de distinguir o que é o pixo e o que é graffiti dentro de suas técnicas artísticas, os alunos aqui já expressam seus desejos por colorir os muros das suas escolas.

Assim, depois de apresentarmos essas falas potentes para a construção desse nosso olhar sobre a intervenção do filme "Tinta Neles", pontuamos como muito positiva a intervenção que contou com o empenho e desenvoltura ímpar da professora Luciara, que trouxe para o centro das discussões levantadas assuntos tão diversos que a aproximação da realidade fílmica com o território onde a escola está inserida se deram numa perspectiva de assimilações, curiosidades e comparações sobre o que a periferia urbana têm em comum com o cotidiano vivenciado por alunos da zona rural de outra cidade.

O filme como já colocado aqui, ultrapassa esses limites territoriais que nos impedem de chegar a outros lugares. A proposta do audiovisual é viajar, desterritorializar o próprio território, ser nômade e aprender com os acontecimentos que nos fogem ao planejamento. Assim, os impactos de realidades captadas pelas lentes da câmera de filmar, representam uma ideia temporal de uma paisagem daqueles ambientes filmados, sendo assim, o que se configura como realidade apresentada no filme, é apenas uma captura micro perceptível que já não existe tal como foi capturada pela técnica do filme.

O que ficou nesse sentido são representações imagéticas de uma determinada realidade que servirá como inspiração para realização de questionamentos, debates, similitudes, afetos e narrativas construídas a partir dessas associações com a produção audiovisual.

Queremos com isso, demonstrar que o uso do filme nas aulas de sociologia se caracteriza por esse desafio de se afirmarem, tanto como arte, quanto como material didático. Nossa proposta demonstrou que a partir do uso desses materiais audiovisuais, foi possível gerar conhecimentos e questões, onde a participação dos alunos foi caracterizada pela intervenção mais direta com os temas norteadores que o filme "Tinta Neles" junto a sociologia.

## **5. CAPÍTULO 04: A PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO COMO PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Discutir os processos educativos que não estão dentro dos mapas escolares nos faz perceber que a produção de conhecimentos surgida do lado de fora dos muros das escolas, são potencialmente enriquecedoras para essa pesquisa que teve como objetivo, o mergulho em águas que possam nos trazer não o novo, mas apresenta possibilidades para se pensar e compreender os processos educacionais que estão além dos muros das instituições de ensino.

O que define o que chama-se aqui de “fora da escola” são as experiências das ruas, do bairro, da cidade e das sociabilidades que acompanham a vida dos estudantes, mas, na escola são discutidos por conteúdos formais que eles não produzem. Entretanto, os acontecimentos e cotidianos do interior da escola também são penetrados pela experiência da comunidade onde a escola está inserida, mas, nos conteúdos escolares, parecem como distantes. Querer isolar a escola da comunidade é uma tentativa abrupta para a compreensão da educação que se manifesta dentro e fora da escola.

A importância de estarmos inserindo a comunidade, o bairro e as manifestações de educação que acontecem fora das instituições de ensino formal, é para percebermos que o diálogo e a construção coletiva dessa perspectiva não formal de educação tem caminhado fortemente com os horizontes múltiplos de se pensar a educação.

Deixando nítido que nossa experiência parte dos deslocamentos do fora da escola para fazer os encontros possíveis com a escola. Afinal, a crítica e as observações sobre os processos pedagógicos encontrados na escola moderna ganham mais fôlego e fundamento quando passamos dos sujeitos de crítica aos sujeitos de práticas, ou seja, o pragmatismo encontrado nessa relação da teoria e prática ganha desdobramentos sólidos quando apoiados numa vivência

que exemplifica e contextualiza os problemas de partida pensados numa educação não formal construída no cotidiano e nas contradições da sociedade.

A perspectiva de uma educação não formal nos remete ao desafio de termos o cuidado de uma observação que correlacione às atuações dos agentes educacionais com as teorias sociológicas. Levando em consideração que os agentes educacionais aos quais nos referimos aqui, o Movimento Social FOME, é constituído de jovens militantes sociais, artistas, produtores culturais, trabalhadores e desempregados, que fazendo uso do seu espaço de convivência trazem uma linguagem, um método e uma produção de conteúdos próprias deles a partir das experiências que vivenciam em seus lugares de produção e fomentação dos processos educacionais não formais.

Quando trazemos para a sala de aula essa experiência singular dos agentes educacionais, o que podemos esperar é uma aproximação e um diálogo mais aberto e horizontal na contextualização dos temas norteadores da disciplina de sociologia ou disciplinas correlatas em sala de aula no ensino médio.

Falar de processos educacionais não escolares é tarefa bastante difícil e complexa. Fogem dos objetivos deste trabalho tentar esgotar o tema. Assim, o diálogo entre processos educacionais não formais e o ensino de conteúdos da sociologia formal é parte importante para rever processos educacionais escolares nesta disciplina, ou nos itinerários formativos implementados pela BNCC e a Reforma do Ensino Médio, especialmente o de ciências humanas e sociais aplicadas, que tem conteúdos relacionados à sociologia.

O trabalho com a instituição escolar e com os processos educacionais não escolares, significa, antes de tudo, um olhar analítico sobre o ambiente escolar, levando em consideração o papel dentro da comunidade onde a escola está inserida. Como bem colocado por Sposito (2003), a importância da instituição escolar como foco de investigação analítica é fundamentada para o estudo realizado em espaços não escolares com as experiências educacionais não formais.

Assim para Sposito:

Ao examinar esse aparente paradoxo contido na junção do “não escolar” com a escola, é preciso considerar uma distinção importante entre a *categoria analítica* – escola – e a *unidade empírica* – escola – objeto de investigação. A relevância analítica da instituição escolar não implica necessariamente o seu estudo empírico, sendo esse o primeiro aspecto da via não escolar no estudo sociológico da escola. O segundo reside na ideia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados.

(SPOSITO, 2003, p. 215, grifos da autora)

Interessante observar que Sposito (2003) chama atenção para os fenômenos sociais que não se apresentam dentro do plano escolar, mas que estes “elementos não escolares” penetram e fazem parte da vida escolar, ou seja, esses elementos não escolares mesmo não estando no currículo ou na programação escolar planejada com base nas diretrizes que regem a instituição escolar, acabam ganhando espaço nos processos formativos, mesmo quando não inseridos nos currículos e conteúdos disciplinares.

Com base nessa perspectiva dos elementos não escolares que se apresentam como fontes para produção de material didático é que podemos traçar um campo vasto de atuação com um olhar voltado para espaços não escolares, assim como para processos educacionais que, longe da objetivação pedagógica de uma educação institucionalizada, acabam construindo mecanismos e narrativas múltiplas em direção aos sentidos educacionais não formais.

Quando fazemos esse giro de trezentos e sessenta graus ao nosso entorno, podemos perceber que as pulverizações dos processos educacionais se encontram perpassados na instituição escolar. Nosso trajeto, nesse sentido, parte da reflexão educacional que se encontra fora da escola e que ao mesmo tempo é localizada dentro dos fenômenos escolares. Por trazer a linguagem das ruas e dos espaços por onde são produzidos esses acontecimentos educacionais não escolares, acreditamos que a inserção dessas experiências extra sala de aula através da produção de material didático para as disciplinas que possuem conteúdos relacionados ao campo da sociologia, trará uma aproximação bem maior dos agentes que compõem o ambiente escolar e o contexto social onde a escola está inserida.

A partir dessa perspectiva múltipla de sentir e pensar os processos educacionais não formais que nossa proposta de produção de material didático experimentou com alunos da disciplina de sociologia no ensino médio. Podemos destacar que o tema central é esse estudo dos fenômenos sociais da educação não formal, mas também destacamos que conjuntamente a essas narrativas aqui apresentadas estaremos nos esforçando para conciliar a proposta que engloba essa pesquisa que é a produção de material didático para o ensino de conteúdos para a sociologia.

O percurso que traçamos na pesquisa foi, antes de tudo, percebido na vivência que o pesquisador tem como morador de periferia e como militante e educador dentro do Movimento Social FOME. São três perspectivas e leituras que podemos fazer de como ser morador de um bairro periférico na cidade de Sobral/CE, o bairro Terrenos Novos, e ao mesmo tempo construir

uma militância política, social e educacional e ainda realizar a pesquisa científica num coletivo de juventude.

As oportunidades que foram concedidas ao longo da formação acadêmica do proponente deste trabalho como: bolsista de iniciação científica, pesquisador dentro da área de antropologia visual pelo LABOME, cursos de extensão que fortaleceram os caminhos da pesquisa acadêmica, sempre me direcionaram a retribuições para com o lugar de onde venho. Talvez seja esse o motor propulsor dessa caminhada que vem se estendendo ao longo da vida acadêmica e da militância social.

É partindo desse lugar que a orientação para essa pesquisa se deu em colaboração com as parcerias firmadas na rua onde os processos pedagógicos de ensino e aprendizagem acabam ganhando forças e construindo metodologias educacionais que serviram para esse trabalho. As ruas dos bairros periféricos têm muito a nos ensinar, e é partindo delas que nos aportamos para a produção desse material didático apresentado para o ensino de conteúdos de sociologia para diferentes atividades e disciplinas que contenham estes conteúdos.

Estamos pensando e articulando conceitos sociológicos e educacionais do nosso lugar de partida enquanto estudantes universitários. No entanto, também traçamos nossos métodos da produção de conteúdos e linguagens, trazendo a experiência dessa produção de material didático como compartilhamento de saberes diversos, ou seja, a colaboração coletiva e individual de cada um dos agentes dessa pesquisa nos traz o exemplo de um trabalho compartilhado feito por múltiplas potencialidades.

Os afetos construídos nesse percurso representam a construção do pensamento científico e da própria subjetividade, que também são afetados pelo território onde vivemos e realizamos nossas empreitadas, sejam elas acadêmicas ou de militância social dentro dos coletivos.

É importante destacar aqui uma reflexão que cabe reforçar nessa empreitada da pesquisa de campo onde a antropóloga Favret-Saada em seu texto “Ser afetado” (2005), recoloca o lugar do pesquisador e suas questões de método perante o campo empírico da pesquisa.

Para Favret-Saada;

No campo, meus colegas pareciam combinar dois gêneros de comportamento: um, ativo, de trabalho regular com informantes pagos, os quais eles interrogavam e observavam; o outro, passivo, de observação de eventos ligados à feitiçaria (disputas, consultas a adivinhos...). Ora, o primeiro comportamento não pode de forma alguma ser designado pelo termo “participação” (o informante, ao contrário, é quem parece “participar” do trabalho do etnógrafo); e, quanto ao segundo, “participar” equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível.

(FAVRET-SAAD, 2005, p. 156.)

Essa passagem de Favret-Saada nos faz repensar e problematizar uma questão fundamental e corriqueira na pesquisa acadêmica que são os meios ou as estratégias por onde foram captadas as formações das análises críticas do campo de pesquisa. Não é de nosso interesse e muito menos desse trabalho, alongar essa problematização, mas essas questões do campo de pesquisa nos ajuda a entender que o pesquisador traça lá suas tecnologias para se adequar e produzir sua pesquisa, assim como também, a compreensão dos lugares de onde partimos enquanto pesquisadores podem ajudar no entendimento das conexões apresentadas na pesquisa. Mesmo tendo como propósito aqui produzir material didático, não deixamos de fazer uma pesquisa, já que se configura como um experimento de produção compartilhada, o que já é um processo de produção do conhecimento, e o material produzido foi testado e analisado, o que também resulta em um conhecimento de pesquisa produzido.

Essa pesquisa então parte desse olhar a respeito do território, do chão onde pisa o pesquisador e das estratégias traçadas para as realizações no campo. É importante compreender esse processo de afetação da pesquisa e do campo trazidos aqui na construção desse estudo, pois os desejos, as angústias, as realizações e os medos também são parte do processo de pesquisa, afinal não podemos cair nas subjugações, onde o ser humano que mora e constrói suas relações sociais afetivas com o espaço onde habita deve ser separado ou deixado de lado nos momentos onde se realiza a pesquisa científica, dando lugar ao ser pesquisador neutro, imparcial que não emite nenhum apontamento diante os fenômenos que se apresentam no campo da pesquisa.

Os afetos que atravessam o campo da pesquisa nos revelam as aproximações que desejamos com a proposta de trabalhar a produção audiovisual em sala de aula. Transitando por caminhos sempre de disputas e negociações, nosso desejo ao trabalhar com o audiovisual como material didático é fortalecer as rupturas possíveis dentro dos currículos escolares.

A produção de áudio e vídeo como material pedagógico tem seu espaço nos livros didáticos que são usados em sala de aula. Basta olhar no final de cada seção do livro que quase sempre há sugestões de filmes nacionais ou internacionais, variando significativamente a linguagem cinematográfica, de acordo com os temas que norteiam cada seção apresentada pelo professor. Se partirmos da historicidade do ensino de sociologia de tempos atrás, onde não se tinha um plano pensado para o livro didático nas escolas, nem muito menos tínhamos a sociologia como disciplina obrigatória nos planos de ensino das escolas, e que hoje sob ameaça constante de aos poucos sair de vez do programa de ensino com as novas propostas do novo

ensino médio, os problemas geradores com as buscas por novas metodologias de ensino eram um grande gargalo enfrentado por educadores que lutavam por um currículo que fosse amplo e dialogasse mais com outras áreas do saber.

Notamos que há nesse sentido histórico do ensino de sociologia uma série de problemas ao longo dos tempos que acompanham rotineiramente os professores da área, seja na obrigatoriedade da disciplina nas escolas, seja nas renovações curriculares do ensino de sociologia. Enfim, os entraves e desafios do ensino de sociologia são dessa forma uma luta constante dentro e fora dos ambientes escolares.

Assim, para Silva;

A inclusão da Sociologia nos currículos do Ensino Médio, mais uma vez, amplia as possibilidades de inserção dos saberes das Ciências Sociais nos níveis de formação básica. Sabemos que muitas justificativas, argumentos e ações terão que ser mobilizados nas escolas a fim de legitimar essa disciplina nos *projetos político-pedagógicos* de cada unidade.  
(SILVA, 2010, p. 15, grifos do autor)

Os desafios nesse sentido apresentado por Silva (2010) é uma luta constante pela afirmação da disciplina de sociologia nos currículos e planos de ensino das escolas. Sabendo que há também uma burocracia localizada na autonomia do núcleo gestor de cada estabelecimento de ensino, fica então mais difícil acompanhar se realmente a legislação vem sendo cumprida como diz a lei. A BNCC e a Reforma do Ensino Médio trazem outros problemas, propondo Itinerários Formativos que não obrigam mais a oferta da disciplina. Alguns sistemas estaduais, como é o caso do Ceará, ainda mantêm a disciplina, mas outras surgem, sejam eletivas ou não, que possuem também conteúdos que geram discussões que poderiam ser da sociologia.

Nota-se que não é só falar ou criticar as metodologias de ensino de professores de sociologia. Antes de tudo se faz necessário compreender historicamente as nuances legislativas que coordenam e transitam em uma formação ou adequação dos trabalhos do professor de sociologia em sala de aula.

Devemos nos ater às questões emergenciais que hoje se apresentam como fortes tendências para cada vez mais minar e fragilizar uma política de educação que atenda as necessidades da classe pobre e trabalhadora do nosso país. Me refiro a esse contexto num sentido de percebermos o que vem sendo construídos ao longo desses últimos dez anos no que diz respeito a um programa neoliberal de implementação de um novo “modelo” e um currículo técnico que inflexibilize a contextualização do ensino de sociologia dentro das instituições públicas de ensino.

Possibilitar o acesso a uma educação que possibilite os sujeitos a criarem e cultivarem um senso crítico capaz de contextualizar as relações sociais com suas decisões políticas, é, em linhas gerais, um ideal que cultivamos como norte dentro da nossa formação enquanto educadores preocupados com um ensino que se estenda ao diálogo de afirmação dessas políticas educacionais voltadas a uma visão ampla e democrática.

Essa relação histórica, política e cultural que atravessa a seriação do ensino nas instituições públicas pode ser caracterizada como uma relação íntima da formação dos sujeitos com o meio em que vivem. Podemos destacar que se passarmos a compreender a importância da construção do currículo como ferramenta necessária para a implantação do domínio dos corpos, observamos que os interesses envolvidos nesse sentido das mudanças do “velho” para o “novo ensino médio” acarreta um perigo iminente que objetiva a formação engessada e técnica como seres objetificados, ou seja, autômatos que executam sem questionar as ordens que lhes são direcionadas.

Complementando essa discussão, concordamos com Corti (2019), quando a autora afirma que:

O ensino médio, ao longo do seu desenvolvimento histórico, condensou bem essa relação entre educação e sociedade, colaborando para a manutenção de uma estrutura social classista num país cujas elites conservadoras nunca chegaram a estabelecer um pacto social democrático, produzindo um verdadeiro *apartheid* social.

O ensino médio, parte final da educação básica, foi o último a ser massificado e popularizado no Brasil, o que aconteceu apenas na década de 1990. Quando finalmente os grupos sociais mais pobres e diversos conseguiram entrar na escola média, esta já havia passado por enormes “crises”, debates nacionais e reformas. Como ocorreu com outras etapas escolares, a massificação do ensino médio se deu basicamente pela ampliação da oferta de vagas em escolas públicas, nesse caso, estaduais. Daí podemos afirmar que a única escola efetivamente acessível ao povo brasileiro foi a escola pública.

(CORTI, 2019, p. 47 e 48)

Essa problemática que Corti (2019) reforça em seu texto nos serve como termômetro para nos orientarmos diante das gravidades que atravessam o acesso e a implementação de um ensino médio pautados nos interesses dos estudantes e não dos institutos, empresas e governos que desejam o domínio do currículo para satisfazer um interesse neoliberal de uma educação para o capital.

É importante observarmos que com base nesses problemas aqui apresentados em relação aos desafios da implementação dessas novas políticas para o ensino médio, que reconectamos nosso interesse inicial na elaboração e estruturação de um material didático para o ensino de sociologia, que discuta e instigue os e as estudantes a uma intervenção ativa diante de sua

realidade material, dentro de uma perspectiva contextualizada, na sala de aula, para com outros espaços que façam parte da rotina desses estudantes.

Desse modo, compreender os demarcadores sociais do público que compõem a classe estudantil, é necessário para qualquer planejamento e execução de uma proposta para criação de material didático no ensino de sociologia. Nesse sentido, a implementação da nossa proposta de material didático levou em consideração todos esses desafios que perpassam a composição ampla de pensarmos a educação pública num contexto governamental instável, e que não dá garantias de um projeto de educação voltado a ouvir as ruas e a sociedade.

É com esse olhar direcionado às causas históricas, políticas e jurídicas da sociologia como disciplina nas escolas que Silva (2010), reforça a luta dos professores de sociologia para que, constantemente, se renove as energias e, de maneira alguma, se possa acomodar-se no processo de luta e garantia de direitos.

Desse modo, Silva (2010) reforça;

Lembrar de que como vem ocorrendo a legalização e a legitimação possibilita uma postura mais comedida diante do processo. Postura comedida no sentido de reconhecer que ainda temos que estar atentos às reformas educacionais, mudanças curriculares e alterações na conjuntura política do País e dos Estados. Além disso, é sensato admitir que temos que estruturar as áreas de metodologia e estágio nos departamentos de educação e de ciências sociais para garantir a formação inicial e continuada dos professores, nós temos que multiplicar a produção de materiais didáticos, negociar concursos públicos para professores licenciados na área, desenvolver a pesquisa sobre o ensino da Sociologia, entre outras tarefas.  
(SILVA, 2010, p. 28)

Silva (2010) compreende que a luta pela estruturação do ensino de sociologia nas escolas, além é claro da conquista de sua obrigatoriedade a nível nacional no ensino médio, tem outros desafios que são uma disputa constante pela reinvenção e contextualização da sociologia com o currículo, com as metodologias de ensino e até mesmo com a produção de materiais didáticos para o ensino de sociologia. Não que os que já dispomos sejam insuficientes. Ao contrário do que Silva (2010) pensa a esse respeito é, na verdade, a multiplicação desses materiais, ou seja, ampliar o horizonte de alcance desses materiais didáticos faz com que, diretamente, o ensino de sociologia expanda seu alcance de atuação além das paredes da sala de aula.

É notório perceber que a construção de materiais para o ensino de sociologia tem sido bastante explorada, uma vez que a correlação de metodologias para o ensino tem sido largamente debatida no meio educacional. A produção de materiais didáticos para o ensino de sociologia deve levar em consideração alguns aspectos básicos para elaboração,

desenvolvimento e aplicação desses recursos pedagógicos, tendo em vista que o cuidado na observação para a aplicabilidade de tais materiais deva ser diretamente relacionada aos temas norteadores do estudo de sociologia que são trabalhados em sala de aula, ou, até mesmo, tema que não estejam escritos nos currículos, mas que possam ser discutido e acabam sendo abordados por esses materiais didáticos.

Complementando essa reflexão sobre a necessidade de explorar mais a produção de materiais didáticos para o ensino de sociologia, Moraes (2010), comenta que para além das aulas expositiva que o professor comumente adota como método mais prático para o ensino, a necessidade de contextualizar as aulas expositivas com outras ferramentas pedagógicas para o ensino de sociologia é de suma importância.

A associação das aulas expositivas com outros recursos didáticos, possibilita uma aula com horizontes contextuais mais amplos e mais participativos. Recursos como o áudio e o vídeo, nesse sentido, tem uma grande importância na própria metodologia de ensino. A comunicação em *podcast* e o visual é, nesse sentido, as linguagens que muitas das vezes chegam mais rápido nas pessoas, atribuindo assim, um caminho mais direto e didático às problemáticas geradas na escrita. Desse modo, podemos enxergar com bons olhos a exploração desses recursos no currículo escolar do ensino de sociologia, e o nosso experimento mostrou muito isso.

Para Moraes (2010);

Uma vez que a aula expositiva se caracteriza pela apresentação docente de um determinado assunto, o esperado para a disciplina Sociologia é que a exposição enfatize a contextualização e explicações sobre o conteúdo. Exigir que uma turma de jovens mantenha-se atenta durante 30 ou mais minutos unicamente em torno de questões exclusivamente sociológicas pode não ser tarefa das mais fáceis. A sugestão é associar a apresentação do tema a recursos capazes de provocar interesse e conferir materialidade ao conteúdo trabalhado.  
(MORAES, 2010, p. 55.)

Com base nessa perspectiva de trabalharmos os recursos e matérias pedagógicos para o ensino de sociologia é que nos detemos sobre a produção de documentários como ferramenta didática para o ensino de sociologia. Como bem pensado por Moraes (2010), as associações entre as exposições e o uso dos materiais didáticos devem ter uma estreita relação, uma vez que, as aulas expositivas com os temas norteadores ganham mais abrangência com o uso desses recursos, o que entendemos ter sido confirmado com os testes que fizemos.

A orientação por trabalharmos a construção de material pedagógico para o ensino de conteúdos de sociologia usando a linguagem audiovisual, vai de encontro com a necessidade de podermos sentir o que hoje, com o advento cada vez mais rápido de tecnologias da

comunicação, possamos chegar com mais lucidez em assuntos e conceitos que norteiam os problemas sociais em completa relação com o que se passa dentro e fora da sala de aula.

O audiovisual é, nesse sentido, um recurso didático muito potente em sua função direcionada para a montagem imagética e sonora dos fenômenos sociais. Assim, a produção de documentários com esses desejos de construir um material pedagógico para o ensino de sociologia, agenciam em suas bases as narrativas construídas a partir de agentes sociais que estão produzindo uma pedagogia não escolar dentro de processos educacionais não formais localizados em bairros da periferia.

Para Rost (2015, p.48) “Os recursos em imagem são uma possibilidade a fim de desenvolver nos estudantes as potencialidades do raciocínio sociológico e da imaginação sociológica.” Pensando dessa forma, podemos acrescentar que o uso das imagens devem ser compreendidas não só apenas como materiais que auxiliam e logo caem no desuso, ou por querer que os recursos imagéticos sejam materiais conteudistas dentro da disciplina. Penso que, a partir do uso das imagens e do áudio, aqui compreendidas pela produção de filmes documentários e *podcast*, os recursos didáticos que usam essas propostas dialogam diretamente na contextualização das leituras do cotidiano em nossa sociedade.

Segundo afirma Moura (2011);

Os usos das imagens em sala de aula podem contribuir muito para a imaginação sociológica numa perspectiva crítica e desnaturalizadora dos processos sociais na medida em que são utilizados como objetos de conhecimento do mundo social, e não simplesmente como estratégias “agradáveis” e “divertidas” de transmissão de conteúdos disciplinares. A educação é muito mais do que informação sobre determinado assunto. Ela é uma prática social, ou seja, uma vivência coletiva que possibilita desenvolver a imaginação e o olhar atento para o mundo, de modo a construir no sujeito às disposições sociais para um agir mais sensível, portanto, mais humano.

(MOURA, 2011, p. 177)

Moura (2011) contextualiza exatamente com a nossa reflexão em relação aos processos educacionais, ou seja, a educação é um fenômeno social que acontece pela participação dos agentes sociais que colaboram e constroem suas pedagogias de acordo com suas vivências e seus processos culturais. O recurso didático que traz a imagem e o áudio editado como um programa de rádio, como norteadores desses objetivos pedagógicos para uma educação não formal, é entendido não como um auxílio, mas como parte das metodologias empregadas pelos professores em sala de aula.

A realidade filmada entra em discussão com temas centrais da composição fílmica, onde fica em jogo a realidade do acontecimento filmado, ou a produção planejada de uma cena para

se aproximar mais da realidade. Essas questões transversais aos temas sociológicos devem ser também apresentados em meio a narrativa teórica e crítica dos recursos didáticos.

Ao fazermos os percursos pedagógicos e educacionais com este tipo de material didático, chegamos a uma questão provocativa que tentaremos responder de acordo com a proposta da pesquisa que é a relação de pensarmos um experimento pedagógico a partir das práticas educacionais não formais presentes em espaços não escolares, particularmente, a periferia.

Experimento pedagógico compreendido como a produção de material pedagógico tendo como fundamentação a narrativa audiovisual a partir das experiências educacionais geradas pelo Movimento Social FOME.

Assim, observar, por exemplo, uma ação de um coletivo de grafiteiros atuando nas ruas das periferias, é perceber que a própria proposta de organização em coletivo de artistas de rua, é uma forma social, política e educativa de se organizarem enquanto classe, mesmo que categoricamente ou conceitualmente essas observações venham em primeiro plano quando os indivíduos partem para uma organização coletiva.

O graffiti como bem apresentado, nos serviu como pano de fundo dentro de uma textura multicolorida que pensa seu ato de criação imerso no desejo de passar alguma mensagem. O que podemos notar de especial nessa pós produção dos muralismos, dos desenhos, das paisagens e da escrita, é que a linguagem visual que o artista tenta afetar no próximo, é um mecanismo de auto afetação, quando pois, sua obra fixada em algum muro passa a ser parte e extensão daquela paisagem anterior afetada pelas linhas, curvas e contornos que dão sentido a um tema específico do artista.<sup>31</sup>

A questão que se coloca ao assistir o filme “Tinta Neles” é nos questionar a partir da reflexão estimulada pela combinação de som e imagem, sobre a trajetória de um sujeito individual, se podemos falar sobre um tema sociológico relacionado diretamente com os temas norteadores dos livros didáticos que os professores adotam como ferramentas pedagógicas para o ensino, relacionando assim, os temas norteadores ao grafite. Entendemos que sim, pois esta

---

<sup>31</sup> Sobre essa relação de temas específicos dentro do graffiti, pontuo aqui que isso não é regra entre os artistas, pois muitos usam de variadas técnicas para executar o seu traço que lhe caracteriza como singular entre os seus pares. No nosso caso específico, o artista que acompanhamos que foi, Tiaguim Tavares. Na grande maioria de suas obras ele opta por graffitar personagens famosos e anônimos, assim como, tem uma preferência por pintar murais que sempre exigem uma dedicação maior no trabalho manual a ser executado, não impedindo é claro que ele não venha a executar outras narrativas visuais dentro do seu processo criativo.

arte faz parte do campo técnico e estético dos artistas locais e é utilizada para transmitir o modo de vida e compreensão da cidade, incluindo comunicação e reflexão de seu cotidiano.

Aprender com essas ferramentas pedagógicas que fogem do comum no ambiente escolar, pode despertar nos estudantes uma aproximação que se direcione para reflexões mais próximas das semelhanças de suas vidas diárias. A proposta audiovisual é nesse sentido, uma agência de múltiplas linguagens que atravessa o campo técnico para ir de encontro às experiências afetivas dos sujeitos.

Quando propomos a produção deste e dos outros filmes, sabíamos que o mais desafiador seria fazer essa mediação com a escola, uma vez que por nós não estarmos em sala de aula contei com a colaboração de colegas de turma e do programa de pós graduação em ensino de sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Essa ponte entre o material pedagógico que elaboramos e a sala de aula, nos revelou grandes desafios a serem superados dentro do campo escolar, tendo em vista que o tempo e a cobrança para alcançar determinadas metas, contribui para que esse espaço de ensino ainda seja algo não acessível para experimentar junto aos alunos um exemplo de material didático que possa ser elaborado e contribuído por eles.

Ampliar essa perspectiva do ensino e aprendizagem num horizonte mais acessível é um dos desafios que podemos pontuar como determinante para que se pense o currículo num sentido mais próximo da realidade onde as instituições de ensino estão inseridas, além é claro de compreender as trajetórias e os demarcadores sociais que esses sujeitos que participam da vida escola estão inseridos.

É com esse olhar que podemos compreender uma pedagogia do cotidiano que se insere através de uma linguagem multifacetada para possibilitar uma comunicação, afetação, reflexão e intervenção na linearidade de uma aula já anteriormente pensada para um público específico que por muita das vezes estão numa posição passiva do processo educativo.

Queremos apresentar a orientação visual como um campo fértil para podermos experimentar suas potências e misturar suas singularidades, assim como fizemos com a produção fílmica, com a produção de *podcasts*, com as orientações dos problemas sociológicos identificados nas letras compostas pelos meninos e meninas que cantam rap, pelas narrativas construídas com as juventudes que frequentam o ambiente escolar e encontram na produção artística um outro meio para acessar também conhecimentos, enfim, essa mistura sonora e imagética que experimentamos nessa pesquisa junto aos alunos do ensino médio, colaborou significativamente para o amadurecimento da criação de novas propostas dentro do campo

audiovisual. Tornando assim a pesquisa, um processo de constante mudança para se encaixar às intempéries das políticas educacionais da nossa sociedade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso até aqui apresentado reforça a necessidade de pensarmos os processos educacionais não formais que se apresentam fora das escolas como potenciais narrativas sociológicas a serem discutidas e trabalhadas em sala de aula. Notamos que as variadas expressões artístico-culturais que se fortalecem nas ruas da periferia cumprem um papel fundamental dentro da constituição da escola, ou seja, não podemos pensar a escola separadamente dos seus sujeitos sociais.

Como ficou bem destacado em toda a pesquisa, nosso desejo foi construir uma proposta de material didático tendo como sujeitos protagonistas jovens da periferia sobralense. Desse modo, a partir das experiências compartilhadas no Movimento Social FOME com a participação do LABOME, traçamos um pensamento a respeito de como esses sujeitos também podem ensinar as escolas a pensar metodologias que agreguem novas percepções sobre o ensino e aprendizagem.

A ideia de trabalharmos numa proposta de pesquisa compartilhada entre sujeitos ativos que se organizam autonomamente nos bairros periféricos da zona urbana da cidade Sobral e a universidade pública, confirma mais uma vez a importância desse olhar sobre a educação, pensada aqui numa dimensão muito além dos muros e das salas de aula. É preciso que entendamos essas aproximações como caminhos sempre inovadores para a produção de conteúdos, de aprendizagem e metodologias.

Pensamos os processos educacionais não formais numa dimensão plural e horizontal, onde os agenciamentos colaboram para uma conexão e intercâmbio de saberes. Os saberes pensados e cultivados nas vivências individuais e coletivas. A importância dessa correlação de aprendizagem e ensino com as singularidades de cada indivíduo, reforça o caráter mais autêntico das potencialidades que se apresentam como construtoras desses saberes fundamentados numa *práxis* das ruas periféricas. Destacando essa *práxis* no sentido político, artístico, cultural e educativo que cada ação desenvolve nos territórios de atuação dos sujeitos aqui citados.

Refletir sobre os processos educacionais que se estabelecem nas ruas da periferia nos convida também a pensarmos os contextos de vulnerabilidades onde se encontram tais fenômenos educacionais, e onde se encontra o diálogo da escola com a comunidade. Entendemos que é de suma importância trazeremos para o centro da discussão esses desafios que podemos apontar como primordiais para uma aproximação produtiva entre território e escola.

A escola está inserida num contexto territorial onde, conhecer um pouco do cotidiano dos estudantes que frequentam o ambiente escolar é fundamental para traçarmos novos horizontes didáticos que traduzam nos currículos essa realidade aproximada na transversalidade pedagógica de cada método de ensino.

Nossa preocupação era pensarmos uma maneira de abordar os grandes temas norteadores do currículo de sociologia em sala de aula com as práticas educativas não formais que se apresentam fora da escola. O campo da pesquisa mostrou que os mais variados fenômenos educacionais que se passam longe da escola são fundamentais para a elaboração de uma proposta didática do ensino de sociologia.

Por mais que concentremos nosso trabalho voltado para o ensino de sociologia, podemos perceber que o material aqui elaborado versa sobre variados temas e realidades escolares, deixando nítido que a produção audiovisual transmídia é uma ferramenta de alcance múltiplo, dispensando assim, limites territoriais quando se pensa as questões levantadas por cada produção sugerida, tornando assim, um material didático que contempla os objetivos de se pensar as possíveis aproximações da escola com outros espaços que estão inseridos na comunidade.

As lutas travadas diariamente na periferia por garantias de direitos são aqui descritas dentro de um panorama ativo do Movimento Social FOME, que em meio a um contexto desafiador mantém suas narrativas de resistência e existência pelas ruas, becos e vielas. A educação não formal como aqui apresentada, é uma aproximação daquilo que Deleuze e Guattari chamaram de rizoma<sup>32</sup>, em referência aos processos de organização, de pensamentos, de conceitos e de aprendizado, ou seja, pensar os processos educacionais como rizomas, é partir da ideia de que esses fenômenos educacionais que se estabelecem fora das instituições de ensino se ramificam, se desterritorializam e criam nervuras múltiplas sem nunca se concentrar num núcleo central.

---

<sup>32</sup> Segundo a pesquisadora Picosque (2007, p.223), "*Rizoma*. Esse termo vem da botânica. Um tipo de caule.(...) Deleuze e Guattari o tomaram emprestado para opor à noção estrutural de árvore, verticalizada, bifurcada."

Pensando nesses movimentos plurais da educação não formal é que formulamos nossa proposta de trabalhar a produção de material didático tendo como objetos, as produções audiovisuais transmídias que englobam narrativas e linguagens múltiplas, alcançando desse modo, as exigências de se pensar um material didático que chegue mais nas linguagens escritas, auditivas e visuais dos estudantes do ensino médio.

Tomamos como ponto de partida para pensarmos a produção audiovisual em relação ao ensino de sociologia, os trabalhos que o Movimento Social FOME já vinha realizando em parceria com o Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas - LABOME, na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, esse foi o ponto de partida que nos deu uma visão mais contextualizada com os problemas a serem levantados na defesa desse material como proposta de trabalho final no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), na grande área de concentração de pesquisa, juventude e questões contemporâneas.

Fazendo um apanhado das produções transmídias já realizadas pelo Movimento Social FOME e com a participação de integrantes do coletivo, conseguimos concentrar os filmes: Tinta Neles, Poesia e Resistência, Rap nas Quebradas, Um recorte do bairro Terrenos Novos, Batalha do T.N - Rap é compromisso e Perspectiva e desafios no ensino médio. Ao todo foram seis documentários incluídos nessa proposta de material pedagógico para o ensino de sociologia<sup>33</sup>.

Dando continuidade aos materiais produzidos, podemos destacar também o vídeoclipe do grupo de rap, “Disparo D’Versos”, formado por Leandro Mc e Restrito Mc, jovens moradores do bairro Terrenos Novos e integrantes do Movimento Social FOME, que tem como título “Sinopse do Medo”. Além desse vídeoclipe também trouxemos a sugestão de outro vídeoclipe formado por seis jovens que integram a Batalha do T.N que é a Cypher Resistência, um exemplo de produção coletiva em todo processo de construção musical, desde a escrita até a performance em vídeo, onde seis Mc’s, Barnabé Mc, K Mc, Balbino Mc, Leandro Mc, Restrito Mc e Sabrina Sá, a única mulher integrante do grupo construíram essa narrativa audiovisual que reflete de perto os desafios enfrentados dentro da periferia para sobreviver dia após dia lutando.

E para concluir a lista de materiais sugeridos nesta pesquisa tivemos os onze episódios do FOMEcast, *podcast* produzido pelo Movimento Social FOME, que traz em suas abordagens temas norteadores que vão desde a comunicação comunitária na periferia até assuntos relativos à segurança pública, culturas populares, feminismo, políticas públicas e juventudes, enfim,

---

<sup>33</sup> Mais a frente irei apresentar com mais detalhe cada produção aqui citada.

nessa sugestão de podcast os professores terão narrativas muito fortes e potentes para uma contextualização alinhada aos temas que perpassam o livro didático em sala de aula.

Com base no esforço dedicado a esse trabalho, depois de cumprirmos todas as etapas exigidas para podermos seguir com novos desafios na pesquisa, enxerga-se aqui que os caminhos trilhados foram essenciais para podermos perceber a importância que é desenvolver um trabalho de forma compartilhada com outras pessoas, com jovens da periferia, com professoras de diferentes espaços escolares, com coletivo de juventude, com a universidade que por mais desafiadora que seja pautar essas questões que aqui levantamos, insistimos em reconsiderar nossas existências na resistência.

Esse trabalho só foi possível graças a um agenciamento de forças, desejos e potencialidades que encontrei nessa rede de apoio que o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) proporcionou juntamente com o Movimento Social FOME, LABOME, Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, a todas as professoras que fizeram parte dessa intervenção junto ao material sugerido aqui nesta pesquisa: Auciele Santos, Inês Mara e Luciara dos Santos. A todos as juventudes das periferias, do meio rural que estiveram presentes nesse trabalho, só tenho que agradecer pelo empenho e pela confiança nessa pesquisa compartilhada.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In: **Educação não-formal: Cenários da criação**. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Margareth Brandini Park, Renata Sieiro Fernandes (orgs.)

ALMEIDA, Júlia. Periferia em atos de escrita. In: **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia, 2005/** organizador Daniel Lins. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

ANTONY, Michel. **Os microcosmos. Experiências utópicas libertárias sobretudo pedagógicas: "utopedagogias"**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte editora: Editora imaginário, 2011.

AQUINO, Thiago. ET AL. **Diálogos em pedagogia: memória da 1ª jornada de pedagogia libertária**. 1ª edição. Difusão Libertária. Recife, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9ª ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel de, 1925 – 1986. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Luce Giard, Pierre Mayol. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 8. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAMBAT, Grégory. **Instruir para revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho, São Paulo. Editora Imaginário, 2006.

CIRQUEIRA, José Vandério. **Pensar fora dos muros: os fundamentos da pedagogia libertária contra os espaços da domesticação escolar**. Élisée, Ver. UEG – Porangatu, v.9, n.1, e912006, jan/jun. 2020.

CODELLO, Francesco. **“A boa educação”: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Gowin a Neill.** Volume 1. Tradução: Sile Cardoso, São Paulo. Editora Imaginário: Ícone, 2007.

CONCEIÇÃO, Janaína Vianna da. **Da vida batida para a batida viva: a batalha poética do rap de improviso como lugar de arma, resistência e problematização de tensões na escola.** Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504. BOITATÁ, Londrina, n. 18, jul-dez 2014.

CORREIO DA SEMANA: **Residencial Nova Caiçara.** 2016. Disponível em: <<http://www.correiodasemana.com.br/correio-nos-bairros/residencial-nova-caicara>>. Acesso em 21 abr. 2017.

CORTI, Ana Paula. Ensino médio: entre a deriva e o naufrágio. In. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar/** Alessandro Mariano. Organização Fernando Cássio. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Tradução e Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. **Kaka: por uma literatura menor.** Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles. (1925 – 1995). **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 4.** Félix Guattari. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles, 1925 -1995. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997.

Educação libertária. Nº1. 3º quadrimestre de 2006, São Paulo. Editora Imaginário, 2006.

FAVRET-SAADA, Jeane. Ser afetado. In: **Cadernos de Campo.** Tradução de PAULA SIQUEIRA. São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999.

FREITAS, Nilson Almino de. **Trajetos e memórias: patrimônios, narrativas e visualidades na cidade de Sobral-CE**. Sobral: Edições UVA, SERTÃOOCULT, 2014.

————— **O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes da cidade de Sobral**. 2005. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1529>>. Acesso em 21 abr. 2017.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação voltada à singularidade: entre Nietzsche e Deleuze. In: **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia**, 2005/ organizador Daniel Lins. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Avaliação** | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GONÇALVES, Marco Antonio & HEAD, Scott. Confabulações da alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In: GONÇALVES, Marco Antonio & HEAD, Scott (org.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, pg.15-35.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n.44, p. 19-37, jan/abr. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1989.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. Imagem e conhecimento o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, Florianópolis, v.12, n.100, p.159-182, jan/jul 2011.

MEIRELLES, Mauro; SCHWEIG, Grazielle Ramos. Antropologia e educação: um diálogo necessário. **Revista Percursos**, Florianópolis, v.13, n.01, p. 81-98, jun/jul. 2012.

NASCIMENTO, Fran. Nilson Almino de Freitas, Vicente de Paulo Sousa e Ary Pimentel. (organizadores). **A Poesia Invade a Cena em Sobral: Poetry Slam no Interior do Ceará**. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira” na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

PICOSQUE, Miriam Celeste Martins e Gisa. A aventura de planar em uma DVDteca. In: **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia, 2005**/ organizador Daniel Lins. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. Educação popular e participação social: desafios e propostas para hoje. In. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**/ Alessandro Mariano. Organização Fernando Cássio. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

RIBEIRO, Cláudio da Silva, Virginia de Oliveira Silva. **Movimentos Sociais e Educação: rede de ações e letramento para o mundo**. v. 2. – Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2007.

ROST, Mariana. O professor na escola básica e a utilização de recursos de imagem no ensino de Sociologia: uma proposta PIBID. **Revista Café com Sociologia**. Vol.4, Nº1. Jan. - abr. 2015.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, (organizador). **Sobrescritos: Considerações sobre a produção de cronistas, memorialistas e historiadores da região noroeste do Estado do Ceará**. Sobral: Edição do autor, 2011.

SILVA, Ieizi Luciana Fiorelli. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectiva. In: **Sociologia : ensino médio** / Coordenação Amaury César Moraes. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p.(Coleção Explorando o Ensino ; v. 15)

SOUSA, Vicente de Paulo. **A poesia como narrativa do espaço: o bairro e o lugar sob a dinâmica do território na periferia de Sobral/CE**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA / Centro de Ciências Humanas. Sobral, 2019.

SPOSITO, Marília Pontes and CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.** REVISTA USP, São Paulo, n.57, p. 210-226, março/maio 2003.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento.** Tradução e prefácio de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.